

Não há comunicado sobre o encontro Iglesias Cunhal

Pág. 7

Correu mal o encontro entre governo e CGTP - diz José Judas

Pág. 7

Lopes Cardoso ao "DL" Delimitação dos Sectores provoca apreensão

Pág. 6

Deputados aprovam guerra contra horas extraordinárias

Pág. 5

Hoje Ler/Escriver



Guedes da Silva Afinal, o que quer ele?

Pág. 4

Médico admite-o como provável

Análises poderão confirmar um caso de SIDA em Lisboa

Um médico interno de uma instituição hospitalar de Lisboa afirmou-nos, esta manhã, confirmando rumores que chegaram até ao nosso jornal, que poderá ter sido detectado um caso de SIDA (Síndrome Imuno-Deficitária Adquirida) em Portugal. No entanto, o mesmo médico referiu-nos que o caso está

ainda em estudo, sendo, por enquanto, uma hipótese. Se os exames derem como certa a existência de um doente afectado pelo SIDA, tal facto será comunicado à Direcção-Geral de Saúde e à Organização Mundial de Saúde, a quem caberá, segundo o médico por nós con-

tactado, pronunciar-se sobre o assunto. Recorde-se que o SIDA apareceu primeiro nos Estados Unidos, estendendo-se depois à Europa ocidental. Contudo, era até agora dado como certo que a nova «epidemia» não se tinha ainda feito sentir na Península Ibérica. Facto que parece não

corresponder à verdade, uma vez que, segundo informação dada pelo mesmo médico, foram igualmente detectados quatro ou cinco casos de SIDA em Espanha. Praticamente desconhecida até há alguns meses, a «nova» doença tem sido alvo de uma grande campanha internacional de prevenção e constitui

hoje um dos grandes medos da opinião pública norte-americana e europeia, alimentado pelos sucessivos «dossiers», reportagens e artigos publicados na imprensa nos últimos tempos.

Até agora foram registados, em cerca de 15 países, dois mil casos de SIDA, 600 dos quais mortais.

Bulldozers na Lagoa

‘As pessoas sabem que constroem ilegalmente’

Através do seu presidente, Ezequiel Lino, a Câmara Municipal de Sesimbra explicou ontem os objectivos e modalidades da sua acção contra os construtores clandestinos na área da Lagoa de Albufeira. Em síntese, a Câmara insiste sobre o facto de os clandestinos não se poderem queixar de desconhecimento da lei, nem da falta de avisos e admoestações por parte das autoridades...



TAP está em greve

Pág. 24

Pena de morte pode voltar a Inglaterra

Págs. centrais

Ainda pode concorrer

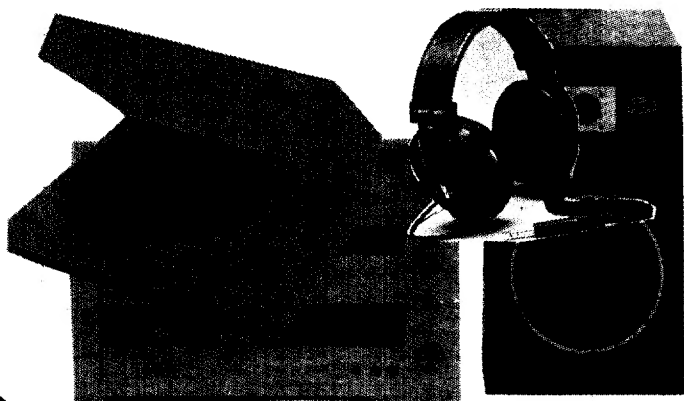
VERA

DL 83

A pedido de leitores que não puderam comprar o "DL" no princípio da semana, e a fim de permitir a todos concorrer, **REPETIMOS HOJE OS CUPÕES N.ºs 1 e 2** (Pág. 2)

HOJE CUPÃO N.º 4 (pág. 2)

...e mais 2 páginas do Álbum dedicado a Carlos Botelho



4.º PRÉMIO
Um sistema PHILIPS de alta fidelidade no valor de 172 contos

Sintonizador, Amplificador, Gira-discos, Gravador de cassettes, duas caixas acústicas, um par de auscultadores estereofónicos e um móvel próprio para acondicionar estes aparelhos. Um sistema completo e de alta qualidade, da reputada marca PHILIPS.

CRÓNICA AGRÍCOLA

A CRISE

Alexandre Ramos

Na semana de 13 a 19 a grande imprensa noticiava o programa de importações de bens alimentares, que para este ano vão

atingir os oitenta e seis milhões de contos e distribuídos conforme segue:

	Milhões/Contos
AGA - Administração Geral do Açúcar e do Alcool	5.9
Instituto do Azeite e Produtos Oleaginosos	29.5
Comissão R. Comércio Bacalhau	8
Junta Nacional das Frutas	0.250
Junta N. Produtos Pecuários	2.500
Emp. Pública Abastecimento Cereais	40.
	86.150

Avancemos um pouco mais no descritivo e na pormenorização destas importações para que os portugueses tomem consciência que gastam em comida vinda do exterior, qualquer coisa, como sete milhões e quinhentos mil contos por mês, ou o que é o mesmo, que duzentos e cinquenta mil contos por dia, ou mil e tantos contos por hora. Considerando três refeições diárias, gasta-se, nem mais nem menos, em média, e em cada uma, oitenta mil contos.

A Administração do Açúcar e do Alcool, vai importar ramos de açúcar, álcoois e melações para álcool. O Instituto do Azeite tem na sua carteira de encomendas 40.000 T de amendoim, 290.000 T de girassol, e cártamo, 700.000 T de soja, 40.400 T de bagaço e de amendoim, 12.300 T de bagaço de girassol, 77.650 T de bagaço de coconote, 5.000 de coconote, 20.000 T de copra, 1.800 T de óleo de palma e 4.000 T de sebo. A Comissão Reguladora do Comércio de Bacalhau vai importar 25.000 T de bacalhau, salgado verde, e 6.000 T de bacalhau salgado seco.

A Junta Nacional de Frutas, vai importar, entre outras mercadorias, 200 T de semente de ervilha, 10 T de semente de feijão, 2 milhões de plantas de morangueiros, 2.000 T de banana verde e 10 T de alhos.

A Junta Nacional de Produtos Pecuários, vai importar 5.000 T de carnes congeladas (bovino com e sem osso), 1.750 T de miudezas congeladas, 4.000 T de manteiga, 5.000 T de leite em pó magro e 150 T de leite em pó gordo.

A EPAC vai importar: 500.000 T de trigo, 2.500.000 T de milho, 265.000 T de sorgo, 40.000 T de arroz, 30.000 T de cevada dística para malte e 5.000 T de semen-

tes. Se juntarmos a este impressionante rol toda a importação privada como por exemplo: a batata de semente, os diversos queijos e toda a gama de produtos de confeitaria e biscoitaria bem como a importação de diversíssimas sementes e propágulos subiremos ainda mais um bom bocado.

A crueza e crueldade dos números referidos impossíveis de quaisquer escamoteamentos são uma das mais sérias e vultuosas razões da **nostra crise**.

Esta **nostra crise** tem duas componentes fundamentais: uma de fatalidade, e outra pecaminosa. A componente fatal é de escassez de terra agrícola, e o clima variado e incerto.

Mas desta componente fatal não é lícito falar, enquanto se não redimirem os pecados de actuação dos homens, dos homens que governam, da classe política, da administração pública que pela sua inércia, pela sua incapacidade, pela sua ignorância, pela sua irresponsabilidade, ou pela sua situação de classe põem em causa o bem estar, a quantidade, a qualidade de vida ou o futuro dos portugueses.

A nossa crise alimentar é mais consequência de acções pecaminosas da governação do que dos acasos azarentos da mãe natureza. O que esta tem são asas grandes que se puxam quando é preciso cobrir os patões da pouca vergonha ou as eiras da esterilidade, ou os lençóis dos boletins de importação.

Vai a Junta das Frutas importar 10 T de semente de feijão, 200 T semente de ervilha, e 2.000.000 de plantas de morangueiros.

Há tempos, um certo Talhada, agricultor, com certa paixão

pelos feijões, para cujo cultivo do Minho ao Algarve, possuímos das melhores condições climáticas do Mundo, abeirou-se de uma casa vendedora de sementes e ofereceu-lhe feijão (semente) reproduzida em Portugal de uma cultivar «standard» americana, mas já há muito internacionalizada. O nosso comerciante que já havia comprado em anos anteriores da semente ao produtor, disse-lhe textualmente: «Oh, meu amigo! **este ano não compro, porque a Junta das Frutas vai importar e, para nós, é mais cómodo.**

FORAM os americanos quem nos tempos modernos produziram as primeiras sementes de feijão devidamente seleccionadas com os múltiplos objectivos do seu consumo: consumo directo de vagem verde, para congelamento (freezing) ou para grão seco.

Datam estes feijões da década de trinta onde se radica uma das cultivares ainda hoje mais populares e espalhadas pelo mundo - o Harvert.

O feijoeiro é uma planta altamente plástica o que quer dizer que oferece um relativo fácil tratamento à manipulação genética e, em consequência, à construção de novos cultivares através da engenharia genética.

Por esta razão foi possível criar cultivares resistentes aos diversos vírus, particularmente ao vírus I e vírus II e resistentes à autracnose.

Assim, existem, hoje, no mercado internacional feijões de excepional qualidade para todos os gostos e feitios: altos, médios e anões com fio e sem fio, largos ou estreitos, para grão verde ou seco, para congelar ou não. O que se quiser.

ENTÃO o que se devia fazer entre nós para evitar hemorragias de dinheiro desnecessário?

Simplesmente isto: à falta de capacidade de produzir as nossas próprias sementes com intervenção genética, o organismo oficial por exemplo: a Junta das Frutas, importaria as sementes que seriam entregues para reprodução a agricultores idóneos por intermédio dos Serviços Agrícolas que dariam a esses agricultores toda a assistência técnica necessária.

A Junta das Frutas obrigaria-se a adquirir a semente para

futura distribuição aos utilizadores industriais ou comerciantes.

Estas são as linhas gerais de todo e qualquer programa de fomento agrícola e de melhoria técnica de produção.

Este é válido para os feijões, para as ervilhas, para os morangueiros ou para as luzernas.

Se porventura qualquer cultivar de muito interesse estiver sob patente, é possível efectuar contrato de «Know How» com o proprietário, para reprodução das sementes.

As sementes avultadas que se pagam pelas plantas de morangos são demasiado penosas, pois, toda a técnica da produção de plantas «frígido» é conhecida. As nossas serras de Trás-os-Montes e Beiras oferecem muito boas condições para a produção de plantas mães.

Do ponto de vista económico, dado não só a desvalorização do escudo, como ainda a barateza do trabalho agrícola, dispõe-se de boas condições para a exportação de sementes.

Os altos preços do mercado internacional pagam devidamente essa actividade. Vale a pena lembrar que há algumas sementes que são exportadas e, depois, novamente importadas em sacos ou saquinhos por mais de dez vezes o seu valor.

ESTE novo senhor ministro da agricultura vem aureolado de boa fama de profissionalismo técnico.

Nada nos garante que um bom técnico possa ser um bom ministro, mas o que se torna cada vez mais difícil é conceber um bom ministro que não seja técnico, pelo menos nas áreas que exigem muito de acções pragmáticas, sem o que as ideias gerais morrem na esterilidade.

Ora o Ministério da Agricultura tem sido um espaço pecador, onde é patente uma esterilidade induzida e hereditária como foi demonstrado pelos últimos quatro ministros em que dificilmente se imagina, onde começa e acaba a cretinice.

Livre-nos, senhor ministro, dos rosários dos pecados dos tagarelas e ignorantes e ponha os portugueses confiantes em seus favores e ideias. Os malfortunados agrícolas rezarão por si os terços certos das esperanças adiadas e os portugueses, todos, lhe agradecerão o quebrar das lanças contra a esterilidade desse Ministério.



ASSEGURE OS EXEMPLARES DO «DL» NECESSÁRIOS PARA CONCORRER

Leitor amigo, não se fie no acaso; reserve o «Diário de Lisboa» no seu vendedor habitual e, se não tiver nenhum posto de venda próximo, ou se por qualquer outro motivo, quiser garantir os seus cupões para o concurso, preencha com letra bem legível este talão, junte um cheque ou vale do correio de 400\$00 (ou 750\$00 para as 2 séries) e envie-nos. Aproveite este preço especial que fazemos apenas para o período do concurso e, além de poupar, terá a certeza de ficar habilitado a concorrer.

ASSINATURAS DL

(VIA NORMAL
PARA O CONTINENTE
E ILHAS)

Considerem-me assinante a partir do dia 4 de Julho de 1983
pelo período correspondente a ☐ 30 jornais (concurso — 1 série) — (400\$00)
☐ 60 jornais (concurso — 2 séries) — (750\$00)

NOME _____

MORADA _____

LOCALIDADE _____ CÓDIGO POSTAL _____

Juntar cheque ou vale de correio e enviar para:
«Diário de Lisboa» Rua Luz Soriano, 44 — 1200 Lisboa

R. Tenente Raul
Cascais, n.º 1-A
1200 LISBOA
Tel: 66 15 15
66 92 05

teatro
do barro
alto

Teatro da Cornucópia

MARIANA ESPERA
CASAMENTO

de Jean Paul Wenzel
Claudine Flévet

ÚLTIMOS DIAS
SÓ ATÉ DOMINGO
4.ª a sábado às 21.30
Domingo às 17 h
Dia 14 ESTREIA
NOVAS PERSPECTIVAS
DE
FRANZ XAVER KROETZ

Ainda há
concorrer

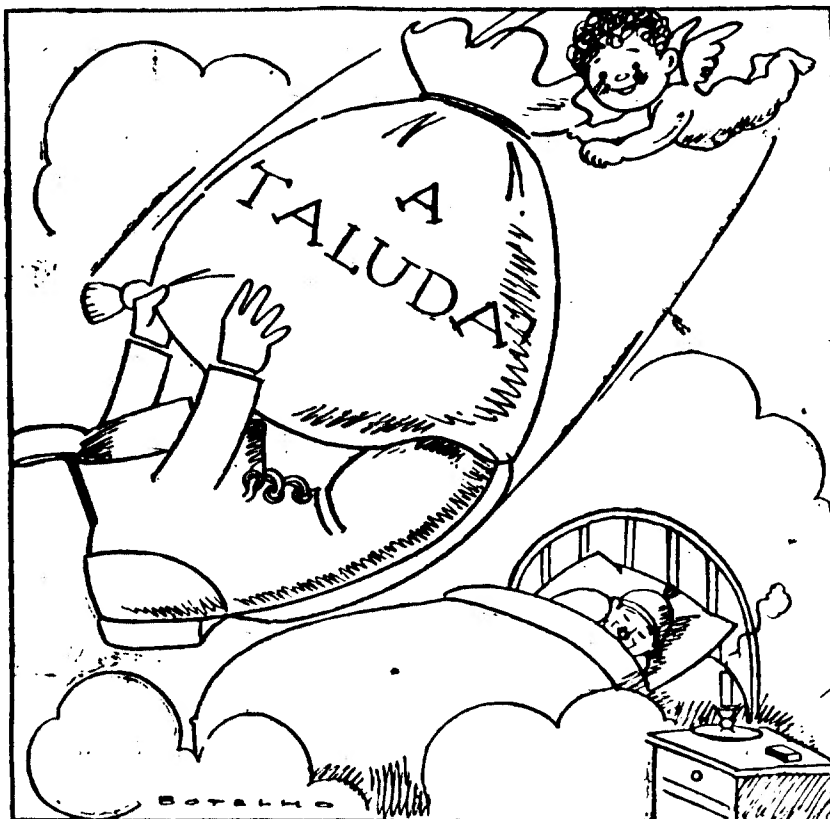
Concurso DL

3.º Álbum SEMPRE FIXE

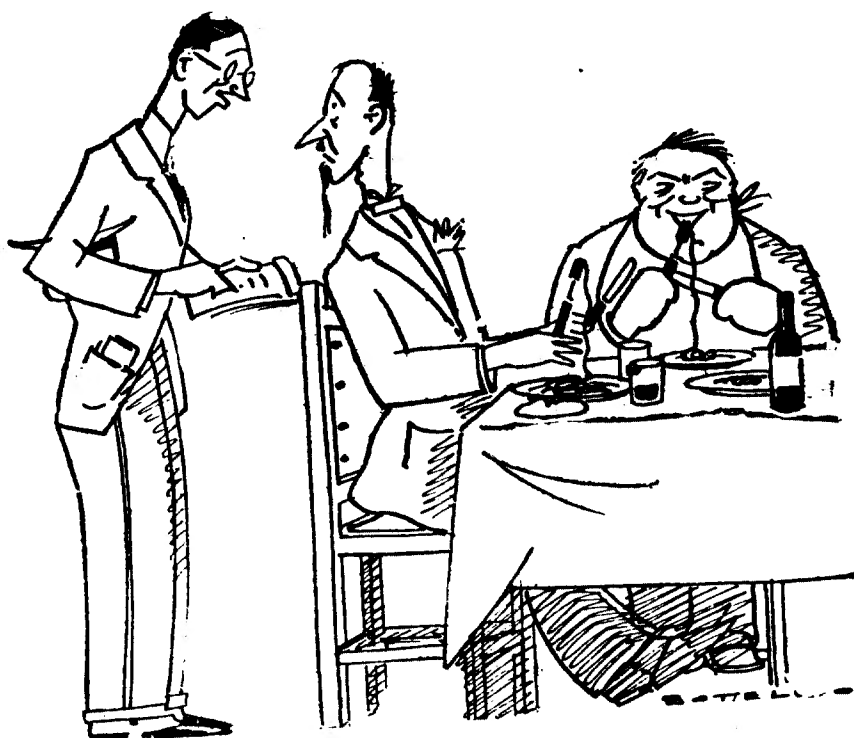
PESADELO



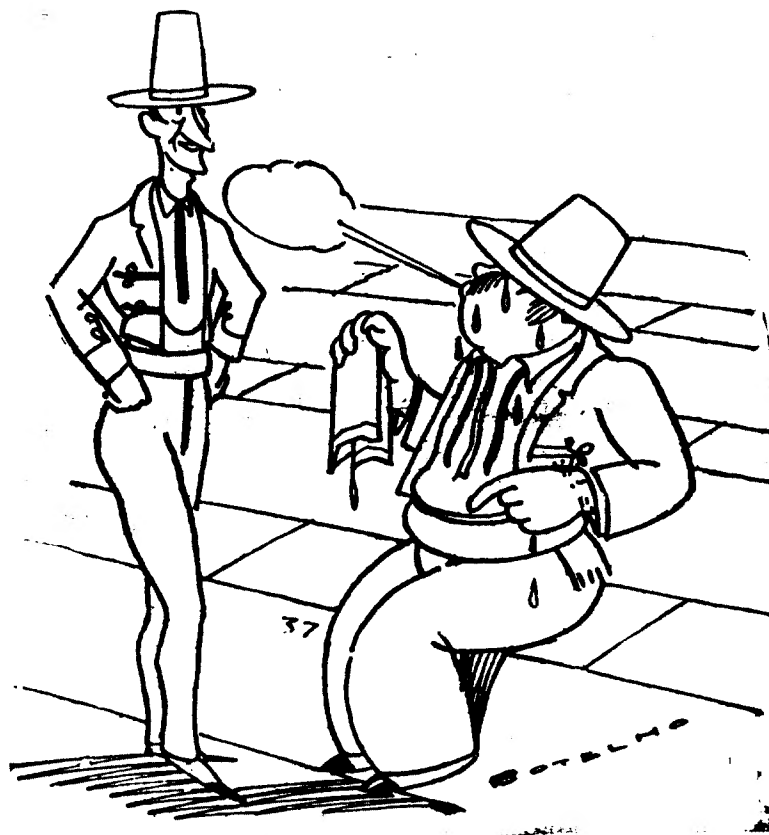
A' sombra da ultima vitória dorme-se bem. O peor são os pesadelos...



Que pena ser um pesadelo!



— Que digo das conferencias que se teem realizado sobre as quedas do Douro?
— Que no tenho tempo ni para «arrolary».



— Estoy «asombrado»!
— Com la muerte de los toros?
— No! Con la falta de «sombra»...

NISSAN DATSUN URVAN

ENTREPOSTO

AINDA ... O SEU MELHOR INVESTIMENTO



NISSAN

Praça José Queirós, n.º 1
1899 LISBOA CODEX
TEL. 31 40 61

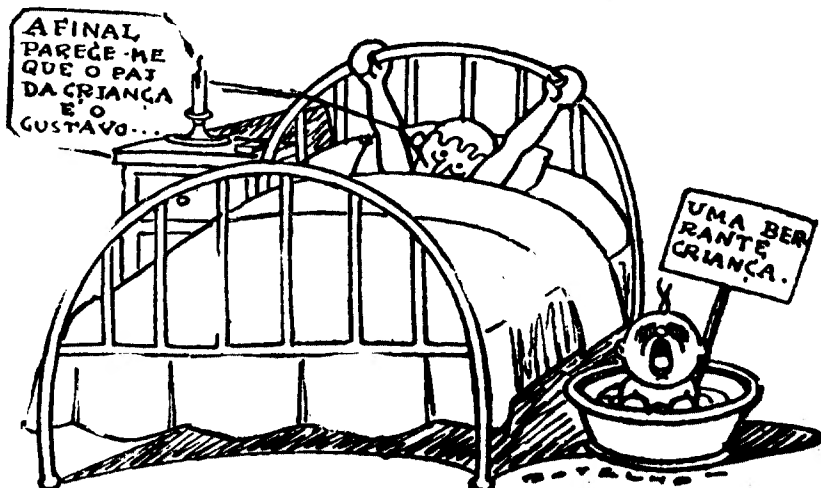
CONCESSIONÁRIOS
EM TODO O PAÍS



3.º Álbum SEMPRE FIXE

Concurso DL

O Bom Sucesso



teve o seu mau sucesso...

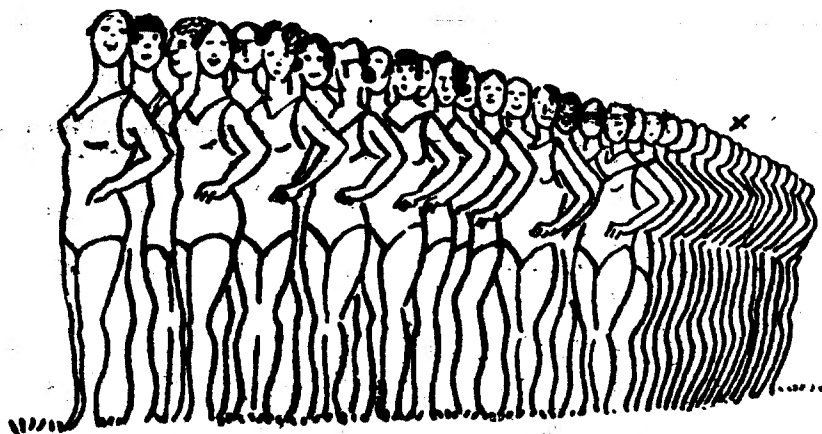


ELA—Antes de nos casarmos chamavas-me «teu anjo». Agora não me dizes nada.
ELE—E' para não ferir o teu amor proprio.

Mulher-homem

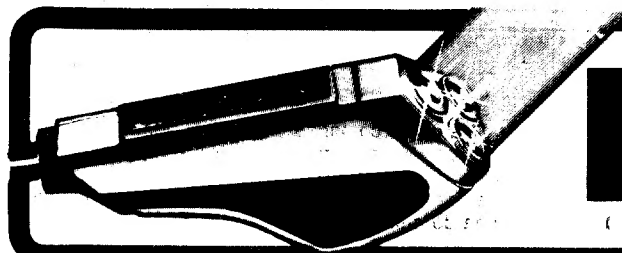


—Perdi o concurso das mulheres bonitas, talvez que no dos homens não fique de fóra.



N. da R.—Nesta fotografia, tirada antes da parada, e onde está o sinal X, vê-se "Miss Portugal", que, como os leitores vêem, se destaca imenso das suas rivais.

8



Philishave o barbear total



PHILIPS

ECORTE POR AQUI



O sofisma da quebra da produtividade

Silva Falcão

Não é só em Portugal que a culpa de todos os males recai nos trabalhadores, designadamente na sua propalada quebra de produtividade, quer dizer da propalada, e sem razão, descida da produção média por trabalhador. Os trabalhadores que não trabalham, ai deles, são os culpados da crise, são os culpados de tudo quanto é mau neste país. É o que se ouve dizer nos salões, nos gabinetes requintados e em restantes locais onde pulula folclórica fauna parasitária. A este propósito largas costas possuem os trabalhadores, a par do chamado gonçalvismo. Pois é. Compare-se a situação económica actual com a que existia em 1975. As conclusões são incontroversas. Oito anos de desvarios conduziram o país para o desastre, que hoje vive. Onde pára o poder de compra de que beneficiavam os portugueses em 1975?

EM 26 de Janeiro de 1979, a principal notícia do «New York Times» reportava-se a uma suposta queda da produtividade da mão-de-obra: os trabalhadores não estavam produzindo o suficiente. Elucidativa a frase de abertura: «O governo Carter disse hoje ao Congresso que a queda da produtividade económica reduziu a capacidade do país de criar mais empregos e melhores condições de vida.» Claro. Lá como cá, os trabalhadores são os grandes réus da carência de empregos e do teor de vida. Mas Carter foi mais longe. O crime vai mais longe e atinge a área da inflação. Possivelmente com o dedo em riste, Carter acrescentou: «Se ignorarmos as realidades do menor crescimento da produtividade — se os governos continuarem a utilizar os recursos sem moderação e os cidadãos privados continuarem a exigir maiores rendas monetárias —, nossos problemas inflacionários irão agravar-se». Esta referência constitui um mero exemplo. Vejamos outro: um editorial da «Business Week», de 19 de Fevereiro, dizia sem rodeios: «Como questão de simples aritmética, só há uma forma pela qual os Estados Unidos podem atingir uma meta de aumentar as rendas com preços estáveis: devem aumentar a produção por homem-hora de seus trabalhadores — ou seja, aumentar a produtividade.»

Citemos por último um artigo inserto na secção de economia do «New York Times» de 8 de Maio de 1979 que representa um aviso dos especialistas para a lentidão do crescimento económico: «Economistas, homens de negócios e funcionários do Governo se vêm preocupando

com uma acentuada queda na taxa de crescimento da produtividade da nação, facto que segundo receiam, reduzirá o crescimento económico e aumentará a inflação e o desemprego». Como se verifica, a mistificação utilizada entre nós não chega a ser original. A única originalidade do caso português reside no aproveitamento do 25 de Abril por parte de quem obviamente não gostou da libertação da terra portuguesa, fascistas declarados ou envergonhados. No tempo e no espaço existe sempre a mesma explicação para as crises: os trabalhadores são os grandes culpados. Esta explicação surge por vezes com uma roupagem habilidosa com a alegação paralela de carência de estabilidade e de excessos de agitação social. No fundo sempre, mas sempre, um profundo ódio à classe operária. Este ódio é bem visível no rapaz que é actualmente o porta-voz da CIP.

UMA ideia preconcebida posta a circular é a de que uma suposta redução da produtividade acarreta a intensificação da inflação. Podem a este respeito considerar-se três maneiras fundamentais de relacionar as duas variáveis, produtividade e inflação. A primeira maneira respeita à situação em que o crescimento dos salários se efectiva a uma taxa mais rápida do que a taxa da produtividade. Nesta hipótese, supondo-se que os capitalistas não querem ver reduzida a sua taxa de lucros, haverá de facto uma subida dos preços. A segunda maneira de relacionamento entre produtividade e preços acontece na situação em que a produção é insuficiente para satisfazer a procura. Neste caso, um aumento de produtividade pode

redundar em maior oferta, o que impede as elevações de preços. A terceira maneira concerne à redução dos preços pelos capitalistas, como reflexo dos menores custos de mão de obra, por unidade de produção resultantes do aumento de produtividade.

ESTE é o cenário tradicional, são as maneiras fundamentais que costumam condicionar as relações entre produtividade e inflação. Não é o cenário português nos últimos anos em que se verificam na matéria contornos evitados de curiosidade, verdadeiramente originais. «A portuguesa», com acréscimos de produtividade e descida dos salários reais. As estatísticas revelam-se perfeitamente claras. Tenho diante de mim relatórios do Banco de Portugal, recheados de dados sobre aspectos básicos da vida do país. São dados de sólida reputação, mesmo a nível internacional. Folheio o relatório relativo ao ano e 1980 e lá encontro os números almejados concernentes a variações da produtividade. Abra-se a página 98. Ali se indica que a taxa de produtividade subiu de 3,9 de 1979 a 1980, quando a variação de 1979 em relação ao ano anterior fora de 3,6. Quer isto dizer que os trabalhadores vêm trabalhando mais nos últimos anos não sendo efectivamente responsáveis pelo agravamento da crise. É certo que se indica no mesmo relatório que os salários reais subiram em 1980, quebrando a tendência verificada desde 1975. No entanto, para além do carácter fictício do aumento de 1980, como demonstrámos em anterior escrito, é incontroverso o agravamento das condições desde os tempos do chamado gonçalvismo até à actualidade. Aumentos de produtivi-

dade ligados a diminuições de salários traduzem uma verdade evidente, a transformação de salários em lucros. É o que se tem chamado de recuperação capitalista. A expressão não agrada a alguma gente, mas é uma afirmação irrefutável. Quem a pode desmentir?

ESTA questão da produtividade apresenta-se tão cristalina, que se estranha que ainda exista tamanha confusão. Mas não podemos esquecer a campanha de intoxicação a que estão sujeitos tantos órgãos de informação cuja parcialidade é soberbamente conhecida. Vejamos o que se passa com a Radiotelevisão. Os comentários relativos ao campo económico são confiados normalmente a Sarsfield Cabral que não é economista e percebe da matéria pouco mais que o Zé ali da mercearia. Ainda recentemente, ouvido acerca da desvalorização do escudo, à desvalorização do escudo disse «nada», preferindo refugiar-se nos terrenos dos ataques ao sector público, uma constante no comportamento dos reacionários. Cabral fala em norma sem opositor, influenciando por forma negativa milhões de pessoas.

A verdade ali está. Aumenta, vem aumentando a taxa de produtividade, apenas se lamentando que não contribua para essa taxa maior número de pessoas. Os parasitas, esses fululam pelo país fora. Neste facto, sim, reside uma explicação válida e uma fonte de preocupação. Os trabalhadores portugueses estão apontando o caminho, estão fornecendo o seu exemplo. Uma pena não serem melhor secundados, inclusivamente por pessoas com especiais responsabilidades.

ponto a ponto

VASCO Cabral, secretário permanente do Comité Central do PAIGC, passa hoje por Lisboa, em trânsito para Viena, onde vai participar nos dias 9 e 10 no segundo diálogo do Forum Internacional das Forças de Paz. Membro do Bureau Político do PAIGC, Vasco Cabral é vice-presidente daquele Forum Internacional. O representante do PAIGC e da Guiné-Bissau integrará-se, no final da reunião de Viena, numa delegação do Forum que irá entregar uma mensagem a representantes da Organização das Nações Unidas.



OS Açores pretendem que o novo acordo luso-francês da base da ilha das Flores consagre maiores contrapartidas financeiras para a Região Autónoma — disse à ANOP, Nunes Liberato. O secretário da Integração Europeia e Cooperação Externa dos Açores escusou-se a adiantar pormenores sobre a proposta açoriana, de revisão do acordo, adiantando que as autoridades regionais pretendem maiores contrapartidas financeiras. O Governo português comunicou ao executivo francês a pretensão de rever o acordo que permite à França utilizar, na ilha açoriana uma estação de telemedida.

O responsável pelas Relações Públicas da ONU recomendou ao respectivo departamento o recrutamento de mais pessoal para assegurar informação escrita e radiofónica em português, anunciaram os serviços da organização em Lisboa. Yasushi Akashi fez esta recomendação na sequência de uma intervenção do delegado de Portugal no Comité de Informação da ONU, em Nova Iorque, Alfredo Duarte Costa, que reiterou a necessidade do uso do português na informação e radiodifusão da organização internacional.

BRITO Carvalho deverá ser o secretário de Estado da Agricultura do Nono Governo Constitucional, disse à ANOP um dirigente social-democrata. A Secretaria de Estado da Agricultura continua sem titular, cerca de um mês após a tomada de posse do actual executivo. O eng. José H. Brito de Carvalho tem vindo a ocupar o cargo de director Regional da Agricultura de Trás-os-Montes.



FREITAS do Amaral obteve por unanimidade a aprovação nas provas de habilitação ao título de agregado do terceiro grupo (Ciências Políticas) da Faculdade de Direito de Lisboa. Para preparar estas provas de habilitação, Freitas do Amaral abandonou, em 29 de Dezembro de 1982, o cargo de vice-primeiro-ministro, bem como o de presidente do CDS.

NO Auditório da Fundação Gulbenkian, realizou-se a cerimónia da entrega do Prémio Gulbenkian de Ciência e Tecnologia, no âmbito das Ciências da Natureza, no valor de 200 contos ao eng. Pedro Gonçalves Pinto da Silva, pelo seu trabalho sobre Estrutura e função das membranas. Presidiu o dr. José de Azeredo Perdigão, presidente da Fundação Gulbenkian, estando ainda presentes o prof. Joel Serrão, administrador da Fundação para o Pelouro da Ciência, o dr. José Ribeiro dos Santos, director do Serviço de Ciência da mesma Instituição, além de representantes das Academias Portuguesas, das Universidades, do Ministério da Educação, do INIC e da Junta de Investigação Científica e Tecnológica do Ultramar.

O Boletim Oficial de Espanha acaba de publicar o diploma que põe em vigor o acordo luso-espanhol sobre cooperação Científica e Técnica no Campo das Ciências da Atmosfera. Este acordo foi assinado em Lisboa em 11 de Maio de 1981, para começar a vigorar a 13 de Junho de 1983, data em que as duas partes fizeram as notificações respectivas mediante a troca de notas, em conformidade com o estabelecido no seu artigo quinto.

O general Lemos Ferreira presidiu à cerimónia de entrega de prémios aos melhores colaboradores da revista «Mais Alto», da Força Aérea Portuguesa. O prémio «Mais Alto» referente ao período de 1982/1983 recebeu o nome do major piloto-aviador Fernando Castelo, morto em combate, em Moçambique, e foi atribuído ao major capelão para-quedista António Pinho Nunes, ao major piloto-aviador Esteves Araújo, ao capitão piloto-aviador João Brandão Ferreira e ao capitão engenheiro-aeronáutico Francisco Bacelar de Melo.



O capitão-de-mar-e-guerra Horácio Gata Metelo de Nápoles, foi empossado no cargo de comandante da Zona Marítima do Sul, em cerimónia que decorreu em Faro. Aquele oficial da Marinha assume também as funções de chefe do Departamento Marítimo da zona e de capitão do Porto de Faro, em acumulação com o de comandante da Defesa Marítima do mesmo porto.

A cobertura do Pentágono

José Gaspar Teixeira

No artigo publicado no «Diário de Lisboa» de 23-6-83, intitulado «A Bela e o Monstro» — Eunice e Cohen tentámos, em síntese, provar como o Pentágono, para a prossecução da doutrina Truman (iniciada em 1945) na base da estratégia da política do domínio pelo terror necessita, para cobertura complementar, além da desvergonha dos seus prostituídos da convivência de alguns Monstros...

NÃO sabemos se a qualificação de *monstro humano* que o prof. Bechert da Universidade de Mogúncia (RFA) atribui a Samuel Cohen tem cabimento ao pai da bomba de hidrogénio, (paternidade também contestada), o cientista americano Edward Teller. Tão-pouco sabemos — nem nos interessa — se Teller é um dos que se autoqualificam de prostituído ao preço de um milhão de dólares por ano. Mas Teller é, de certeza, um pilar científico da política agressiva imposta

à Casa Branca pelo complexo militar-industrial USA, criando e difundindo uma «ideologia» segundo a qual «a intensificação da investigação científica no campo militar é útil para a ciência em geral, pois que dessa actividade resultam subprodutos que, por si só, a justificam plenamente». É o conceito do «spin-off» ou «spin-over», apreciado e justificado pelo economista, também americano, E. Benoit que escreve «A investigação e a criação do domínio militar pode contribuir valiosamente para a economia ci-

vil». Teller, porém, é mais incisivo: «Neste mundo cheio de perigos não podemos garantir a paz senão com a ajuda da força.

Mas não seremos fortes se não estivermos totalmente preparados para utilizar a arma moderna mais poderosa, a bomba termonuclear... A arma nuclear significa, não o fim do mundo, mas o da potência não nuclear... Por sua vez, «guerra técnica» na «ideologia pentagonista» significa «Desenvolver todos os esforços militares de modo a manter a supremacia

técnica à escala mundial, ou de a restabelecer em todos os domínios em que ela foi perdida».

(1) Criticando esta «tendência filosófica» do «spin-off», o professor economista Weidenbaum, adjunto do Ministério das Finanças USA, comentou perante o Congresso: «Os economistas que dão atenção a este problema chegam à conclusão de que os USA consagram muito poucos recursos ao desenvolvimento da investigação e da criação cientí-

Continua na pag. 21

assembleia da república

Parlamentares prolongaram o seu período de trabalho para acabarem com horas extraordinárias

O Parlamento trabalhou até madrugada para autorizar o Governo a restringir o recurso ao trabalho extraordinário. Tendo-se iniciado às 10 horas da manhã de ontem, o plenário apenas foi concluído depois da 1.30 de hoje, com intervalos de duas horas para almoço e jantar. A última parte desta maratona parlamentar foi ocupada, por ironia, pela proposta de lei do Governo sobre o regime de duração de trabalho ou seja, com uma iniciativa que tende à adopção de medidas desincentivadoras do trabalho extraordinário.

A autorização legislativa foi aprovada por maioria com os votos contra do PCP e do CDS e a abstenção do MDP.

O ministro Amândio de Azevedo, do Trabalho e Segurança Social, deu a entender ser sua intenção fazer aumentar os impostos sobre a prestação do trabalho fora do horário normal, designadamente das contribuições para o Fundo de Desemprego. Explicou, no entanto, que apesar desta iniciativa isolada, o seu departamento entende que as alterações a introduzir na legislação laboral «devem ser feitas em bloco para um regime equilibrado que satisfaça os justos interesses dos empresários e tutele os dos trabalhadores».

O Partido Comunista justificou o voto desfavorável dizendo haver «medidas mais urgentes» reivindicadas por organizações de trabalhadores e que o Governo «confessou» à Assembleia da República que «ainda não sabe bem o que vai fazer».

Quanto ao CDS, deixou expressar a opinião de que esta medida desorganizará as empresas e trará sacrifícios aos trabalhadores. «O problema que há neste momento em Portugal não é o trabalho em excesso, mas a falta de trabalho», disse um parlamentar centrista.

Período da tarde

O Parlamento, durante a sessão da tarde de ontem, autorizou o Governo a reprimir o tráfico ilícito de diamantes e a rever o Código da Propriedade Industrial, mas passou a maior parte do tempo a discutir questões processuais.

O detonador de uma longa polémica, que se estendeu entre as 16 e as 20 horas, foi o pedido de autorização legislativa formulado pelo Executivo a propósito da revisão do Código da Propriedade Industrial.

O Governo de Mário Soares pretendeu alargar o âmbito da aplicação das infracções e penas às pessoas singulares que, não sendo agentes oficiais, tenham habitualmente promovido actos e termos de processo junto do Instituto Nacional da Propriedade Industrial.

Também lhe foi concedida autorização, por maioria, para agravar o montante das penas pecuniárias estabelecidas no mesmo Código, o qual se encontra em adiantada fase de revisão.

As dificuldades processuais levantaram-se

quando o Partido Socialista propôs um aditamento ao texto governamental.

O secretário de Estado da Indústria, Carvalho Carreira, acusado de certa «verdura» parlamentar, esclareceu ter já conhecimento da proposta do PS, pelo que surgiram intervalos da oposição.

O PSD pediu então um intervalo que se prolongou das 17 às 18 e 30 horas, coincidindo com o descanso regimental. Finda essa pausa, aquele membro do Governo e o seu colega dos Assuntos Parlamentares, Armando dos Santos Lopes, subscreveram novas propostas do Executivo sobre a mesma matéria.

João Amaral, do PCP, foi o primeiro a levantar entraves à admissão de tal proposta dizendo que as propostas de lei do Governo à Assembleia da República devem ser aprovadas em Conselho de Ministros e assinadas pelo Primeiro-Ministro.

Narana Coissoró, do CDS, acusou o Governo de desrespeito pelas regras do seu próprio funcionamento e das relações com o Parlamento.

Ao fim de cerca de uma hora de debate, a mesa da Assembleia decidiu recusar a admissão das propostas, mas o recurso interposto dessa decisão pela maioria foi aprovado e as iniciativas dos secretários de Estado puderam ser votadas.

Já perto das 20 horas, hora prevista para a conclusão dos trabalhos, o ministro de Estado Almeida Santos, deu entrada no Parlamento e avançou com uma sugestão, em tudo idêntica à que fora formulada por João Amaral: que o Go-

verno, que ele ali representava, retirasse as propostas e que as mesmas fossem subscritas pela maioria.

A meio da tarde, a Assembleia aprovou por maioria — com abstenções da oposição — uma outra autorização permitindo ao Executivo deixar claro que é proibido o tráfico de diamantes.

Os tribunais têm posto em dúvida a validade da legislação incriminatória existente, pelo que o Gabinete — representado pelo ministro Rui Machete — entendeu ser necessário deixar a matéria explicitada, inclusivamente para reforço das relações com Angola, como foi frisado no debate.

Período da manhã

Antes destes «incidentes processuais», o Parlamento, no período da manhã, autorizou o Governo a legislar no sentido de alterar a concessão de utilidade turística e a partilha das receitas do Imposto de Turismo.

A primeira proposta do Executivo de Mário Soares, representado pelo ministro do Comércio, Alvaro Barreto, visou corrigir algumas disposições do regime actual de concessão da utilidade turística.

Já quanto à autorização legislativa para alterar o Imposto de Turismo, no sentido de uma distribuição diferente das receitas, a proposta não teve votos contrários, registando-se abstenções do PCP, do MDP e do deputado «verde».

Lopes Cardoso e a Lei da Delimitação dos Sectores

“Estou apreensivo”

-- disse ao “DL”

A partir de agora abrem-se aos portugueses todas as perspectivas. Podem escolher entre ser banqueiros ou industriais e seguros, adubos ou cimento. Está debelada a crise. O Partido Socialista mudou de opinião e aprovou agora aquilo que num passado recente não aceitava. A AD conseguiu, finalmente, com os votos dos deputados socialistas, a sua maior vitória de sempre. Estes deputados comportaram-se com a maior «disciplina de voto». Meteram na gaveta todos os princípios. Difícil agora é entender de que consta afinal o seu socialismo.

Do conjunto das forças que nas últimas eleições participaram nas listas do PS apenas a UEDS manteve uma posição de coerência e votou contra a lei.

Porquê?

Lopes Cardoso, líder da UEDS explica: «Sempre afirmámos que o nosso acordo com o PS tinha sido subscrito num quadro em que conservávamos a nossa independência e a nossa autonomia, que o PS aliás nunca pôs em causa».

«A nossa posição em relação à lei de delimitação dos sectores era conhecida, tinha sido anunciada claramente durante a discussão do programa do Governo».

«O nosso voto não foi mais que a manutenção de uma posição que tínhamos assumido há muito».

Como vê a UEDS a aprovação desta lei em termos de reflexos futuros?

O nosso juízo é negativo e por isso mesmo votámos contra. Pensamos que representa uma viragem significativa no quadro político-económico do País. É evidente que a legislação que vier a concretizar a autorização legislativa poderá minorar os efeitos negativos da lei. Não pensamos que os possa eliminar.

O PS não teria cedido demasiado nesta matéria?

Não queria pôr a questão em termos de cedências. Há nitidamente uma alteração nas posições do PS, que eu francamente não entendo.

Na sua opinião a chave da recuperação económica estará mesmo na abertura desses sectores à iniciativa privada como muitos pretendem fazer crer?

Penso que ninguém acredita nisso e quem ler o preâmbulo da proposta de lei de autorização legislativa será obrigado a concluir que nem os próprios autores

acreditam.

Quem perde e quem ganha com a nova situação?

Em meu entender perdem todos os que defendem um processo de transformação da sociedade portuguesa no quadro definido pela Constituição. Ganham aqueles que sempre se opuseram a esse processo de transformação.

A AD nunca conseguiu fazer passar esta lei. Conseguiu-o agora com a ajuda dos socialistas. Isto não aproximará excessivamente o PS da política da AD?

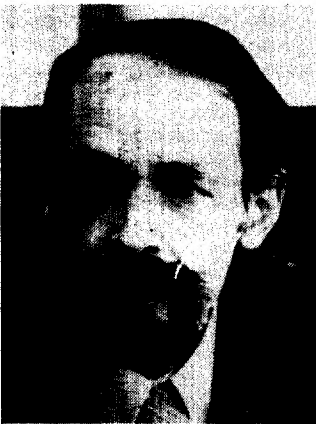
«Eu não tenderei a generalizar. Mas que há uma aproximação no caso concreto da Lei da Delimitação dos Sectores aos pontos de vista que anteriormente foram defendidos pela AD é inegável e seria pura hipocrisia pretender negá-lo».

«Mas tentar generalizar essa aproximação corresponderia a um processo de intenções que eu não pretendo fazer».

A UEDS manterá no futuro esta mesma independência e fidelidade aos princípios que defende, quando se verificarem situações similares?

«Nunca tivemos qualquer escrupulo em votar com qualquer partido seja ele qual for nesta assembleia. Por mais de uma vez fomos criticados por votarmos com o PCP, por mais de uma vez fomos criticados por votarmos com o CDS».

«Nunca foi para nós motivo de preocupação saber quem votaria connosco ou com quem nós votaríamos. Procurámos sempre definir as nossas posições somente em função daquilo que se votava».



«Esse será o nosso comportamento futuro e é evidente que procuraremos manter-nos fiéis aos nossos compromissos e aos nossos princípios».

Não estará o Governo a pedir autorizações legislativas em doses exageradas?

«O que lhe posso dizer é que há um certo número de autorizações legislativas cuja legitimidade me parece duvidosa. Mas o Governo vai ter a oportunidade, à medida que elas forem discutidas, de dizer das suas razões e agiremos em função disso».

Pode citar alguma dessas leis?

«Por exemplo a que estamos a discutir sobre alterações ao Código Industrial».

«Também não me parece que seja de uma extrema urgência a proposta de autorização legislativa em relação à Lei do Arrendamento Rural».

Qual o balanço da acção governativa após as recentes medidas tomadas?

«Não me atreveria a fazer um balanço ao fim de 15 dias. É evidente que os aumentos são desagradáveis e é evidente que foram tomadas uma série de medidas que são impopulares. O julgamento tem que ser feito em face de um enquadramento geral e creio que é cedo ainda para podermos ajuizar. Os aumentos que foram decretados eram inevitáveis. Se poderiam ser menores não estou em condições de ajuizar com rigor. Mas estes aumentos têm que ser encarados num quadro mais geral. Só a partir daí se poderá avaliar do seu verdadeiro significado».

Numa perspectiva de futuro, analisando todos os dados políticos de que dispõe e utilizando também um pouco de «feeling», qual é o seu estado de espírito?

«Estou apreensivo».

Setenta processos estão por despachar

Primeiro-Ministro visitou Tribunal Constitucional

O Primeiro-Ministro visitou ontem as instalações do Tribunal Constitucional e na oportunidade considerou que este novo órgão era «da mais alta importância no ordenamento do Estado democrático português». Entretanto o juiz Nunes de Almeida revelou que 70 dos 80 processos entrados no tribunal, desde a sua posse, a 6 de Abril, ainda não foram despachados. Destes, nenhum é de fiscalização preventiva.

A visita de Mário Soares ao Palácio de Raton, acompanhado do ministro do Equipamento Social, durou cerca de hora e meia e teve por objectivo «revestir da maior dignidade» a instalação do tribunal.

O edifício foi concluído em 1822, ano da primeira Constituição escrita portuguesa. O facto foi sublinhado pelo juiz-conselheiro Marques Guedes, que disse ter um significado especial a instalação do órgão a que preside no Palácio de Raton, por ser este «um dos poucos, senão o único edifício do início do constitucionalismo em Portugal».

Pela mesma razão, o presidente do Tribunal Constitucional entende que a sua decoração, mobiliário e quadros deveria «fazer reviver o ambiente do século XIX», tendo feito uma proposta ao Primeiro-Ministro e ministro do Equipamento Social, no sentido de serem recolhidas peças e móveis das arrecadações de edifícios da época, mormente do Palácio da Ajuda, o que em princípio foi aceite.

Outra «boa notícia» para os juizes constitucionais foi a da libertação da verba atribuída ao Tribunal Constitucional, dentro do OGE, de cerca de 40 mil contos, prometida pelo chefe do Executivo.

O ministro do Equipamento Social vai solicitar que o palácio de Raton, que já está inscrito como «a merecer a atenção do património cultural», venha a ser considerado «edifício histórico», por se tratar de «exemplar único da arquitectura francesa do século XIX entre nós».

A manutenção do edifício e o apoio aos 13 juizes é feito por um quadro de pessoal de 43 elementos, que o presidente Marques Guedes considerou insuficiente.

A compra do edifício aos actuais herdeiros de Raton (família Lima Mayer de Carvalho) cifrou-se em 75 mil contos, as obras de adaptação e restauro custaram 106 mil contos, prevendo-se gastos da ordem dos 18,5 mil contos para mobiliário e apetrechamento, de acordo com elementos fornecidos pelo director-geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Castro Freire.

Congresso do PS

Soares já tem 697 delegados

O número de delegados ao quinto Congresso do PS eleito pela moção de Mário Soares aumentou para 697, enquanto o documento de António Guterres atingia os 135.

A moção da Esquerda Laboral, que tem Marcelo Curto como primeiro subscritor, soma agora 20 delegados, a do ex-deputado António dos Santos «Projecto Socialista uma Razão de Esperança» — subiu para 26 aderentes e a de José Leitão os Mesmos, 3, bem como a de João Gomes — «Uma revolução a operar no interior do partido».

Atente-se que, em termos de distritos, estão ainda por apurar os resultados finais do Porto, Setúbal, Braga, Bragança, Santarém e Leiria e, ainda, os da Federação Regional do Oeste.

A Comissão Organizadora do Congresso continua a analisar recursos a impugnações que lhe têm sido enviados sobre eleições de delegados pelo que estas se deverão ainda prolongar até ao próximo fim-de-semana.

Oposição madeirense denuncia situação financeira alarmante

A Assembleia Regional da Madeira aprovou ontem com os votos do PSD as propostas de Plano e Orçamento Regionais para este ano.

Os partidos da oposição votaram contra. PS e CDS, que haviam abandonado terça-feira a discussão das propostas entraram na sala para a votação.

No período reservado às declarações de voto, Mário Aguiar (PCP) considerou os documentos como «um atestado de incompetência, passado pelo Governo, aos deputados», enquanto Cabral Fernandes (CDS) disse que «o Governo quer camuflar hipocritamente a dívida da região» e salientou que «a actual política populista irá comprometer a autonomia a nível da opinião pública portuguesa».

no telefone com



“Encontro da CGTP com o governo correu mal”

JOSÉ LUIS JUDAS

A necessidade de diálogo com os chamados parceiros sociais tem sido um dos temas mais propagandeados pelo Governo do dr. Mário Soares. Repetidamente se tem falado de trégua social, de concertação, de diálogo. É, pois, com natural curiosidade que a opinião segue os contactos do governo com os representantes dos trabalhadores e do patronato, sendo fundamental saber o que é que os nossos governantes oferecem a uns e a outros.

Recentemente, Mário Soares, acompanhado de alguns dos seus ministros, recebeu uma delegação da CGTP-IN, de que fazia parte José Luis Judas. Ao telefone com este destacado dirigente do movimento sindical, quisemos saber como é que tinha decorrido o encontro.

«Correu mal» — começou por afirmar José Luis Judas.

«Mal? Como e porquê?»

«A nossa participação nesse encontro tinha à partida uma intenção: estabelecer as bases mínimas para um diálogo eficaz com o Governo. Apresentámos pontos concretos, cuja resposta podia criar um ambiente que minorasse o clima de desconfiança que tem existido entre a CGTP e o Governo — um clima que é o resultado de uma política governamental exclusivamente antipopular».

«Falou em pontos concretos. Quais?»

«São 13 e são já do domínio público. De resto são pontos para os quais existe já legislação e o próprio acordo PS-PSD e o próprio programa do Governo contemplam».

«Certo. Mas não se importa de especificar pelo menos alguns desses pontos?»

«Olhe, o pagamento dos salários em atraso a mais de 100.000 trabalhadores, a aplicação das sentenças do Supremo Tribunal Administrativo na zona da Reforma Agrária, a actualização dos salários mínimos e pensões de reforma dentro dos princípios de indexação que o próprio programa do Governo prevê».

«Voltando ao princípio: disse que o encontro correu mal...»

«Bom, da parte do Governo havia a intenção de limitar o diálogo ao que se chama a «institucionalização do diálogo social», que se concretizaria, de acordo com a sua versão, na constituição de um Conselho Económico-Social...»

«...E foi então por isso...»

«Dissemos que à partida não era assunto que nos preocupasse muito e explicámos que até já houve um Conselho Nacional de Rendimentos e Preços, que nunca funcionou, apesar de ter «objectivos de concertação» idênticos».

De qualquer modo convém que fique claro que não recusamos à partida a eventualidade de participar nesse Conselho se ele vier a ser criado — tudo depende da sua composição, do seu funcionamento e dos seus poderes. O curioso é que sobre esse aspecto o próprio Governo disse não ter ainda ideias claras. Estavam ali só para que a gente fosse falando sobre isso».

«E foi aí que as coisas começaram a correr mal...»

«Insistimos que, para nós, o fundamental, para já, era resolver os problemas concretos que afectam centenas de milhares de trabalhadores. É nossa opinião que através da resolução desses problemas podia criar-se um clima psicológico favorável para se darem passos para, digamo, voos mais altos. No entanto o Primeiro Ministro fez logo uma declaração, no mínimo, de hostilidade incontinente contra a CGTP, utilizando expressões como *confronto* e condicionando a nossa participação em órgãos a que constitucionalmente temos direito, ao facto de aceitarmos ou não participar nesse tal Conselho Económico-Social. Chegou ao ponto de dizer que no caso de nele não participarmos, teríamos depois que aceitar o consenso a que os outros participantes nele chegassem, concluindo que, se nós éramos duros, também o Governo seria duro connosco».

«Vocês responderam na mesma moeda, suponho...»

«Não. A nossa réplica foi no sentido de dizer que a nossa linguagem em relação ao Governo não fora essa, e que a nossa disposição para o diálogo com o Governo continuava a ser a mesma — é preciso resolver as situações concretas extremamente gravosas para os trabalhadores».

E que respondeu o dr. Mário Soares?

«Poderemos dizer que depois prevaleceu um pouco mais de bom senso e o Primeiro-Ministro comprometeu-se a que o Governo desse uma resposta a essas questões na próxima reunião com a CGTP».

Já está marcada?

«Sim, é na terça-feira, pelas 16 horas.»

E que espera a CGTP desse encontro?

«Vamos avaliar pela resposta do Governo a sua disponibilidade em estabelecer connosco um diálogo eficaz. Repare-se, no entanto, que já depois desta primeira reunião, e sem que nela nos tivesse sido feita sequer qualquer referência, o ministro do Trabalho já pediu na Assembleia da República uma autorização para legislar sobre trabalho extraordinário».

Resumindo: que comentário faz a tudo o que se passou e o que é que prevê que se possa vir a passar?

«Pessoalmente receio que estes encontros não passem de uma manobra tática visando criar uma imagem dialogante do Governo para posteriormente se cair numa tentativa de isolamento e repressão contra a CGTP. Isto é: poderíamos estar numa encenação em que a primeira fase seria de apelo ao diálogo, uma segunda de um consenso imposto e uma terceira de repressão. Espero, no entanto, que o bom senso por parte do Governo venha a prevalecer. Da nossa parte, qualquer que seja a disposição do Governo, iremos na terça-feira na disposição de dialogar de uma forma séria e responsável. Recordo que num passado recente, e em idênticas funções, o dr. Mário Soares não resistiu à tentação de ceder àqueles que achavam que a solução dos problemas era partir a espinha à Intersindical. Essa política fracassou. Se agora pensam que o caminho é excluir a CGTP dos órgãos e instâncias do Estado em que por direito temos lugar, bom, diremos apenas que isso, além de antidemocrático, é inútil. A força e a influência da CGTP junto dos trabalhadores não lhe vem do Estado, mas do apoio e credibilidade que tem junto desses mesmos trabalhadores».

Ribeiro, Cardoso

Realizado esta manhã na Soeiro Pereira Gomes

Encontro Cunhal-Iglésias não terá comunicado final

Álvaro Cunhal e Gerardo Iglésias, secretário-geral do PCE, mantiveram esta manhã um prolongado encontro, na sede central do PCP, em Lisboa, para análise da situação nos respectivos países e desenvolvimento das relações entre os dois partidos. Iglésias, que chegou à Portela cerca das 10 horas, partiu pouco depois do almoço rumo a Madrid.

Foi a primeira vez, desde que a democracia foi instalada nos dois países, que os secretários-gerais dos respectivos partidos se encontraram oficialmente.

Gerardo Iglésias disse à sua chegada que esta visita insere-se numa linha de aproximação a todos os partidos comunistas, independentemente das suas orientações políticas. O secretário-geral do PCE frisou que as relações dos dois partidos se baseiam no respeito mútuo pelas diferenças que possam existir e recordou que o seu partido continuava a orientar-se por «uma estratégia eurocomunista».

Segundo o «DL» pôde apurar junto de fonte próxima do PCP, não é previsível a publicação de qualquer comunica-

do conjunto sobre a reunião dos secretários-gerais do PCP e do PCE. O dirigente comunista espanhol veio a Lisboa, como já ontem noticiamos, no âmbito dos projectos da actual direcção do seu partido de relançar os contactos a nível internacional.

Iglésias, que já se encontrou, recentemente, com Berlinguer, secretário-geral do Partido Comunista Italiano, e com Fidel Castro, presidente do governo e do Partido Comunista Cubano, tem ainda previsto um encontro com o secretário-geral do Partido Comunista Francês, George Marchais, mas ainda sem data marcada.

Gerardo Iglésias pretende estabelecer com os comunistas portugueses, e concretamente com Álvaro Cunhal, um

tipo de relações diferente das que mantivera o seu antecessor no cargo de secretário-geral, Santiago Carrillo.

Os actuais dirigentes do PCE reconhecem as divergências políticas com os comunistas portugueses, mas consideram que isso «não deve ser impedimento para que se mantenham boas relações entre dois partidos comunistas de países vizinhos».

A visita de Gerardo Iglésias a Portugal coincide com um momento em que o jovem secretário-geral do PCE aparece com o seu poder reforçado dentro do partido, depois de ter vencido o anterior secretário-geral, Santiago Carrillo.

As posições de Iglésias sobre a análise da situação política do país, estratégia a seguir pelo PCE em relação a

esta situação e a preparação do nono congresso, que se realizará de 14 a 18 de Dezembro deste ano, venceram no confronto com as teses defendidas por Santiago Carrillo.

A vitória de Gerardo Iglésias não foi muito acentuada, 43 votos contra 26, mas de significado político para a clarificação de algumas posições internas.

Gerardo Iglésias, confirmou ontem em Madrid que pouco depois de assumir o cargo de secretário-geral do partido, em Dezembro, para que foi proposto por Santiago Carrillo, este propôs-lhe a formação de uma direcção dupla. Gerardo Iglésias opôs-se a esta pretensão de Santiago Carrillo, que não assumiu a situação de ex-secretário-geral, depois de se ter demitido.

TLP informa

PARA MAIOR FACILIDADE DE PAGAMENTO

Nova Tesouraria Novos Horários

Para maior facilidade de pagamento das contas telefónicas, os TLP põem agora à disposição dos seus assinantes uma nova tesouraria na Rua Andrade Corvo (junto à Av. Duque de Loulé).

Novo horário — Tal como as que já existem em Lisboa, Porto e Almada, esta nova Tesouraria estará (também) aberta ao público em horário contínuo e mais cedo, a partir de 1 de Julho.

Os assinantes dos TLP dispõem das seguintes modalidades de pagamento:

Sem encargos adicionais

- Melhor e mais fácil: através de débito em conta bancária.
- Nas Tesourarias dos TLP ou através dos CTT.

Com encargos adicionais (alheios aos TLP)

- Directamente aos balcões dos bancos habituais (Taxa de 100\$00 a partir de 1 de Julho).
- Envio de cheque ou vale postal.

A abertura da nova Tesouraria da Rua Andrade Corvo insere-se num vasto programa de desenvolvimento dos pontos de assistência.

TLP cada vez mais perto dos seus clientes



Telefones de Lisboa e Porto

de ontem para hoje

Khron quer casar-se com portuguesa

O sacerdote Juan Fernandes Khron, condenado em Portugal por tentativa de atentado contra o Papa, pretende casar-se no dia 24 do corrente com uma portuguesa divorciada que esteve em África durante vários anos como missionária. Khron pediu já às autoridades espanholas a documentação necessária para o casamento e anunciou a direcção da Penitenciária onde cumpre a pena que pretende casar-se no dia 24, data em que faz anos. Fontes espanholas manifestaram, contudo, dúvidas de que a documentação possa estar em ordem para essa data.

Enfim: o padre sedevacantista continua a dar que falar, continua a ser notícia, mesmo detido, e agora pretendendo, em poucos dias, dar o nó.

«Capitão Roby» quer ir a banhos

Uma outra figura que volta às páginas dos jornais é o famoso «Capitão Roby», o Portfório Rubirosa à portuguesa, um galã que tarda em viver a realidade e que decidiu entrar em greve da fome até que o ponham ao fresco. O que Jorge Manuel Veríssimo Monteiro pretende é, apenas, sair em liberdade, como afirmou ao «Diário de Notícias» em entrevista a Ferreira de Castro hoje dada à luz por aquele ma-

lutino. «Capitão Roby», um galã cuja espécie está em vias de extinção, decidiu entrar em greve da fome se até 31 do corrente não lhe resolverem o problema, isto é, se não o puserem em liberdade condicional a que se julga com direito. Mas este D. Juan das Mercês diz mais (nas declarações feitas ao «DN»): «A minha pena já está expiada». E também afirma: «Não me posso calar» e «quero sair daqui».

Eng. com a «língua comprida»

E o que diz a Polícia, mas os factos ainda não estão apurados: Joaquim Costa, engenheiro civil, de 42 anos, residente nesta cidade, teria dirigido frases menos corteses ao agente que, instantes antes, ontem, na Rua dos Fanqueiros, o autuara por infracções ao código da estrada. Ainda segundo a corporação, o eng. teria alongado a língua a ponto de proferir frases injuriosas à PSP. Terá sido verdade?

Tiros numa oficina de automóveis

Quatro trabalhadores de uma oficina (clandestina) envolveram-se ontem em desordem na Avenida de Ceuta (onde a dita fica), nas traseiras do Casal Ventoso, tendo dois deles sido atingidos com tiros de armas caçadeiras. Ambos foram internados no Hospital de Santa Maria, enquanto os

agressores (os irmãos Venâncio e Joaquim Lourenço) se punham em fuga — razão pela qual não foi possível efectuar a sua detenção. Onze automóveis ali em reparação não escaparam à ira do duo. Todó se calam na área, argumentando não quererem proble-

Caçadores reúnem-se em Tomar ou Leiria

Caçadores militares, entenda-se. Melhor dizendo: o Batalhão de Caçadores que serviu as FA's entre 1961 e 1963 e que o ano passado reuniu mais de trezentos elementos num almoço de confraternização na Figueira da Foz, voltará a juntar-se, e bem assim os seus familiares, ou em Tomar ou em Leiria. Qualquer «ex-caçador» que queira colaborar na iniciativa deve telefonar para Raul Fernandes, na Figueira da Foz (n.º 23597), ou escrever para a Rua Cândido dos Reis, n.º 45, naquela cidade.

Quinteto que matou 'gnr' em tribunal

Começou ontem no Tribunal de Pombal, com grande aparato e medidas especiais, o julgamento do quinteto acusado de ter assassinado, nas condições já oportunamente referidas pelo «Diário de Lisboa», um agente da GNR. O processo aponta os presumíveis autores do crime como sendo Elias, João da Conceição, Almiro Duarte, João Melo

e José Maria Gomes. São acusados do assassinato de um jovem soldado da GNR, mas têm largo cadastro: assaltos à mão armada a bancos, tesourarias das Finanças e estações dos CTT. A rede de marginais (os mesmos) actuava na zona de Leiria, com ramificações até Pombal. O crime ocorreu em 16 de Março deste ano na estrada da Almagreira, em Pombal.

Arrastões espanhóis multados

Três dos quatro arrastões espanhóis apesados terça-feira no Algarve foram multados em duzentos contos e o outro em 400 mil escudos. «Playa de Bornuebo», «Pepita Clari» e «Romeiro Reis» foram os barcos multados em 200 contos, e «Marquiza de Tilda» o que pagou o dobro. Além das multas foram-lhes confiscados o pescado e as redes.

Jovens desfazem móveis alheios

Jovens entre os 10 e os 14 anos destruíram ontem os móveis de dois andares do n.º 34 da Rua do Guarda-Mor, que faz esquina com a Rua da Cura, na Laza (Madruga). Toda a gente do bairro os conhece, mas os diabretes, potenciais militantes (se não forem reprimidos a tempo), com

todas as condições para a marginalidade, não se envergonham. E, ontem, desfizeram, praticamente, dois andares de móveis e apedrejaram um homem idoso apenas porque ele avisou a Polícia do que se estava ali a passar. Não respeitam ninguém na zona — nem a PSP da esquadra do Caminho Novo.

Água para Vila Real

A primeira fase das obras de abastecimento de água à cidade de Vila Real, que deve arrancar a curto prazo, ascende a 37 milhões de escudos. A Caixa Geral de Depósitos financia o projecto, que aguarda a confirmação da Assembleia Municipal. Entretanto, uma empresa privada apresentou ao município os estudos preliminares para o Aproveitamento Hidroeléctrico do Rio Corgo.

comunicação social

Posição da AID sobre o contrato colectivo dos jornalistas

Face à greve de cinco dias convocada pela Direcção do Sindicato dos Jornalistas, com início no próximo dia 11 do corrente, a Associação da Imprensa Diária (AID) acaba de emitir o comunicado abaixo transcrito sobre o assunto:

«1. A situação das empresas privadas e estatizadas do sector da Imprensa diária tem vindo a degradar-se nos últimos anos, sobretudo a partir do início de 1981, ano em que o Governo de então reduziu o já magro subsídio de papel. E importa esclarecer que único apoio do Estado a todos os jornais diários (sejam eles privados ou estatizados) é este subsídio, uma vez que o porte postal pago para o estrangeiro não é concedido aos jornais diários, e o porte postal pago dentro do País não tem quase significado em termos financeiros.

«2. Os números são claros. Os jornais diários de expansão nacional receberam nos últimos anos as seguintes verbas: 1979 — 107 mil contos; 1980 — 138 mil contos; 1981 — 165 mil contos; 1982 — 101 mil contos; 1983 — 85 mil contos (valor estimado).

«Isto é, enquanto de 1979 a 1981 o apoio do Estado foi sendo relativamente actualizado, a partir de 1982, a pretexto de que os dinheiros da Comunicação Social eram absorvidos pelas agências noticiosas (a Anop primeiro, e depois NP), o apoio passou a ser menor do que o concedido cinco anos antes!

«Uma simples conta permite verificar que o apoio do Estado no corrente ano de 1983 deveria, dentro de uma linha de actualização mínima, ser três vezes superior ao que está fixado.

«3. E parece que nem haveria dificuldades por parte do Governo nessa actualização se for verdade que na Assembleia da República foi afirmado pelo mais alto responsável para a Comunicação Social que não seria difícil encontrar os 280 mil contos necessários para manter as duas agências noticiosas a funcionar, pagas pelo Estado.

«Foram, assim, retirados à Imprensa diária de expansão nacional, cerca de 150 mil contos, indispensáveis para ir ao encontro das reivindicações de quem trabalha neste sector (e recorde-se que os jornalistas são, em número, apenas um quinto do total) e para sustentar a degradação económico-financeira dos jornais:

— degradação agravada pela recente desvalorização do escudo, que provocou um aumento equivalente do preço do papel de jornal.

— degradação agravada na distribuição, com o aumento do preço dos combustíveis e das viaturas, e na produção com o aumento

dos preços de todas as matérias-primas e acessórios utilizadas e que na maioria têm de ser importadas — peças de substituição, papéis fotográficos e películas, tintas, chapas, etc.

«— degradação ainda agravada com a alta dos juros bancários, o alargamento dos prazos de cobrança, etc.

«Perante este panorama, que tem levado a um endividamento cada vez maior das empresas privadas, a subsídios a fundo perdido cada vez mais frequentes às empresas estatizadas, e a uma corrida, por umas e outras, às verbas do Emprego, que fez o Governo?

«Em 1982 reduziu o seu apoio e em 1983 reduziu ainda mais o mesmo apoio. Em vez de 200 mil contos, os jornais diários receberam 101 mil contos em 1981. Em vez de 250 mil contos, receberam em 1983 apenas cerca de 85 mil contos.

«4. A limitação dos aumentos salariais não resulta pois de má vontade, ou má-fé, ou qualquer outra razão misteriosa ou oculta: trata-se pura e simplesmente da falta de meios financeiros por parte das empresas, consequência de uma situação agravada pelo Estado e pelo Governo a partir de 1982.

«A Associação da Imprensa Diária afirmou, em 5 de Janeiro do corrente ano, na 2.ª reunião das negociações de revisão da tabela salarial, que se o Governo revisse a posição em relação ao subsídio de papel a Associação faria de novo as contas e então a sua posição seria alterada».

«Os números do subsídio estão aí, e a alegada má-fé da Associação não existe, a não ser na imaginação do Sindicato dos Jornalistas: onde está a revisão do subsídio? Estará na concessão de um subsídio inferior ao do ano anterior? Mas então com que dinheiro pagariam as empresas salários que estão para além das suas já precárias possibilidades?

«5. Pode pois o Governo determinar por portaria o pagamento de salários mínimos superiores aos que as empresas podem pagar: se tal não for acompanhado por uma verdadeira revisão do subsídio, restituindo à Imprensa diária o que lhe é devido, tratar-se-á de pura demagogia, contrária à anunciada política do Governo, e causadora de conflitos cuja responsabilidade a Associação não assumirá.

«A Associação da Imprensa Diária lamenta profundamente o propósito anunciado de uma greve, com uma duração tal que, na prática, significará a aceleração da destruição dos jornais cujas redacções a ela aderirem, mas não pode, em consciência, assumir nas actuais condições de apoio do Estado, compromissos que as empresas não poderão honrar.»

Intelectuais contestam RTP

«A deformação, manipulação e falta de qualidade da informação da RTP, de um modo geral; a incorrecção e a má dicção da língua portuguesa; a ausência de qualquer critério cultural na escolha dos programas de carácter didáctico; e o novo-riquismo mental e a promoção da mediocridade nos programas recreativos, que são uma quotidiana lição de mau gosto e falta de sensibilidade» — eis o que um grupo de intelectuais não pode acetar na Radiotelevisão Portuguesa.

Efectivamente, assinado por 23 intelectuais, foi agora divulgado um texto em que os signatários protestam contra «o estado a que, nos últimos anos, chegou a televisão estatal portuguesa» e em que pedem uma modificação urgente «que procure a liberdade e a qualidade da informação e o afinamento cultural de toda a programação».

O referido grupo de intelectuais é constituído por Alexandre O'Neill, Alice Jorge, Almeida Faria, António Pedro Vasconcelos, Augusto Abelaira, Casimiro de Brito, Eduardo Prado Coelho, Eugénio de Andrade, Hogan,

Jacinto Prado Coelho, João Abel Manta, José Cardoso Pires, Lagoa Henriques, Manuel Alegre, Noronha da Costa, Nuno Bragança, Nuno Júdice, Nuno Portas, Sá Nogueira, Saudade Cortesão, Sophia de Mello Breyner Andersen, Teresa Salema e Yvette Centeno.

Pormenoriza-se no texto que «o poder que a televisão exerce sobre a mentalidade, os usos e os costumes de uma comunidade só agora começa a ser avaliado em toda a sua extensão.»

Lê-se ainda que «utilizada numa perspectiva correcta, a TV pode ser um instrumento decisivo na melhoria da situação informativa e cultural. Mal utilizada, pode em poucos anos falsear e destruir a cultura que levou séculos a criar e a transmitir.»

Depois de outras pertinentes considerações, aqueles intelectuais afirmam que «Programas como «Bom Dia Portugal», «Querida Televisão» e a inefável telenovela «Origens» representam ou podem representar um verdadeiro projecto anticultural, para o qual não há desculpa possível.»

E mais adiante:

«É estranho que um país que levou a sua cultura e a sua língua aos confins do Mundo e serviu de intermediário entre diversas culturas, agora, através da televisão, forneça aos portugueses um curso diário de estreiteza mental.

«É tempo de os governantes compreenderem que a televisão estatal não pode fazer parte do aparelho ideológico do Estado. É tempo também de compreenderem que a promoção da mediocridade é o maior escândalo que existe no nosso país. Portugal não pode continuar a ser saqueado pela mediocridade.»

E finalmente:

«E perante a recente e vergonhosa suspensão de um programa da «Grande Reportagem» sobre o «apartheid», suspensão que representa a cedência a uma abusiva intromissão de um embaixador estrangeiro, é tempo de todos compreenderem que a incapacidade de assumir a liberdade de informação conduz à incapacidade de assumir a dignidade nacional.»

O voto secreto da classe sobre a greve

A mesa da Assembleia Geral do Sindicato dos Jornalistas deu já por concluído o apuramento dos resultados registados na consulta, por voto secreto, à classe, realizada na sessão da Assembleia Geral do passado dia 29 de Junho. A consulta incidia sobre uma proposta apresentada pela Direcção, de uma greve de 5 dias, de 11 a 15 do mês corrente.

Resultados globais — Inscritos, 1236; votos expressos, 515; «sim», 331 (64,2%); «não», 144 (27,9%); brancos 37 (7,1%); e nulos, 4.

Resultados parciais — Lisboa (incluindo os votos por correspondência), e pela mesma ordem dos resultados globais: 924; 356; 216 (60,7%); 110 (30,9%); brancos, 27 (7,5%); e 3. Porto, 204; 104; 73 (70,2%); 24 (23,1%); 6 (5,7%); e 1. Coimbra, Açores e Madeira, 79; 55; 42 (76,3%); 10 (19,1%); 3 (5,4%); e zero.

«Norte Desportivo» fora das bancas

O bissemanário «Norte Desportivo» não foi hoje publicado, tal como o não foi no domingo passado, «por falta de material noticioso» — declarou à ANOP um dos seus jornalistas.

O informador explicou que a situação no jornal «começou a decair» a partir da morte do seu director, Alves Teixeira, e da consequente entrada para a administração de «gente do CDS».

«Agora não há ninguém à frente do jornal — acrescentou — e quando, no domingo, ele não foi para as bancas, ninguém apareceu a perguntar porquê».

A actual situação surge na sequência da saída dos colaboradores do jornal, fundamentais para o seu funcionamento, pelo facto de não serem «pagos há mais de um ano».

«Mesmo os jornalistas efectivos só são pagos aos poucos e

têm sido inúteis os esforços para contactar este ou aquele administrador, sempre ausentes e que ninguém sabe onde param» — disse ainda aquele elemento do corpo redactorial.

A fonte contactada pela ANOP definiu a actual situação no jornal como «caótica» e considerou que está «eminentemente em perigo a continuidade do «Norte Desportivo».

Prémios Feira Popular

A Feira Popular de Lisboa acaba de anunciar a composição do júri do concurso de Reportagens Escritas e Fotográficas que organiza.

O júri é formado pelos jornalistas Afonso Praça e Baptista-Bastos, pelo fotógrafo Homem Cardoso e por António Tabuada, em representação daquele conhecido certo.

Os trabalhos deverão ser apresentados até 15 de Agosto.

Os prémios são de 40 mil escudos para a melhor reportagem escrita e de 30 mil escudos para a melhor reportagem fotográfica.



FIAT

em Ritmo novo



Fiat em ritmo novo com o seu Novo Ritmo. O Novo Ritmo da Fiat é um carro de linha decisivamente original e inovadora, com custos de exercício muito reduzidos, com um nível de performances e conforto de um carro da classe médio-superior. Dotado de um habitáculo com o maior volume em carros da sua categoria, de um sistema de

ventilação completamente renovado, de novos pára-choques e de uma frente completamente redesenhada com quatro faróis e nova personalização Fiat — 5 barras oblíquas —, e de grande autonomia, aptidão em subida, aceleração, segurança e estabilidade, o Novo Ritmo é efectivamente o carro económico do futuro.

Novo Ritmo da Fiat — A Fiat em ritmo novo

Em Portugal, o Novo Ritmo apresenta-se nas versões 60 e 70. O Novo Ritmo 60 tem um motor de 1116 cm³, com uma potência máxima de 55 cv DIN e uma velocidade máxima de 145 Km/h. O seu consumo, a uma velocidade estabilizada de 90 Km/h, é de 5,6 litros.

O Novo Ritmo 70 tem um motor de 1301 cm³, com uma potência máxima de 68 cv DIN e uma velocidade máxima de 155 Km/h. O seu consumo, a uma velocidade estabilizada de 90 Km/h, é de 5,4 litros.

o futuro é FIAT

Tabalhadores da Lisnave decidiram continuar a luta

Em plenário realizado esta manhã, junto aos estaleiros da Margueira, os trabalhadores da Lisnave não aceitaram o acordo proposto ontem pela administração, tendo decidido prosseguir a luta até que os gestores da empresa apresentem uma proposta concreta que satisfaça as suas reivindicações.

O acordo, que os representantes dos trabalhadores haviam ontem aceite no Ministério do Trabalho, previa que o pessoal da Lisnave retomasse o trabalho em troca da satisfação das suas reivindicações, permitindo assim que a empresa celebrasse um contrato de reparação de navios na ordem dos sete milhões de dólares (mais de 800 mil contos).

Segundo um porta-voz da comissão intersindical, os trabalhadores consideraram, por unanimidade, «muito vagos» os termos do acordo, e daí a sua rejeição.

De referir que a administração da Lisnave havia acordado em pagar até ao dia 11 uma verba de 30 mil escudos a todos os trabalhadores e a regularizar os salários em atraso e os subsídios de férias com as verbas angariadas pelos estaleiros.

O acordo prevê que a administração apresente no prazo de 90 dias um plano de viabilização da empresa, o qual será posteriormente discutido pelos trabalhadores e pelos Ministérios do Trabalho, Indústria e Finanças —

referiu o porta-voz sindical.

Entretanto está prevista para esta tarde uma reunião no Ministério do Trabalho.

Concentração da Stenave dsconvocada

A concentração dos trabalhadores da Setenave junto ao Ministério da Indústria foi ontem desconvocada por este departamento governamental, ter marcado uma reunião para o próximo dia 12 — anunciou a comissão intersindical.

A concentração, prevista para ontem, foi decidida na terça-feira em plenário e visava conseguir que responsáveis do Ministério da Indústria reunissem com os representantes dos trabalhadores da Setenave.

O porta-voz dos órgãos representativos destacou que os trabalhadores da Setenave exigem o saneamento económico-financeiro da empresa e a revogação das medidas «impostas pelo Governo AD para o acabamento do petroleiro S-106, sem prejuízo dos bónus de trabalho a que até lá tinham direito».

Precisou que o saneamento económico-financeiro da empresa passa por apoios para a construção de graneleiros, pela decisão de por em prática o contrato dos «Panamax» pela reestruturação da frota mercante portuguesa, além da resolução dos problemas de tesouraria.

Sindicato dos seguros contra alteração à delimitação dos sectores

A abertura do sector dos seguros à iniciativa privada «não contribuirá para a resolução dos problemas económicos do País», afirma um comunicado do Sindicato dos Trabalhadores dos Seguros do Sul e Ilhas.

Numa moção aprovada pelo conselho geral, aquele sindicato depois de se manifestar «profun-

damente preocupado com a insistência do Governo em possibilitar a abertura de novas companhias de seguros através da alteração da Lei de Delimitação dos Sectores» reafirma o seu «apoio inequívoco» a todas as medidas que o secretariado desenvolver no sentido de inviabilizar os desígnios governamentais.

Sem prejuízo das revisões anuais

Função Pública exige mais 10 por cento de aumentos

No final de um plenário que reuniu os sindicatos da Função Pública, a Frente Comum do sector divulgou, ao fim da tarde de ontem, as 12 medidas que considera mais urgentes para a administração pública, entre as quais um aumento de 10 por cento dos salários actuais, a partir de 1 de Junho, sem prejuízo da garantia da anualidade dos aumentos salariais.

As medidas aprovadas pelos sindicatos da Função Pública dizem respeito à «garantia efectiva dos direitos dos trabalhadores», ao «direito à estabilidade do emprego», à «dignificação das carreiras profissionais», à «defesa do poder de compra» e ao «direito dos cuidados de saúde e à segurança social».

O texto propõe ainda o reco-

nhimento e garantia dos trabalhadores da Função Pública à negociação colectiva e actividade sindical, a participação efectiva dos trabalhadores e seus representantes na definição de políticas sectoriais, designadamente através da participação nos conselhos superiores e comissões interministeriais, bem como a participação nas reestruturações dos serviços e organismos, sobretudo no que se refere à definição de objectivos, organização do trabalho e questões de pessoal.

A Frente Comum justifica o aumento de 10 por cento dos salários com o facto de as revisões salariais em 1981 e 1982 terem sido muito inferiores ao aumento do custo de vida e ainda por o aumento de 17 por cento, em vigor desde Janeiro, ser inferior

ao valor da inflação verificado durante o ano passado, que foi de 22,4 por cento.

Os sindicatos da Função Pública reivindicam igualmente a revogação imediata do diploma de **excedentes** e a anulação dos despedimentos de trabalhadores designados de «eventuais» ou «contratados».

Pretendem igualmente o ingresso nos quadros dos trabalhadores que estejam mais de um ano ao serviço da Função Pública, a qualquer que seja o seu vínculo», assim como a clarificação e enquadramento dos contratos de trabalho com menos de um ano, salvaguardando-se o direito ao trabalho e emprego.

A Frente Comum da Função Pública, para além do aumento

de 10 por cento, propõe a revisão das pensões de aposentação e reforma a partir de 1 de Junho e nas mesmas proporções dos salários dos trabalhadores no activo.

Exige ainda a revisão dos montantes das participações da assistência na doença (ADSE), a revogação das taxas moderadoras e que o início das negociações da revisão dos salários e outras cláusulas pecuniárias para 1984 se processe antes da elaboração do Orçamento Geral do Estado para o próximo ano.

No plenário que antecedeu a conferência de Imprensa foram eleitos os dirigentes que representarão as 30 organizações sindicais que constituem a Frente Comum.

Trabalhadores exigem gestores nomeados pelo Governo

Uma delegação de trabalhadores da CIFA, que na terça-feira se deslocou a Lisboa onde teve contactos com diversos órgãos de soberania, era portadora de um abaixo-assinado subscrito pelo pessoal da empresa e pela população local, no qual se exige que o Estado «nomeie gestores para a empresa, única maneira de evitar o desvio dos dinheiros públicos».

Esta mesma posição foi expressa pelos membros das estru-

turas representativas dos trabalhadores durante os encontros que efectuaram com representantes da Presidência da República, do Gabinete do Primeiro-Ministro, dos diferentes grupos parlamentares da Assembleia da República e do Gabinete do ministro do Trabalho.

Os trabalhadores, que já não recebem salários há cinco meses, afirmam que «foi exigido, no Ministério do Trabalho, que haja no prazo de oito dias uma pro-

posta que responda minimamente às necessidades dos trabalhadores» — lê-se no texto a que já nos referimos.

Acrescenta que pretendem também «evitar que pequenos e médios comerciantes sejam arrastados para a falência, pois dependem em grande parte dos salários dos trabalhadores da CIFA».

Entendem que se deve «obstar a que os subsídios da banca sejam desviados para fins que nada têm a ver com a situação

da empresa» e «impedir que aquilo que é fruto do trabalho dos operários da CIFA seja desviado e vendido noutras empresas do grupo».

Os operários, que entregaram às diferentes entidades o abaixo-assinado com mais de três mil assinaturas de apoio às suas posições, pretendem que «o Governo intervenha assumindo as suas responsabilidades, na resolução dos problemas da empresa».

REPARAÇÕES:
TV
GRAVADORES
VIDEO SOM
AUTO-RÁDIOS
GIRA-DISCOS
HI-FI
ELECTRÓNICA
GERAL

ASS. OFICIAL
MINERVA

TELEVISÃO

CENTRO TÉCNICO
TRANCASTRO & A. OLIVEIRA
REPARAÇÕES DE ELECTRODOMÉSTICOS, LDA.

RUA DE ARROIOS, 25-E • 1100 LISBOA • TELEFONE 541587

A CLASSE MÉDICA

Somos especializados em BATAS profissionais
TINTURARIA GUANABARA — Dep. de Confeccções

Av. João XXI, 5-D — 1000 (Metro Areeiro)
Rua Infante 16, 55-C — 1300 LISBOA

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LOURES

ANÚNCIO

Proc. n.º 124/83 2.ª Secção

FAZ SABER que no dia 21 de Julho de 1983, pelas 9.30 horas, no Tribunal Judicial desta Comarca, nos autos de carta precatória extrajudicial do processo de Execução Sumária n.º 10598/81, da 1.ª Secção do 1.º Juízo Cível de Lisboa que a exequente MATIMAR — Grândes Armazéns de Revenda, Malhas e Confeccções, Lda., com sede em Lisboa move contra ANTONIO NUNES TEIXEIRA, casado, comerciante, residente na Quinta da Quintinha, Lote E, n.º 37, Loja, em Póvoa de Santo Adrião, Loures, há-de ser posta em primeira praça, para ser arrematado ao maior lance oferecido, um lote de 200 camisas, próprias para homem, em estado novo, que se destinavam a venda ao público, feiras e mercados, em vários tons e cores.

Loares, 24 de Junho de 1983

O Juiz de Direito,
José Gil de Jesus Roque
O Escrivão Adjunto,
Jorge Fernandes Vaz

— D.L. — 7/7/83 — 2.ª Publicação

TRIBUNAL DA COMARCA DE LISBOA 14.º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamar o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto dos tais bens no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilatação de vinte dias, que se começará a contar da 2.ª e última publicação do anúncio.

Execução — Sumária n.º 2037 3.ª Secção.

Exequentes — Sociedade Comercial de Representações Fernando S. Amarante, Lda.

Executados — Joaquim da Silva Teodoro e Maria Isabel Lopes Chaleira Teodoro, residentes na Travessa do Teatro, em Abrantes.

Lisboa, 1 de Julho de 1983

O Juiz de Direito,

a) João Henrique Martins Ramires

P.º Escrivão de Direito,

a) Maria Margarida de Oliveira Costa Esteves

D.L. — 7/7/83 — 2.ª Publicação

GRUPO DE CAMPOLIDE COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA

SEXTA 8h e 21.30 e DOMINGO 10h e 16h

TEMPOS DIFICEIS

de R. CORREIA
Enc. J. BENITE

SEXTA 16h e 21.30h

GUERRA? NÃO OBRIGADO

de B. BRECHT
Enc. F. GUSMÃO

DOMINGO 17h e 17h

A menina, o gato e o robot

de J. BENITE

Teatro para a Infância

DESCONTOS DE 50% PARA
DESLOCAÇÕES COLECTIVAS

TEATRO DA ACADEMIA ALMADENSE

R. Cap. Lento, 64 ALMADA - T. 2762176

TRIBUNAL DE FAMÍLIA DE LISBOA 2.º JUÍZO ANÚNCIO

Pelo 2.º Juízo do Tribunal de Família de Lisboa, 3.ª Secção, no Proc. N.º 4.005, correm editos de TRINTA DIAS, contados da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando a ré CAROLINA DA LUZ MAIA casada, ausente em parte incerta, com a última residência conhecida na Rua José Estêvão, n.º 7, Porta 2, em LISBOA, para, no prazo de VINTE DIAS, decorrido o prazo dos editos, contestar, querendo, o pedido de divórcio, litigioso, que lhe move seu marido MANUEL RIBEIRO CUSTÓDIO, casado, residente na Calçada de Arroios, n.º 40-C-2.º Esq. em LISBOA.

O autor pede que seja decretado o divórcio entre ambos, baseando o pedido no Art.º 1781.º do Código Civil.

O duplicado da petição inicial, encontra-se neste Juízo e Secção à sua disposição.

Lisboa, 29 de Junho de 1983

O JUÍZ DE DIREITO
(as. Abílio dos Santos Brandão)
O ESCRIVÃO DE DIREITO,
(as. António Maria Dinis Paulo)
D.L. — 7/7/83 — 2.ª Publicação

ANÚNCIO

Proc. N.º 5759
2.ª Secção

O Doutor FERNANDO DA COSTA SOARES, Juiz de Direito do 5.º Juízo Cível de Lisboa - 2.ª Secção.

Faz saber que pelo Juízo de Direito desta comarca e segunda secção correm editos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio citando os credores desconhecidos do executado A Sociedade de Construções Invicta, SARL, com sede na Rua Passos Manuel, n.º 14-1.º-Porto para no prazo de dez dias, posterior àquela dos editos, deduzirem os seus direitos na execução movida por Manuel Augusto Valente Quadros e mulher Ana Moreira Ferreira e Quadros, residentes na Rua do Mato, Salreu, Estarreja, desde que gozem da garantia real sobre os bens penhorados.

Para constar se passou o presente que vai ser legalmente publicado. Lisboa, 30 de Junho de 1983

O Juiz,
a) Fernando da Costa Soares
Pel' O Escrivão de Direito,
a) João António Martins

D.L. — 7/7/83 — 1.ª Publicação

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE CASCAIS

ANÚNCIO

FAZ-SE SABER, que pelo 2.º Juízo Judicial da Comarca de Cascais e 1.ª Secção, registados sob o n.º 2888, pendem uns autos de INVENTÁRIO FACULTATIVO, a que se procede por óbito de FRANCISCO EMILIANO XAVIER, sendo INVENTARIANTE — FERNANDA DA SILVA XAVIER, onde decorrem editos de trinta dias, que se contarão depois da segunda e última publicação deste, citando para os termos do inventário, o interessado MANUEL DA CONCEIÇÃO GOMES, que teve a sua última morada conhecida em juízo, no Pátio do Espalha, em Tires, e actualmente se encontra ausente em parte incerta do estrangeiro.

Cascais, 20 de Junho de 1983.

O JUÍZ DE DIREITO,
Ass. Rui Mira
O ESCRIVÃO ADJUNTO,
Ass. António Garcia

— D.L. — 7/7/83 — 2.ª publicação



NÃO FAÇA LUME

PROTEJA AS FLORESTAS

As florestas são uma riqueza nacional.

Colebre com a sua atenção e vigilância no desajuste desta riqueza.

França deve 6 milhões de dólares e é credora de 28 milhões

A França foi, no primeiro semestre de 1983, o primeiro solicitador mundial de empréstimos — 6000 milhões de dólares — a seguir aos Estados Unidos — 7300 milhões — do Japão — 6800 milhões — e à frente do Canadá — 5100 milhões — e do Brasil — 5440 milhões — revelam as estatísticas financeiras da OCDE, publicadas em Paris.

Quanto à França, o montante de 6000 milhões de dólares não engloba o empréstimo de 3700 contraído junto da CEE, cuja primeira fatia de 2400 milhões começará a entrar nas caixas do Banco da França, já na terça-feira. A segunda fatia, de 1300 milhões, será recebida em Agosto.

O total dos 6.000 milhões de dólares (46.000 milhões de francos ao câmbio de segunda-feira) compreende o conjunto dos empréstimos a curto, médio e longo prazo, levantados pelos solicitadores do hexágono.

Em contrapartida, a França é detentora de créditos a médio e longo prazo sobre o estrangeiro, computados oficialmente em 213.300 de francos no fim de 1982. Constituídos sobretudo em francos, estes representariam cerca de 28.000 milhões de dólares ao câmbio actual da divisa americana.

Crescimento da União Soviética superior ao dos Estados Unidos

O crescimento económico da União Soviética será ligeiramente superior, este ano, ao dos Estados Unidos, segundo um relatório publicado pelo Fundo Monetário Internacional (FMI).

As avaliações do FMI prevêem que a produção soviética irá aumentar em 2,5 por cento durante o corrente ano, ao passo que a produção americana só aumentará em 2,4 por cento. Esta previsão é menos optimista do que a do governo norte-americano que anunciou no mês passado um crescimento de 5,5 por cento.

Petróleo a 29 dólares pelo menos até 1985

O preço do petróleo manter-se-á no seu actual nível de 29 dólares por barril, pelo menos até 1985 — revelou o ministro saudita do Petróleo, Xequé Yamani.

Em entrevista a publicar no próximo número da revista «Stern», Yamani explica que o actual máximo de produção, fixado em 17,5 milhões de barris por dia, irá sendo aumentado a pouco e pouco, à medida que aumente o consumo.

O mais provável — refere Yamani — é que para 1985 não existam já limites nem quotas de produção, porque não farão falta.

Ao mesmo tempo, Yamani prevê que a Organização dos Países Produtores de Petróleo (OPEP) sofra nos anos 90 «dramáticas transformações», já que muitos países membros não poderão continuar a exportar as suas ramas.

Para Yamani, a autêntica OPEP estará no Golfo Pérsico, porque os países de outras zonas do Globo ver-se-ão obrigados, em parte, a suspender as suas exportações, inclusivamente antes que termine a actual década.

Ordens expressas do Secretário de Estado

Nem um centavo a mais para o OGE/84

O Orçamento do Estado para 1984 terá por denominador rigorosamente fixo a inexistência de qualquer aumento dos valores globais inicialmente aprovados para 1983 — estabelece uma directiva do secretário de Estado do Orçamento, a que à ANOP teve hoje acesso.

Enviada para todos os departamentos da Direcção-Geral de Contabilidade Pública e a outros

serviços do Estado, a directiva considera a redução das despesas públicas como absolutamente necessária tendo em conta os gravíssimos desequilíbrios que neste momento caracterizam a realidade económico-financeira portuguesa.

Recomenda aos dirigentes dos serviços através da mais enérgica restrição das despe-

sas, adopção de critério de estrita racionalidade económica e eliminação de tarefas e até de estruturas orgânicas que possam mostrar-se dispensáveis, que apresentem os respectivos projectos de Orçamento para 1984 pautados por valores que se integram nos parâmetros daquele modelo de contenção da despesa pública.

De harmonia com o princípio

de contenção enunciado, em que os projectos de Orçamento não poderão deixar de nivelar-se, rigidamente, pelos valores nominais do Orçamento inicial de 1983, os serviços, face aos acréscimos entretanto verificados nas despesas com o pessoal terão que encontrar as necessárias compensações de molde a preservar a observância rigorosa daquele princípio.

Défice de nove milhões, seis anos depois

Orçamento açoriano dez vezes superior ao do primeiro ano de autonomia

O Orçamento da Região Autónoma dos Açores, que hoje entrou em vigor com a publicação no «Diário da República», acusa um défice de nove milhões e 147 mil contos, cujo financiamento será realizado pelo Orçamento do Governo Central e o recuso ao crédito externo.

Trata-se de cobrir despesas no montante de 16 milhões de

contos, das quais 8,429 milhões em despesas correntes e 7,571 milhões em despesas de investimento. O défice para 1983 é superior em dois milhões de contos ao do Orçamento do ano passado o que corresponde a um agravamento de 28,9 por cento.

Segundo a introdução ao Decreto Regulamentar Regional que aprova o documento, o dé-

fice, que contradiz o clássico princípio do equilíbrio orçamental, é o que corresponde às actuais necessidades de investimento da Região, que ainda ostenta enormes carências em sectores vitais, como o das infraestruturas básicas de desenvolvimento, ainda longe dos padrões tecnológicos actuais.

Tivesse o actual esforço de

investimento sido realizado nas décadas precedentes — sublinha o diploma — e outro seria o quadro das nossas finanças regionais.

Há seis anos, quando do primeiro Orçamento da autonomia açoriana, o montante das despesas orçava apenas por 1,661 milhões de contos, ou seja, um décimo das despesas actuais.

Restrições americanas preocupam a Europa

A decisão americana de limitar, durante quatro anos, as importações de aços especiais, suscitou grande preocupação em Bruxelas onde se nota que essa medida surge a pouco mais de um mês do fim da cimeira de Williamsburg, onde os sete grandes países industrializados reafirmaram o seu empenho na luta contra as tendências proteccionistas.

A Comissão Europeia ainda não foi informada oficialmente da decisão americana e, numa primeira reacção, deu a entender que essa medida viola as regras do GATT (Acordo Geral sobre as Tarifas Aduaneiras e Comércio). Com efeito, a Comissão contesta que as importações de aços especiais pelos Estados Unidos sejam a causa das dificuldades nesse sector da indústria ameri-

cana, o que significa implicitamente que para a Comissão o governo norte-americano não pode, segundo as regras do GATT, tomar tais medidas.

A comissão também deu a entender que poderá tomar medidas compensatórias contra os Estados Unidos, ao abrigo das normas do GATT.

A Comissão sublinhou que várias categorias de aços espe-

ciais, às quais já são aplicados direitos anti-dumping» e direitos compensatórios, vão passar a ser atingidos duas vezes pelas medidas restritivas à importação.

Entre 1976 e 1980 as importações de aços especiais pelos Estados Unidos foram contingenciadas, o que teve por resultado que as exportações da CEE para além-atlântico estagnaram.

Enquanto Portugal apresa barcos

Acordo de pescas com Espanha em nova fase de negociações

As autoridades espanholas esperam nos próximos dias uma resposta do Governo português à proposta de um acordo provisório de curta duração para que as frotas dos dois países possam começar a pescar — revelaram fontes oficiais.

A alternativa será — afirmaram as mesmas fontes — a marcação de uma data para o início de negociações de um acordo «mais amplo e duradouro».

Os secretários de Estado das Pescas de Portugal e da Espanha, Faria dos Santos e Miguel de Oliver, respectivamente, tiveram nos últimos dois dias diversos contactos telefónicos, com o objectivo de encontrar uma solução.

A nível dos ministros de Negócios Estrangeiros, também tem havido contactos. Além disso, é provável que o ministro de Negócios Estrangeiros de Portugal, Jaime Gama, faça nos próximos dias uma escala técnica em Madrid, para ter uma reunião com o seu homólogo espanhol, Fernando Moran, em que seria tratado este tema como mais urgente e se prepararia um próximo encontro de trabalho entre os presidentes dos Governos, Mário Soares e Felipe Gonzalez, para tratarem do conjunto das relações luso-espanholas.

As autoridades espanholas manifestam-se «confiantes em que nos próximos dias

possa encontrar-se uma solução para o contencioso das pescas que passe pela autorização para que as frotas que se encontram paralisadas desde Janeiro possam sair a pescar».

Esta solução provisória poderia durar até ao fim do Verão, ocasião em que se deveria marcar uma data para o início das negociações.

«Sempre confiamos nas autoridades portuguesas para se encontrar uma solução que permita desbloquear e sobretudo desdramatizar a situação nas relações das pescas» — afirmou à ANOP o secretário de Estado espanhol das Pescas, Miguel Oliver.

«Pensamos que com as frotas a pescar, sem as tensões dos últimos meses, será muito mais fácil e vantajoso para as duas partes sentarmo-nos a negociar, mais serenamente, procurando as vantagens de maior interesse para cada um dos países» — acrescentou.

As autoridades espanholas reiteram que «seria de interesse para o sector pesqueiro dos dois países e para o ambiente das negociações evitar as tensões e isto conseguir-se-á permitindo que as frotas possam sair a pescar».

Barcos espanhóis multados no Algarve

As autoridades portuguesas impuseram multas de 200

mil escudos a cada um dos quatro barcos espanhóis apresados na terça-feira quando pescavam em águas portuguesas, informaram os armadores.

Os barcos apresados foram o «Pepita Clares», «Romero Reyes» e «Playa de Bolnuevo», com base no porto de ilha Cristina e o «Marquesa de Tilde», com base em Ayamonte.

As embarcações permanecem retidas no porto de Olhão, à espera que os armadores paguem as multas.

A multa imposta aos barcos espanhóis é a de menor significado entre as estipuladas para os barcos que são apresados por pescar sem licença em águas portuguesas.

Os quatro barcos foram apresados na terça-feira em águas portuguesas, sem licenças, que actualmente não existem, dada a falta de acordo em matéria de pesca entre os dois países desde 1 de Janeiro de 1983.

Terça-feira, estabeleceram-se os primeiros contactos telefónicos entre os secretários de Estado da Pesca de Portugal, Faria dos Santos, e de Espanha, Miguel Oliver, com o objectivo de desbloquear a situação.

Também já se estabeleceram contactos entre os ministros de Negócios Estrangeiros, Fernando Moran e Jaime Gama, com o mesmo objectivo.

JUVENTUS

FESTIVAL DA INFÂNCIA E JUVENTUDE

8-13 JULHO

PROGRAMA

8 JULHO SEXTA-FEIRA		PAV. 9	
16H00 PAV. 1	OS CÓMICOS DA ELECTRO-ESTÁTICA	16H00 PAV. 1	"A MENINA, O GATO E O ROBOT"
PAV. 4	MINI-BASQUET — Escolas do Estoril-Praia/Algés	PAV. 4	Grupo de teatro de Campolide
AUD. 1	FESTIVAL "PANTERA COR-DE-ROSA" (Sessões Contínuas)	STAND BD (PAV. 2)	Sessão de autógrafos com JESUS BLASCO
16H30 PAV. 1	FILMES DESPORTIVOS E CULTURAIS (Sessões Contínuas)	AUD. 1	FESTIVAL "PANTERA COR-DE-ROSA" (Sessões Contínuas)
17H00 PAV. 4	ANDEBOL — Classes de Iniciação do Belenenses	16H30 PAV. 1	FILMES DESPORTIVOS E CULTURAIS (Sessões Contínuas)
18H00 PAV. 1	OS CÓMICOS DA ELECTRO-ESTÁTICA	17H00 PAV. 4	BOXE — Encontro Sporting/Beira-Mar
PAV. 4	BASQUETEBOL — Desafio Algés/CDUL	STAND BD (PAV. 2)	Sessão de autógrafos com JOSÉ RUY
19H00 PAV. 4	XADREZ — Equipa do Belenenses	18H00 PAV. 1	OS CÓMICOS DA ELECTRO-ESTÁTICA
20H30 PAV. 1	OS CÓMICOS DA ELECTRO-ESTÁTICA	PAV. 4	ANDEBOL FEMININO — Desafio Oeiras/Beira-Mar
21H00 PAV. 9	"O REI UBU"	STAND BD (PAV. 2)	Sessão de autógrafos com JOSÉ GARCÉS
21H30 AUD. 2	"O ARGUMENTO E A IMAGEM NA BD"	19H00 PAV. 4	GINÁSTICA RÍTMICA — Classes do SAD
22H00 PAV. 5	Colóquio com Vitor Mesquita e Tony Rhodes	20H30 PAV. 1	OS CÓMICOS DA ELECTRO-ESTÁTICA
22H00 PAV. 5	Show Musical de FERNANDO PEREIRA	21H00 PAV. 9	"A EXCEÇÃO E A REGRA"
9 JULHO SÁBADO		AUD. 1	Mesa Redonda com JESUS BLASCO
16H00 PAV. 1	OS CÓMICOS DA ELECTRO-ESTÁTICA	Entrega do "TROFÉU MOSQUITO"	
PAV. 4	JUDO — Clube Atlético de Campo de Ourique	22H00 PAV. 5	"FRAGILE" — Concerto Rock
		23H00 AUD. 1	Sessão de BD Ao-Vivo com AUGUSTO TRIGO

4 FESTIVAIS SIMULTÂNEOS

MÚSICA - TEATRO - CINEMA - DESPORTO

Um Festival Permanente de Juventude

ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA / FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

O aparelho está em Paris

Piores do regime de Teerão
ram boeing da "Iran Air"

adrugada no aeroporto de Orly, perto de Paris, o avião das linhas aéreas
sviado por um comando de «Mudjahidin Kalk».

rigir-se para Paris pelos pira-
tas, apesar da proibição que
as autoridades francesas lhe
tinham feito de sobrevoar terri-
tório francês.

Entretanto, o «comando»
ameaçou esta manhã fazer
explodir o Boeing caso as for-
ças da polícia que o cerca
desde que aterrou na placa do
aeroporto de Orly não desapare-
çam «da sua vista». Conse-
quentemente, as forças polí-
ciais recuaram, tendo as auto-
ridades francesas entrado em
contacto com os piratas do ar
por intermédio da torre de con-
trole do aeroporto.

Por outro lado, e após esse
contacto, os sequestradores
do aparelho fizeram saber que
se queriam encontrar com
Mussad Radjavi, dirigente dos
Mudjahidin Khalq — Mudjai-
dine do Povo — que se encon-
tra exilado em Paris. Os pira-
tas do ar chegaram ainda a
acordo com as autoridades
francesas para se proceder à
evacuação de dois passagei-
ros, relativamente aos quais

não se sabe se estão feridos
ou doentes. Até ao momento,
uma ambulância aproximou-
se do aparelho, cujas portas
laterais foram abertas para
permitir a saída dos dois aci-
dentados.

Teerão critica o Koweit
a França e os EUA

A rádio iraniana criticou hoje
de manhã a atitude das autori-
dades koweitianas no caso do
desvio do Boeing da Iran Air,
considerando que, «ao atestar
completamente o avião em
carburante e ao autorizá-lo a
levantar voo, deram o seu
apoio aos piratas do ar e ao
terrorismo internacional».

A emissora afirmou igual-
mente que as autoridades do
Koweit «recusaram colaborar
com o governo iraniano».

Por seu lado, o «hodjatoles-
lam» Hachemi Rafsanjani,
presidente do Parlamento isl-
âmico iraniano, pôs hoje em
causa o «Koweit, a França e

os Estados Unidos, no desvio
do avião da Iran Air».

Falando esta manhã na
abertura do debate parlamen-
tar, o «hodjatoleslam» Rafsan-
jani pediu «aos povos de todo
o mundo para responderem a
este género de conspiração,
com vista a aniquilar o regime
de Israel e (...) cortar as mãos
da reacção na região, muito
especialmente a esses milio-
nários do Golfo Pérsico que
se associaram a tais conspira-
ções».

«Pode pensar-se que isso
se deva totalmente ao acaso
e que esse desvio se tenha
registrado na véspera do Dia
de Qods (Jerusalém)», disse
o presidente do Parlamento isl-
âmico iraniano, recordando
que, no ano passado, e nas
mesmas circunstâncias, tinha
sido assassinado um impor-
tante dignitário religioso re-
gional. O Dia de Qods, fixado
na sexta-feira, é assinalado
por manifestações destinadas
a denunciar «a ocupação da
Palestina».

Grã Bretanha

Para dos Comuns irá votar
reestabelecimento da pena de morte

sição à pena capital, William
Whitelaw. O seu sucessor, Leon
Brittan, passa por favorável ao
enfrentamento das ameaças em
casos de terrorismo. Essa ideia
não parece ser partilhada pela
maioria do gabinete. A própria
Margaret Thatcher a excluiu
numa entrevista recente à BBC.

O debate, que versará o prin-
cípio do restabelecimento da
força e os crimes que poderia
sancionar — actos de terrorismo,
assassinatos de crianças ou po-
lícticos, por exemplo — será se-
guido de uma votação livre, isto é
sem instruções dos grupos par-
lamentares.

Se o êxito dos adversários da
pena de morte parece assegura-
do, poderá, contudo, ser mais
estreito que no passado, pro-
nóstico dos observadores. Com
efeito, entre os 58 novos deputa-
dos conservadores eleitos em 9
de Junho, muitos são conotados
à direita.

Em 1979, pouco após a che-
gada de Thatcher ao poder, o
restabelecimento da pena de
morte foi recusado por 362 votos
contra 243, isto é com uma
maioria de 119 votos. Em Maio
de 1982, uma nova votação ele-
vou essa maioria para 161.

Durante as últimas semanas,
alguns partidários e adversários
da pena capital fizeram-se ouvir.
A hierarquia da Polícia e os
guardas prisionais reclamaram o
restabelecimento.

As duas maiores Igrejas da
Grã-Bretanha, a Anglicana e a
Metodista, bem como os bispos
católicos da Irlanda do Norte,
declararam-se contra a pena de
morte.

EUA aceleram
pena de morte

O Supremo Tribunal dos Esta-
dos Unidos encurtou hoje os
processos jurídicos de concreti-
zação da pena de morte e otor-
gou aos tribunais de apelação do
direito de acelerarem as execu-
ções.

A decisão encurtará a vida dos
mais de mil réus, condenados à
pena de morte, e que apelaram
para diversas instâncias de ape-
lação.

A medida surgiu no segui-
mento do caso de Thomas Bar-
feot, condenado à morte, e que
recorreu a um tribunal de ape-
lação pouco antes de ser execu-
tado.

O Tribunal Supremo decidiu
que Barfeot não merecia esta
última apelação e que poderia ter
sido executado então.

O Tribunal Supremo resolveu
que os tribunais de apelação po-
derão recusar as petições de ab-
solução apresentadas à última
hora e ordenar a execução na
altura fixada.

Um total de 1050 condenados
aguardam execução nos Esta-
dos Unidos, número sem prece-
dentes desde o aumento das
condenações observada nos úl-
timos anos.

Não haverá

"nuclear"

ao pé de Toledo

O MINISTÉRIO DA DEFESA
ESPANHOL desmentiu a exis-
tência de instalações secretas
norte-americanas próximo de
Toledo, a uma centena de quiló-
metros de Madrid. Segundo o
ministério existe apenas no local
um centro de detecção de
explosões atómicas.

Quinze dias após a visita do Papa à Polónia

Jaruzelski condecorado
com a "Ordem Lenine"

Quinze dias após a visita do
Papa João Paulo II à Polónia, a
União Soviética reiterou a sua
confiança no General Wojciech
Jaruzelski ao conceder-lhe a
Ordem de Lenine por ocasião do
seu 60.º aniversário, consideram
os observadores ocidentais em
Varsóvia.

Curiosamente, porém, a im-
prensa oficial polaca absteve-se
de referir expressamente o acon-
tecimento, limitando-se a indicar
que além dos «cordiais votos de
bom êxito», o General Jaruzelski
foi objecto de «distinções hono-
ríficas» por parte das «autorida-
des dos países socialistas ir-
mãos».

Na agência PAP explicam que
«por modéstia» o General mani-
festou o desejo de que não se dê
importância excessiva à cele-
bração do seu aniversário.

A condecoração soviética
faz-se acompanhar de conside-
rands calorosos que ganham
todo o seu significado em função
das duas advertências feitas aos
dirigentes polacos — na altura o
General Jaruzelski e o primeiro
secretário Stanislaw Kania — em
Junho e Setembro de 1981.

A mensagem do mês de Junho
criticava os dois estadistas pela
sua incapacidade em «fazerem
frente à contra-revolução»,
alertando-os contra o «perigo
mortal» que «o curso dos acon-
tecimentos», fazia correr às
«conquistas do socialismo» na
Polónia.

Em Setembro de 1981, o
Kremlin denunciara a «indul-
gência» das autoridades polacas
«perante as manifestações de
anti-sovietismo», falando de
uma «enorme brecha nas rela-
ções entre a Polónia e a União
Soviética».

O General Jaruzelski acaba de
ser condecorado pelos «méritos
evidenciados no desenvolvi-
mento da amizade fraterna e da

cooperação entre os povos so-
viético e polaco».

Referido como «grande diri-
gente do partido» e «eminente
figura do movimento comunista e
operário internacional», o diri-
gente polaco pode assim ter
como certo o apoio da URSS no
momento em que o seu Partido
prepara um plenário ideológico
susceptível de anteceder uma
remodelação das instâncias diri-
gentes.

Tal apoio é-lhe tanto mais ne-
cessário quanto alguns dos seus
adversários na direcção do
POUP criticaram recentemente
o facto de ter permitido que a
peregrinação do Papa João
Paulo II à Polónia se transfor-
masse num verdadeiro «festival
anti-socialista».

É todavia evidente que do
ponto de vista de Moscovo o Ge-
neral Jaruzelski não se desem-
penhou ainda das tarefas que
dele ainda se esperam e que o
comité central do PCUS definiu
como «inversão do curso dos
acontecimentos».

É com efeito, no presente que
as mais altas autoridades do Es-
tado soviético evocam, na sua
última mensagem, a luta travada
pelo General, à frente do seu
partido, «para fazer sair no mais
breve prazo (a Polónia) da crise,
bem como para normalizar a vida
política e económica da socie-
dade».

Hungria, Roménia e Che-
coslováquia

O general Wojciech Jaruzelski
foi condecorado com a «Ordem
de Diamante da Bandeira da Re-
pública Popular da Hungria» e
com a «Estrela da República
Socialista Romena — 1.ª classe».

Segundo a agência MTI os di-
rigentes húngaros concederam
essa distinção ao número um po-
laco «em reconhecimento pela

sua actividade na defesa do so-
cialismo e pelo reforço da uni-
dade dos países socialistas».

O jornal do Partido Húngaro
«Nepszabadsag» sublinha
ontem que «numa situação cru-
cial, Wojciech Jaruzelski assu-
miu a direcção das forças que
viam a possibilidade de salvar a
nação cortando o avanço dos
contra-revolucionários» e prepa-
rando «as condições duma re-
novação socialista».

Segundo a «Agerpress» a dis-
tinção romena foi-lhe atribuída
pela «contribuição do líder po-
laco para a amizade romeno-
polaca e para a causa geral do
socialismo».

Por outro lado, a ordem Kle-
ment Gottwald, uma das mais
altas distinções honoríficas che-
coslovacas, foi concedida a
Wojciech Jaruzelski ao passar o
seu 60.º aniversário natalício,
anuncia na sua edição de ontem
o «Rude Pravo», órgão do PC
checoslovaco.

Numa mensagem de felicita-
ções dirigida ao dirigente polaco
e citada pelo jornal, o chefe do
Estado e do Partido Checoslo-
vacos, Gustav Husak, aprecia
designadamente «a ponderação
e o valor» demonstrado pelo ge-
neral Jaruzelski na altura em que
«se decidia a sorte do socialismo
na Polónia».

Husak manifesta, por outro
lado, a sua satisfação perante os
«resultados obtidos pela Polónia
fraterna para superar as conse-
quências do período de crise e
reforçar as posições do socia-
lismo».

Recorda-se que o general Ja-
ruzelski foi igualmente agraciado
por ocasião do seu aniversário
com a ordem de Lenine (URSS),
com a estrela de Karl Marx
(RDA), com a ordem de di-
amante da bandeira (Hungria) e
com a estrela de 1.ª classe da
República Socialista Romena.

Índios e Esquerda brasileira
venceram dirigente da FUNAI

Contestado por muitos dirigen-
tes índios e pela oposição brasi-
leira o coronel Paulo Moreira
Leal, presidente da FUNAI (Fun-
dação Nacional do Índio) apre-
senta a sua demissão ao minis-
tro do Interior, Mário Andreazza.

Para o substituir, foi designado
Octávio Pereira Lima, director
administrativo do Ministério do
Interior e antigo conselheiro da
presidência da FUNAI.

Desde há vários meses, o di-
rigente índio da tribo dos Xavantes
Mário Juruna, deputado pelo
Partido Democrático Trabalhista
e primeira aborígine a ter as-
sento no Congresso brasileiro,
reclamava a demissão do co-
ronel Leal e de vários dos seus
colaboradores militares.

Em 23 de Junho passado, um
grupo de índios Xavantes do
Mato Grosso, conduzido por Ju-
runa e apoiado por parlamenta-
res da oposição, ocupou durante
algumas horas a sede da FUNAI
em Brasília, para exigir a demis-
são do coronel Leal e dos seus
colaboradores.

Leal qualificou esta manis-
tatação de «gota de água que faz
transbordar a taça».

Criada em 1967, para substi-
tuir o serviço de protecção do
índio (SPI) a FUNAI, organismo
dependente do Ministério do In-
terior, tem conhecido dificulda-
des crescentes na sua tarefa de
«protecção» aos índios. Os pa-
rques e reservas indígenas teori-
camente interditas aos brancos,
são regularmente invadidas
pelos pesquisadores de ouro ou
de pedras preciosas além de
exploradores agrícolas. Última-

mente japoneses.

A questão da demarcação ma-
terial e efectiva das terras índias,
é a mais difícil com que depara a
FUNAI, que, segundo o presi-
dente que se afastou dispõe de
meios financeiros limitados.

A situação dos Pataxos, no es-
tado da Bahia (nordeste brasi-
leiro) contribuiu, sem dúvida,
para a queda do coronel Leal. Os
organismos privados de defesa
das comunidades indígenas, em
particular o Conselho Indege-
nista Missionário (CIMI), ligado à
Igreja Católica, acusaram violenta-
mente a FUNAI de ter falhado
na sua missão de «protecção»
aos índios, ao mostrar-se inca-

paz de defender os Pataxos, que
legalmente possuem uma re-
serva de 36 000 hectares, mas
só dispõem efectivamente de
1200.

Por outro lado, a demarcação
de terras dos Ianomamis, na fron-
teira com a Venezuela, está por
resolver. O maior grupo «primiti-
vo» do mundo (6000 do lado
brasileiro e outros tantos da
banda venezuelana) obteve a in-
terdição de 1,7 milhões de hecta-
res, mas, na falta de demarca-
ção, torna-se praticamente im-
possível a fiscalização.

Esta opinião é a do presidente
demissionário de FUNAI.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP,
France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa
Latina

Captada na Guatemala a irmã
do ditador Rios Montt

de golpe de Estado, decretou o
«estado de sítio».

O sequestro não foi por en-
quanto reivindicado.

Segundo o ministro do Interior,
coronel Ruiz, a irmã do presi-
dente encontra-se no quinto mês
de gravidez.

Com este rapto eleva-se a dois
o número de familiares de Rios
Montt sequestrados desde que o
general golpista assumiu em
Março de 1982 o poder.

O seu sobrinho, Rios Muñoz,
foi raptado a 13 de Outubro de

1982 por membros do grupo au-
todominado Cristãos pelo Res-
peito da Vida, tendo sido liberta-
do pelas «forças de seguran-
ça» 40 dias mais tarde.

Ainda no mesmo ano foram
sequestrados o filho do ministro
do Interior e a filha do presidente
das Honduras, Xiomara Suazo, o
que obrigou o governo, em
ambos os casos, a autorizar a
publicação de manifestos anti-
governamentais.

Em nenhum destes casos se
deu um desenlace trágico, uma
vez que o governo decidiu não

gociar com os sequestradores,
ou as «forças de segurança»
resgataram a vítima.

I também dois industriais gua-
temaltecos — Julio Lowenthal e
Luis Felipe Valenzuela — foram
raptados há alguns dias nos
seus gabinetes, da companhia
Cidea, declararam amigos dos
dois homens, o que poderá dei-
xar supor que teriam iniciado ne-
gociações com os raptadores. Ne-
nhuma organização reivindicou
a responsabilidade desta última
acção.

EGIPTO

COM MARAVILHOSO CRUZEIRO NO NILO

9 DIAS VISITANDO:

CAIRO • LUXOR • ASSUÃO • KARNAK • ESNA •
EDFU • KOMOMBO • ABUSIMBEL (Opcional)

PARTIDAS: 19 MAI - 5 JUN - 3, 14, 24 e 31 JUL - 11, 21 e 28 AGO - 8, 18 e 25 SET - 2 OUT

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES PEÇA NOS PROGRAMAS DE TALHADO

DESDRE 1840

abreu

LISBOA Avenida da Liberdade, 160 Tel. 371341
LISBOA Avenida de Roma, 66 B Tel. 803609
ALMADA Rua de Oliveira, 9 C Tel. 2756272
PORTO BRAGA • COIMBRA • FARO • PORTIMÃO • FUNCHAL

DOSSIER

Guedes da Silva, deixando empresas para fazer política

A recusa de comer favas e de ler as Selecções do Reader's

«Há duas coisas que sempre recusei: comer favas e ler as Selecções do 'Reader's Digest' — palavras ditas, noite fora, por um homem que se abalança à política e anuncia o abandono das empresas.

A conversa vai longa numa quinta perto da Régua. Os protagonistas são jornalistas convidados por Bernardo Paulo Guedes da Silva, empresário com algumas incursões no campo da política. Aos 54 anos propõe-se mudar a vida, «rumo» a África. O seu mundo aparece ao observador comum repleto de contradições. Recentemente viajado pelo Chile, não hesita em contar que fez tudo para conversar com Pinochet. E fê-lo, deslocando-se propositadamente a Viña del Mar, de helicóptero.

O contraponto vem logo de seguida, fazendo questão de recordar as suas boas relações com um membro do Comité Central do Partido Comunista Português. Ou, nas suas visitas à União Soviética, um nome que avança no quadro do Ministério dos Estrangeiros. As suas incursões pela política são quase nulas: entrou numa Frente Nacional de que se divorciaria passado pouco tempo. Um semanário que criou não vingou, «A Nação» se chamava. Garante que nunca fez parte de qualquer partido político, já no avião de regresso, especialmente fretado para o efeito.

«A Nação» acabou porque eu quis pagar tudo, não quis ficar a dever como os outros fazem. E perdi 15 mil contos — garante, com a confissão imediata de que nada perdeu no empreendimento feitas as contas.

As suas opções aparecem pouco definidas, mesmo quando se lhe recorda o seu apreço, confessado, pelo «nacional-socialismo». Não nega, remetendo para o que considera origens puras daquela doutrina política. E confessa que se um dia fosse obrigado a entrar para um partido político escolheria o PC. «Uma questão de disciplina» — esclarece.

O bom humor, ainda, num ambiente repleto de à-vontade. A única convidada está grávida e é confrontada, teoricamente, com a hipótese de ter gémeos. Alarma-se: «Onde é que eu os ia meter?». E o anfitrião, sem cerimónias, à beira de uma pequena piscina, reflectindo afinal o seu sentir político: «Olhe, mande-os para o PS».

O percurso deste homem reflecte-se, se o quisermos ver, em dois dias de vida sob o mesmo tecto, na mesma quinta que é sua mas tem de alugar a uma sociedade vitivinícola. «O sr. Guedes da Silva, as suas raízes estão mesmo aqui na Régua?».

Estamos entre as vinhas, num socal, com a vila, o rio, as obras de navegabilidade ao fundo. Guedes da Silva desmente. As suas raízes ficaram por África. A nós, em particular, confessara-nos por onde deixara o seu coração: Novo Redondo, Huambo, Huila, já quase no espaço das «terras do fim do mundo» de Angola.

«Atravessar o Cunene num pôr do sol, os crocodilos deitados ao sol, de boca aberta e os pássaros a palitarem-lhes os dentes» — recorda.

O retrato que lhe propuseramos escrever teve imediato acolhimento. Afinal trata-se de um homem que se propõe abandonar as empresas, entregando-as aos trabalhadores, para entrar na política.

O seu ponto de partida para a vida acaba por ser o nosso ponto de chegada neste fim-de-

-semana destinado à reflexão. E ao atravessarmos as estradas de Vila Real à Régua ele, cicerone, acaba por nos ligar ao passado.

«Tantas vezes que eu subi por aqui. Os ingleses iam no burro e eu subia atrás, levando a pasta deles» — sintetiza. Porquê? «É que os burros não chegavam para todos. O mal tem sido os burros não chegarem para todos». Depois acrescenta que, chegada a hora do almoço os ingleses se sentavam na cozinha, comendo o melhor, enquanto ele ficava no corredor ou cá fora.

Os ingleses, na sua posição de domínio sobre as terras, os vinhos e as gentes, sobressaem ainda quando passamos nas instalações do Porto Ferreira («Ferreirinha»). Recordamos o episódio do barão de Forrester que se ficou na Valeira quando D. Antónia Adelaide Ferreira se salvou.

«Foi a primeira vez que os ingleses tentaram ficar a dominar isto tudo» — comenta. O episódio, ao que parece, é a da sua preferência, na exemplificação do que representa a soberania nacional.

Estamos, outra vez, no primeiro serão, findo o jantar passamos ao amplo salão, já da posse dos «Davidoff» com caixa aberta expressamente. A origem é claramente citada: presente de Fidel Castro, presente repetido numa «correspondência» prolongada.

A digestão, café feito, vai embalada em «Chivas». A reflexão é aproveitada pelo convidante para participarmos no seu mais recente raciocínio público: uma carta ao secretário de Estado do Tesouro, lida ali em voz alta. As suas propostas, face à situação económico-financeira, são ali passadas aos presentes.

O objectivo é claro. Os presentes são convidados a reflectir em voz alta, sobre o controlo eficaz dos investimentos e as aquisições sumptuárias; o controlo dos gestores da banca; a cooperação da banca nacionalizada com os países africanos de expressão portuguesa; ou, entre outros, um caso de corrupção que disfarça com referências a uma resolução publicada na folha oficial.

Uma das grandes questões que (nos) coloca é a da banca nacionalizada. Não no sentido de contestá-la, mas encaminhando o tema na necessidade de dar-lhe uma função nacional. Vinca isso, sempre e sempre.

O seu contencioso com a banca é patente e relaciona-se directamente com os governantes. Questiona directamente a actualização dos sucessivos gestores, refere as corrupções, os depósitos no estrangeiro, as ilegalidades repetidas.

O empresário empurra, com bom humor, quando percorremos a adega que deu de alugar. «A sociedade dá-me 300 contos por mês e eu pago por isto, de



Recordar o tempo em que os ingleses iam de burro e ele lhe levava os papéis, a pé. «Um dos nossos problemas tem sido sempre a falta de burros para todos...».

Imposto Complementar 2400 por ano. Se eu tivesse posto este dinheiro no banco...»

A visita à adega também ajuda a definir este homem. Aí, ele faz questão de mostrar as inovações que introduziu, as dificuldades que ultrapassou contra pareceres de engenheiros, recorrendo inclusivamente a cinco mil contos de betão injectado.

«Sabe quem planeou tudo isto? Um sujeito chamado Guedes da Silva...» — diz, andando. Ou mostrando a sala grande, grande, que antes fora uma arrecadação de batatas. Para tanto, foi preciso reforçar a adega, por baixo, primórdios da indústria que hoje é a Quinta do Loureiro.

A quinta vem aqui a talhe de foice. Está intimamente ligada à pessoa de Guedes da Silva, a família que deixou aos 17 anos, quando emigrou para África, depois de ter «carregado com a pasta dos ingleses».

A quinta perdera-se (como? «São ciclos» — explica). O avô, chamado Loureiro, viera de perto de Verim. E conseguira arrecadar para comprar a quinta. Pela sua parte, teve de re(contrá-la) a pouco e pouco. «Hoje restam aí algumas 'ilhas' mas já me pedem preços especulativos» — vai apontando.

A quinta perdeu-se enquanto esteve ausente. Conta-nos a sua partida, a bordo do pequeno avião que nos levaria a Vila Real. Um episódio para descrever, ajudar a descrever Guedes da Silva. Benze-se quando o avião arranca para pista, reza o terço na descollagem.

O rumo a África: uma passagem em terceira classe, com um conto e tal (da época) emprestados para a fortuna. Uma cunha (nomes de gente de nome...) dá-lhe passagem à primeira classe. E à mesa, por turno de refeição, conhece a que há-de ser primeira esposa. Dois filhos, ao final.

O regresso, conta, acontece por via do que defende. Um artigo no «Beira Baixa», as ideias sobre o que há-de ser a emancipação do homem negro, as inimizades com os titulares do antigo regime. Ao desembarcar em Lisboa, conta, vinha sem fortuna feita.

O caminho das empresas talhou-se depois. Os conhecimentos que trazia de África, as pessoas amigas, as portas que se abrem com algumas dificuldades e também facilidades. Cita nomes, como o faz para factos da vida de colónia, com os funcionários, os episódios do dia-a-dia, o inevitável picaresco.

O segundo casamento aconteceu nesse retomar da vida. O em-

presário faz-se no mundo das resinas. Tem um romance no mundo do vinho do Porto, conhecido pelo «caso Cabral». No fundo, uma vingança sobre os ingleses e o seu domínio do Douro. E instala-se também no vinho da Madeira.

O caso Cabral ofusca-lhe confesadamente o regresso à sua terra natal. Evita a vila e o contacto mais directo com as pessoas. Ao segundo dia, logo pela manhã, vai ao cemitério «para ver a minha mãe».

A mãe é o elo de ligação com a família passada, nunca refere o pai. Confrontamo-lo com o facto, no jardim da quinta, em conversa calma. «Talvez haja aí uma explicação sociológica, para o meu comportamento. A minha mãe era de origem humilde, o meu pai chegou a ser um homem muito rico...»

E há o monarquismo: o do pai não correspondia, não poderia, àquele que ele defende — porque, diz, no fundo é um monarquico.

O empresário começa agora a diluir-se, por sua iniciativa. Ali no jardim, garante que está a entregar as empresas «para me poder dedicar à política».

«Não tenho nenhum cargo de direcção nas empresas» — diz. «Entregarei a totalidade das acções aos empregados quando tiver resolvido o problema com o banco. Quero entregar-lhes uma coisa próspera.»

A sua visão dos empregados que com ele trabalharam transparece então: «Um centenas de pessoas que sempre confiaram em mim e até foram solidárias comigo». Ou os do «caso Cabral»: «Temos pago na medida do possível. Mas não tem havido problemas com os sindicatos, até têm sido compreensivos...»

O balanço da sua actividade em geral fá-lo, a pedido agora que fecha as contas de empresário: «Fiz os possíveis para melhorar a situação, aqui, na região e combater os ingleses. Mas aconteceu-me o mesmo ao Marta, só que ele não tinha a tarimba africana».

A entrega das empresas suscita, antes do mais, a pergunta sobre o seu futuro modo de vida. «Vou viver daquilo que ganhei com essa gente». Confessa rendimentos, como os da quinta ou rendas de casa, que lhe bastarão até porque não gosta de viver mal. Uma máxima a propósito. «O excesso de lucro do rico é sempre o roubo do pobre».

O empenhamento na política, com os olhos em África, tem para ele uma explicação fácil: «A

aproximação com África permitirá defender a nossa independência aqui. Já ouvi um ministro português dizer ao Lopo do Nascimento que o nosso futuro era a integração com a Espanha...».

A CEE ou a referida «integração» com Espanha envenenam-lhe largo tempo destes dois dias em Trás-os-Montes. Uma sondagem publicada por um semanário suscita contínuos remos, os espanhóis passam a estar presentes em todo o lado.

África, portanto. A terra que está presente di-lo em tudo. As suas referências são múltiplas, quer quando refere conversas com o actual chefe de Estado angolano, quer com o recordar Lobito: «É a cidade mais bonita do mundo...»

A questão põe-se também em termos políticos e ideológicos. Mas para ele não existem obstáculos. «Sendo de direita, m que acontece é que tenho boas relações com a esquerda. O que é a direita? Eu estou profundamente empenhado no domínio social. Sou profundamente nacionalista. Estou profundamente agradecido a Angola. Aquilo que sou, se houver saldo positivo, devo-o àquele terra e àquele gente». Acrescenta: «A aproximação com eles é o assegurar da nossa independência e o pagamento de uma dívida».

«Isto é direita? — interroga-se. — Convecionou-se dizer que isto é direita, mas a prática da direita não coincide com a minha. E eu fui sempre assim, portanto o equívoco não é meu».

Os confrontos com a direita portuguesa manifesta-os ele, passo a passo. Os anos de governação AD, a sua actividade na banca, as negociações com a CEE, a permissividade ao capital estrangeiro, o governante Sá Carneiro e por aí fora.

O próprio plano de navegabilidade do Douro, cujas obras avançam lá em baixo, em grande parte devido ao impulso de Balsemão, lhe merecem contestação. Cita António Sérgio: «Tiram donde faz falta para pôr onde faz vista...»

Apresta-se, então, o regresso a Lisboa. Ainda e sempre amchoque com a política que se desenvolve a partir dos centros de decisão. A sua entrada nesses corredores parece condicionada: «Eu não aceito a sociedade do croquete...» Palavras ditas a pensar nos políticos que debatem os grandes temas nacionais pendurados num croquete.

Rogério Vidigal

Tribunal de Gaia
esteve cercado
pela PSP

Matou o sogro e enfrenta os moradores do Bairro de Quebrantões

Principiou no Tribunal de Vila Nova de Gaia, o julgamento do empregado de hotelaria Joaquim António Pereira Martins, de 27 anos, residente no bairro de Quebrantões, naquela vila, que está acusado de ter morto o sogro, o empregado de mesa Manuel Martins Mendes da Silva, de 45 anos, que residia na Escada da Devesinha, 19, no mesmo bairro. Crime que ocorreu durante a tarde do dia 27 de Janeiro último e gerou a indignação dos moradores do populoso bairro. O que, aliás, está bem evidente no facto de terem sido estes que «contrataram» o respectivo advogado de acusação.

O julgamento deste caso suscitou, por isso mesmo, a afluência anormal de pessoas e, consequentemente, a tomada de medidas de segurança que visam proteger aqueles que são apontados como os autores morais da trágica ocorrência, ou seja, a mulher e filha da vítima. Recorde-se, a propósito, que no próprio dia do crime, as pessoas não escondiam a sua indignação contra as duas mulheres, muito embora os tiros (oito) tivessem sido disparados por Joaquim Martins.

Aliás, de acordo com a acusação, tudo começou a partir de um telefonema feito pela filha da vítima para o marido, para que este viesse a casa esclarecer o desaparecimento de um isqueiro de ouro que aquela dizia ter sido vendido pelo pai. Manuel Martins Mendes da Silva era uma pessoa estimada pelo vizinhança, mas desprezada pelos seus familiares mais chegados. A mulher deixara-o há cerca de um ano e a filha — dizem os vizinhos — «fazia-lhe a vida negra».

Durante o julgamento, presidido pelo juiz dr. Armando Triunfante, o réu procurou justificar o seu procedimento com a legítima defesa. Que tinha ido a casa a pedido de sua esposa e que discutiu com o sogro por causa do desaparecimento do isqueiro. A dada altura, porém, diz o genro homicida, «ele deu-me uma cabeçada e ameaçou matar-me. Fui buscar a pistola e disparei um tiro». A acusação refere que foram oito. Joaquim Martins procurou justificar também a posse da pistola, dizendo que a havia adquirido uns dias antes na estação de S. Bento e que apesar de não a ter legalizado que a destinava ao seu uso pessoal.

Sobre a sucessão de disparos, o réu mostrou-se um pouco confuso e alegou que tinham «saído devido ao nervosismo». Durante a audiência depuseram ainda a esposa da vítima, Maria Elisa Mendes da Silva que disse ignorar as circunstâncias em que ocorreu o crime, mas abonou as qualidades do réu, ao mesmo tempo que punha em evidência dos defeitos do ex-marido. Pelo mesmo diapasão afinou a filha, Fernanda da Conceição Mendes da Silva que não só confirmou a tese do réu e marido, como foi mais longe, ao apontar determinados pormenores que, bem vistas as coisas, entravam em contradição com outros apontados por Joaquim Martins.

O julgamento foi entretanto interrompido para prosseguir na próxima segunda-feira, pelas 14 horas. De referir que, tal como no início da audiência, no final, foi necessário que o dispositivo policial voltasse a funcionar no exterior do tribunal, a fim de evitar que os familiares da vítima sofressem os efeitos da «ira» popular.

Cabo Verde: país em construção (2)

Para vencer o subdesenvolvimento todas as forças são poucas

- ou como o pragmatismo se impõe ao dogmatismo

Ali trabalha-se, vive-se, luta-se.

É no meio do Atlântico sobre dez penhascos perdidos no oceano.

O país chama-se Cabo Verde e é vê-los, negros, mulatos, brancos, novos e velhos, acarretando pedras à cabeça, assentando-as umas sobre outras, construindo estradas e socos, erguendo casas, muros, diques! Constroem um país do nada, mas a adversidade da natureza não os condena à resignação. Ali as vontades juntam-se, as forças reúnem-se. Trabalha-se. Afincadamente.

Andei por lá uns dias e ninguém me impingiu teorias. Abriam-me as portas, vi as pessoas, falei com elas, senti-as respirar o dia-a-dia, vi um país. Passada mais de uma semana, regressada a este país que por lá andou séculos, a ideia que me fica é a de que ainda há mundos, terras, gentes para quem, com quem vale a pena viver, trabalhar, lutar...

Não me falem dos «eleitos» de um qualquer deus, das «terras de leite e mel» que com avalanches de dólares dizem construir nos desertos da Palestina!

Falem-me dos «milagres» dos «flagelados do vento leste» destes homens, desertados da terra, que fazem brotar vinhas da lava dos vulcões, que enxameiam com obras faraônicas as encostas das suas ilhas, em luta contra a erosão; destes homens que arrancam às cordas dos seus violinos cânticos de louvor à terra madrastra que os viu nascer.

Dir-me-ão que é um exagero, mas eu responderei: esses homens são os cabo-verdianos!

Em Cabo Verde constrói-se um país. Exactamente! Ali, onde não se fala em socialismo porque os actos valem mais do que as palavras, a quatro centenas de quilómetros das costas de um continente em que tantas vezes novos senhores substituíram ou se constituíram em representantes dos velhos senhores, um povo inteiro, o mesmo que aqui tanto discrimina, dá um exemplo ao mundo.

O seu objectivo imediato: alimentar e instruir os cerca de 300 mil habitantes, 60% dos quais têm menos de 18 anos, das 10 ilhas que formam o seu arquipélago, um dos países mais pobres e desprovidos de recursos do planeta.

Nos termos dos documentos do partido que os dirige (ver «DL» de ontem) trata-se de lutar contra a total degradação herdada. A mais longo prazo, progressivamente, quer-se liquidar a exploração do homem pelo homem.

Para já, impõe-se e efectiva-se uma política de ampla unidade nacional que corresponde a um raro e excepcionalmente eficaz pragmatismo. A nível político e económico...

Também têm um papel

Mas que vantagens teríamos nós em hostilizar a iniciativa privada, ou aqueles que não pensam como nós, num país em que as carências de toda a ordem são quase totais? Ouvimos perguntar um quadro do PAICV. A resposta é dele: *acabariam por pôr o Estado a vender agulhas e linhas, como aconteceu em Moçambique e afugentaria em todos aqueles que, apesar das suas posições políticas, têm um papel importante a desempenhar nas tarefas da reconstrução nacional.*

Um destes, um mulato com sogro beirão e que não hesita em elogiar Salazar publicamente, afirmar-nos-ia depois, por entre cerveja, uísque e as mornas do

velho violinista Didi Marreco: *eles deixam-me trabalhar e ganhar dinheiro, eu pago bem ao pessoal e dou emprego a muita gente.*

Entretanto, no edifício da pensão de que é proprietário lá estava — não por medo, segundo fez questão em esclarecer — uma faixa de pano com a saudação pública da casa ao II Congresso do PAICV.

Cabo-verdiano que tem orgulho em o ser, como todos os que por lá nasceram, mas que sustenta também gostar de ser português, tem aquilo que se pode chamar uma boa fortuna e gosta de ir ao volante do seu Mercedes beber copos na meia-luz do Djonsa. Bar dos mais populares e modestos da Cidade da Praia, em que a «atracação» continua a ser Didi Marreco, o Djonsa (pai de 24 filhos) junta todas as noites num reduzido espaço a céu aberto, entre quatro paredes, dezenas de pessoas desde desempregados a grandes comerciantes, adeptos do PAICV, mas também adversários, brancos e pretos, homens mas também mulheres, fanáticos do Benfica da Luz, entusiastas do Sporting de Alvalade... gente!

O nosso homem, que também torce pelo Benfica, vai todos os anos, juntamente com outros comerciantes, apresentar cumprimentos ao presidente da República e secretário-geral do PAICV, Aristides Pereira. Não esconde a sua oposição às teses do partido mas afirma-se descansado enquanto esta for dirigido por homens como o presidente e como o primeiro-ministro, Pedro Pires.

Para um outro negociante bem instalado e que na mesma ocasião nos afirmou ter 30 mil contos na Caixa Geral de Depósitos, em Lisboa, uma casa no Algarve e outra em Benfica, o partido não levanta problemas a ninguém e os seus dirigentes são boa gente. Para ele, o único receio está numa eventual ascensão de Silvino da Luz: *esse é comunista, seria uma desgraça...*

A existência de homens deste calibre, que não têm tão pouco dinheiro como se pode pensar, não é desconhecida dos dirigentes. Aliás, em Cabo Verde, cada qual diz aquilo que lhe apetece e não é só a luz do álcool que as opiniões se exprimem... Além disso, a política do PAICV não ignora o sector privado e apoia-o mesmo em certos domínios de actividade.

De acordo com o eng. José Brito, secretário de Estado do Plano e da Cooperação, um jovem e destacado dirigente do PAICV, o partido está «consciente dos riscos da política de unidade nacional». Mas conforme afirmou ao «DL», o maior problema de Cabo Verde não é esse: até porque o Estado é quem controla os sectores essenciais, nomeadamente os da importação de bens alimentares, e coordena toda a actividade económica! «O importante é isso, é saber quem dirige o processo», declarou-nos.



Pedra a pedra criam-se as bases do desenvolvimento económico do país. Aqui uma nova estrada rasga as montanhas

O problema número um

Na sua opinião, o grande problema, o estrangulamento número um do país reside nos limites impostos à sua capacidade de realização pela falta de quadros.

Mas não se julgue que esse é um bloqueamento inultrapassável. (Inultrapassável nem é a falta de água com que os cabo-verdianos já começam a saber viver). Por um lado começam agora a chegar as primeiras fornadas de técnicos que se foram formar no estrangeiro após a independência. Por outro, o ensino e a formação profissional estão na primeira linha das preocupações do Governo da Praia.

Além disso, um sempre mais eficaz aproveitamento dos recursos humanos existentes fez com que a situação tenha melhorado e reflectiu-se, por exemplo, no facto de o nível de investimento ter subido em 60% de 1981 para 1982. Acresce ainda que, apesar das dificuldades apontadas, a taxa de realização do orçamento deste ano é neste momento de 90%. «Onde é que isso se vê em África?», interroga com algum orgulho o secretário de Estado do Plano.

Curiosamente, a impressão que colhe qualquer observador ao pisar as ilhas é a de que Cabo Verde dispõe de um número assinalável de quadros, sobretudo de nível superior, que se entregam por inteiro e com entusiasmo à concretização dos grandes objectivos do país. E de facto, assim é, se tomarmos como termo de comparação os outros países de língua oficial portuguesa ou mesmo a generalidade dos países africanos.

Os dirigentes locais vêem no entanto as coisas sob um outro prisma.

É que ser independente significa antes de mais «mudar profundamente a vida do povo»... mas não de qualquer maneira. Para isso Cabo Verde tem o seu próprio entendimento do desenvolvimento e para o alcançar conta em grande parte com os imprescindíveis financiamentos e outras ajudas provenientes

dos seus parceiros da cooperação.

Só que não se entrega nos braços de nenhum benfeitor, por mais sedutoras que sejam as suas promessas e melhores que sejam as suas intenções. Ali impera um lema: «aceitamos toda a cooperação que nos interessa, com a condição de não ter condições». Na verdade, apesar do elevado grau de dependência económica do país, o poder decisório concentra-se de facto nos estreitos limites do território nacional.

Em corolário desta realidade aí estão, lado a lado, projectos de cooperação e cooperantes apoiados por americanos, suecos, soviéticos, franceses, árabes, alemães federais, chineses, etc. Ali estão também as decisões reafirmadas pelo Congresso do PAICV de não aderir a blocos militares e de não permitir no país a instalação de quaisquer bases militares estrangeiras...

É também no quadro desta política realista que se percebe a autorização dada aos aviões sul-africanos para escalarem várias vezes ao dia o estratégico aeroporto internacional da ilha do Sal. E que ninguém se admire depois de ouvir os dirigentes do PAICV verberarem o racismo e o «apartheid» e proclamarem que estarão sempre ao lado da SWAPO e do ANCP no combate contra aqueles flagelos «da África e da Humanidade».

Mas não é por causa disso que não se há-de beber, no bar do aeroporto, uma «Cuca» num copo de plástico com as letras SAA das linhas aéreas sul-africanas, explicava-nos alguém perante o nosso espanto...

Desenvolvimento dimensionado

Muito embora considere a «batalha pelo progresso» como um autêntico desafio, Cabo Verde não esquece que o verdadeiro desenvolvimento tem que ser dimensionado de acordo com a realidade e os objectivos do país, tem que se ajustar às suas reais potencialidades. Donde a afirmação do relatório do Conselho Nacional do Partido: «pretender re-

solver muito rapidamente os inúmeros problemas que a luta pelo progresso implica, sem ter em conta esses factores, teria significado para Cabo Verde o aumento da dependência externa (...) criando pólos de riqueza dentro de um mar de miséria.»

Deste modo não admira que todos os quadros pareçam poucos para assegurar a execução e a adequação da verdadeira torrente de projectos existentes nos campos da conservação e aproveitamento dos recursos naturais, da construção civil e obras públicas, da indústria, das infra-estruturas de transportes e comunicações, às grandes linhas de desenvolvimento do país, fixadas exclusivamente pelo PAICV.

Para concretizar esses projectos, alguns dos quais já integrados no primeiro Plano Nacional de Desenvolvimento para 1982-1985, investiram-se desde a independência cerca de 10 milhões e 500 mil contos cabo-verdianos (1 escudo local igual a 1\$53 escudos de Portugal). O financiamento deste esforço gigantesco para um país como Cabo Verde, foi garantido fundamentalmente pela ajuda externa. Só nos últimos três anos 93% dos investimentos tiveram essa origem, correspondendo 80% dessa parcela a donativos.

Mas para lá desses financiamentos destinados antes de mais a dotar o país das infra-estruturas básicas que lhe permitam arrancar rumo ao desenvolvimento, e a minorar as consequências da seca prolongada, têm chegado ao arquipélago importantes auxílios do exterior, sobretudo no campo da ajuda alimentar.

A «generosidade» internacional não deixa de surpreender face às opções ideológicas, claramente, mas sem rótulos, assumidas pelo PAICV e à intransigência do governo da Praia no que toca à definição das metas de desenvolvimento, a qual já tem levado à recusa de alguns projectos de cooperação aparentemente vantajosa para o país.

A realidade é que os seus dirigentes, além de saberem jogar como mestres com a situação geoestratégica do arquipélago, são irreprensíveis do ponto de vista da gestão das verbas postas à sua disposição pela comunidade internacional. E se esse factor não tem grande interesse para aqueles que são movidos apenas pela cobiça da referida posição geoestratégica, ele está na base do imenso prestígio de que gozam os dirigentes de Cabo Verde em África e no mundo, e é essencial para cimentar as óptimas relações do país com as numerosas organizações internacionais e não governamentais que com ele cooperam.

O único desencanto

Mas como nos frisou um antropólogo suíço com 4 anos de trabalho num projecto de apoio à modernização da pesca artesanal na ilha do Fogo, há também aquilo a que se pode chamar uma certa «moda» na cooperação com o arquipélago. Christian Corminboeuf foi, aliás, o único estrangeiro em que vimos algum desencanto face a uma experiência que provoca um entusiasmo contagiante em quantos cabo-verdianos ou não, nela participam. Mas mesmo ele não deixa de reconhecer o enorme trabalho desenvolvido pelos dirigentes locais e o rigor e seriedade com que gerem os dinheiros públicos.

As suas críticas, agravadas por uma permanência demasiado longa, como ele afirma, vão sobretudo para a lentidão e a inoperância dos procedimentos administrativos e para a falta de apoio oficial a alguns projectos aprovados.

Segundo o secretário de Estado da Cooperação essas críticas devem-se principalmente à dificuldade que alguns cooperantes por vezes evidenciam para perceber que não se podem queimar etapas e que ali se está em Cabo Verde e não na Europa. Ou seja, a eficiência das pessoas e dos organismos não pode obviamente ser aferida pelos critérios vigentes na Europa. Refira-se ainda, como nos sublinhou outro responsável, que aquilo que é bom na Suécia ou na RFA não é necessariamente bom para Cabo Verde.

Resultados à vista

Os resultados desta política que recorre a todos os meios disponíveis para dar satisfação às necessidades básicas das populações, e para preparar as condições do arranque da economia cabo-verdiana, sem comprometer todavia a concretização futura das opções políticas fundamentais do PAICV, estão à vista.

O poder de compra da generalidade dos habitantes cresceu significativamente desde a independência. O desemprego foi reduzido a metade (atingindo mesmo assim mais de 40% da população activa). A regularidade dos abastecimentos em bens essenciais estendeu-se a todo o território e já não se vêem hoje, apesar da seca, os sinais das fomes que ainda amedrontam a memória colectiva dos cabo-verdianos. Os ventres dilatados das crianças subalimentadas desapareceram da paisagem e são muito raros os casos de grave subnutrição.

Os progressos no campo da saúde são evidentes, nomeadamente no que respeita à assistência materno-infantil (com grande diminuição da mortalidade infantil), e o planeamento familiar começa a ser uma realidade na luta contra o espectro de um crescimento demográfico demasiado rápido. O analfabetismo, que toca a mais de metade da população deverá estar totalmente erradicado antes do fim do século e o ensino está em vias de ser reorganizado e «cabo-verdianizado».

Mas também no domínio das realizações destinadas a frutificar a prazo as obras não são menos significativas. São os incontáveis diques construídos manualmente (a fim de criar postos de trabalho) para reter as águas e impedir o arrastamento das poucas terras aráveis, aquando das enxurradas que volta e meia devastam as ilhas por um mar.

São as obras para aproveitamento dos raros recursos hídricos do país, os projectos agrícolas experimentais, os terraços para os regadios assentes em muros erguidos pedra a pedra, as estradas, os aeroportos, as telecomunicações... Os problemas são muitos, os recursos são raros mas a vontade é gigantesca. O vento do Sara verga as árvores, mas não faz vergar os homens.

José António Cerejo

Amanhã: «O Raul da JAAC e a força do povo»



DESPORTO

Volta à França

Quinta etapa sem surpresas

Um francês companheiro de equipa do grande ausente Bernard Hinault ganhou ontem a quinta etapa do «Tour» de França, 254 quilómetros entre Le Havre e Le Mans.

Dominique Gaigne cortou a meta com nove segundos de vantagem sobre um numeroso pelotão onde se integraram todos os favoritos e também o português Joaquim Agostinho, que foi sexagésimo nono na etapa e assim mantém o vigésimo sétimo lugar da tabela geral.

O dinamarquês Kim Andersen conserva a camisola amarela, mas o seu companheiro de equipa, o holandês Joop Zoetemelk, mantém-se como grande favorito a triunfar nesta edição do «Tour», que terminará no dia 24 nos parisienses Campos Elísios.

A etapa de ontem registou várias tentativas de fuga, uma das quais a 35 quilómetros da meta, pareceu ir resultar, protagoniza-

da pelo holandês Frits Purard e pelos franceses Guy Galopin e Eric D'Allarmelina, este da equipa Sem-Mavic, liderada pelo veterano Joaquim Agostinho.

Seria Dominique Gaigne quem conseguiria isolar-se para conseguir alguma vantagem sobre o pelotão, que já anulava a última e mais perigosa das fugas.

Esta tirada registou o primeiro abandono de um colombiano, cuja selecção nacional é a única equipa não profissional no «Tour». Tratou-se de Rafael Tola, o lanterna vermelha da prova.

O dinamarquês Kim Andersen mantém a camisola amarela após a quinta etapa disputada entre Le Havre e Le Mans.

Classificação dos dez primeiros: 1.º Kim Andersen, Dinamarca, 22 horas, 52 minutos, 13 segundos; 2.º Eric Vanderaerden, Bélgica, a 1.50; 3.º Joop Zoetemelk, Holanda, a 2.05; 4.º Phil Anderson, Austrália, a 2.06; 5.º

Claude Moreau, França, a 2.07; 6.º Gilbert Duclos-Lassalle, França, a 2.44; 7.º Sean Kelly, Irlanda, a 2.59 8.º Stephen Roche, Irlanda, a 3.00; 9.º Jacques Bossis, França, a 3.05; 10.º Pascal Simon, França, a 3.08.

Volta da Paz/83

Ciclistas soviéticos, finlandeses, suecos, noruegueses e norte-americanos iniciaram ontem, em Moscovo, a Volta da Paz-83, que terminará em Washington.

A prova, que durará um mês, iniciou-se junto ao Comité Soviético de Defesa da Paz, em Moscovo. Antes, da partida, os corredores enviaram um telegrama ao secretário-geral das Nações Unidas, sublinhando que a Volta pretende apoiar os objectivos e a campanha a favor do desarmamento mundial.

A chegada a Washington está prevista para 6 de Agosto, dia dedicado à memória das vítimas de Hiroxima.

União Soviética domina Universíadas

A União Soviética domina as Universíadas, que prosseguem em Edmonton, no Canadá, após a quinta jornada dos Jogos Desportivos Universitários.

O soviético Vladimir Salnikov venceu a final da prova de 400 metros livres do torneio de natação, nadando a distância em 3 minutos 49.38, seguido do norte-americano Lawrence Hayes e de outro soviético, Svyatoslav Semenov.

Até ontem, a atribuição de medalhas era a seguinte: URSS 45 (28 ouro, 9 prata e 8 bronze); Roménia 13 (3, 6, 4); China 6 (3, 2, 1); Itália 9 (2, 4, 3); Canadá 15 (2, 1, 12); Japão 6 (2, 1, 3); Estados Unidos 18 (1, 10, 7); Austrália 2; França 3; Holanda 2.

Os atletas portugueses Aurora Cunha e Fernando Miguel dominaram a décima sétima edição do Grande Prémio Cidade de Vigo em Atletismo, ontem disputado no complexo de Balaidos. Aurora Cunha venceu os 1.500 metros com o tempo de 4 minutos, 12 segundos e 49 centésimos, e Fernando Miguel chegou primeiro nos 5.000 metros com 13 minutos 40,50.

Resultados: 110 metros barreiras (homens): 1.º Carlos Valvet (Barcelona) 14,00 segundos; 2.º João Lima (Portugal) 14,48.

Secretário de Estado aos jornalistas:

Governo preocupado com os problemas do desporto

O secretário de Estado dos Desportos, Miranda Calha, afirmou ontem, numa reunião com a Imprensa, que o Governo está preocupado com os problemas ligados ao desporto.

O responsável pelas questões desportivas do actual Governo acrescentou que irá manter um contacto permanente com as Federações, para que «se possa produzir trabalho válido».

Miranda Calha disse ainda que a sua Secretaria de Estado, dentro das possibilidades actuais, procurará fazer algo pela juventude, que considerou desprestigiada pela falta de infra-estruturas que permitam melhor aproveitamento do potencial humano existente.

Pretende o Governo, segundo Miranda Calha, transformações necessárias de modo a um melhor aproveitamento das instalações no âmbito dos estabelecimentos escolares, INATEL, Casas do Povo, Forças Armadas, entre outras instituições.

Nos planos do Governo, disse o secretário de Estado, também está a promoção, com a participação da iniciativa privada, de uma política de instalações desportivas segundo fases a prever num programa-tipo.

Outras medidas anunciadas por Miranda Calha, são a for-



Miranda Calha e o seu «staff» ontem à tarde, durante o encontro com os jornalistas

mação de técnicos, como animadores, monitores, treinadores, árbitros e dirigentes desportivos.

A mulher portuguesa deve ter condições para uma prática desportiva mais significativa, considerou o secretário de Estado, pelo que o Governo, disse, promoverá e desenvolverá medidas necessárias a tais condições.

Quanto à alta competição, o apoio do Governo foi manifesto. Miranda Calha disse que será incrementado tal apoio a atletas e a equipas, em particular em campeonatos mundiais e europeus, bem como nos Jogos Olímpicos.

Como uma das prioridades do programa governamental, Miranda Calha adiantou a regionalização desportiva.

Outra preocupação governativa nesta exposição pro-

gramática feita à Imprensa, foi a questão da violência no desporto. Miranda Calha disse que se pensa pôr em prática algumas medidas para evitar a proliferação da violência em recintos desportivos.

A crise económica e a situação da moeda portuguesa face ao estrangeiro foi outro ponto abordado. O secretário de Estado mostrou-se favorável à estimulação da indústria nacional de material desportivo, para evitar a saída de divisas.

Amanhã, e no âmbito dos contactos com os meios desportivos, o secretário de Estado almoçará num restaurante de Lisboa com os presidentes das Federações desportivas, aos quais apresentará as linhas programáticas do Governo para o sector.

Atletismo

Portugueses muito bem em Vigo

100 metros (senhoras): 1.ª Maria João Maia (CD Porto) 12,58 seg.; 2.ª Cristina Conceição (CD Porto) 12,63;

100 metros homens: 1.º Daniel Monteiro (Portugal) 10,86 segundos; 2.º Florencio Cascon (Madrid) 10,89.

400 metros (homens): 1.º Francisco Pitillas (Valência) 49,15; 2.º Rui Oliveira (Boavista) 49,97;

Salto em Altura (homens): 1.º Alfonso Ortega (Celta) 1,95 metros; 2.º Juan Jose Palacin (Leon) 1,85;

Lançamento do peso (se-

nhoras-4 quilos): 1.ª Clara Freitas (FC Porto) 11,34 metros; 2.ª Saladina Lemos (Celta) 10,49;

Lançamento do peso (homens): 1.º Vidal Silva (FC Porto) 14,73 metros; 2.º Fernando Vidal (La Coruña) 14,32;

800 metros (homens): 1.º Jose Pacheco (Alicante) 1,48,92; 2.º Benjamin Gonzalez (Barcelona) 1,49,27;

1.500 metros (homens série B): 1.º José Macedo (Boavista) 3,51,59; 2.º Francisco Alonzo Oviedo) 3,52,17;

Salto em Comprimento: 1.º João Lima (Portugal) 7,38 me-

tros; 2.º Carlos Salas (Barcelona) 6,70;

1.500 metros (senhoras): 1.ª Aurora Cunha (Portugal) 4,12,49; 2.ª Alejandra Ramos (Chile) 4,19,32;

Lançamento de dardo (senhoras): 1.ª Concepcion Sanchez (Pontevedra) 43,14 metros; 2.ª Lucinda Leal (Portugal) 37,42;

5.000 metros (homens): 1.º Fernando Miguel (Portugal) 13,40,50; 2.º Perez Cuesta (Alemeria) 13,42,21.

Futebol juvenil em Troia

O segundo Torneio Internacional de Futebol Juvenil de Troia, que decorre entre 27 de Agosto e 3 de Setembro, será apresentado no dia 14.

Seis equipas, entre as quais duas estrangeiras, participam no torneio. São Benfica, Sporting, Vitória de Setúbal, Torralta, Racing Toulon, de França, e Clube Desportivo de Badajoz, de Espanha.

Os jogos vão ser dirigidos pelos árbitros Alder Dante, João Rosa, Francisco Silva, Rosa Santos, Marques Pires e pelo francês Quiniou.

Além dos troféus a distribuir pelas seis equipas participantes, a organização instituiu galardões para o melhor jogador (Taça José Augusto), para o jogador mais jovem (Taça João Biri), para o guarda-redes menos batido (Taça Irobar), para o melhor marcador (Taça Eusébio), para o jogador mais correcto (Taça Fernando Mendes), para o jogador mais alegre (Taça Jaime Graça) e para a equipa mais jovem (Taça Platini).

Durante o torneio estão previstos debates sobre futebol juvenil com a participação de jogadores, treinadores, dirigentes, árbitros e jornalistas.

A «dança» dos treinadores

O treinador de futebol João Eduardo Fortes «Djunga», que fora dado como certo no Sporting de Lamego, assinou um contrato com o Vitória de Guimarães — soube-se em Lamego.

«Djunga», que ocupará o lugar de adjunto do austriaco Herman

Stessl, disse que assinou pelo Guimarães «mais por razões de ordem familiar do que económicas».

Inquérito de Peniche adiado

O Conselho de Disciplina da FPF adiou a apreciação das conclusões do processo de inquérito mandado instaurar aos acontecimentos que rodearam o jogo Peniche - Águeda.

Na sua reunião de ontem, aquele órgão da Federação Portuguesa de Futebol resolveu adiar a análise do processo «até que seja conseguida melhor prova».

O processo foi mandado instaurar por denúncia do Académico de Coimbra, segundo a qual alguns jogadores do Peniche teriam sido subornados pelo Águeda para facilitarem o triunfo deste.

Peniche e Águeda defrontaram-se na última jornada da Zona Centro do Campeonato Nacional de Futebol da segunda divisão, tendo a equipa visitante conseguido o triunfo que lhe garantiu a subida ao escalão principal.

Vitória sadino: ao trabalho 2.ª-feira

A equipa do Vitória de Setúbal começa a sua preparação na próxima semana — declarou um dirigente do clube sadino.

Os jogadores farão a sua apresentação no Estádio do Bonfim na segunda-feira e a partir de quarta começam a treinar no Estádio Nacional, em Lisboa, onde permanecerão dez dias.

Impõe-se o combate à droga

O problema das drogas no atletismo dos Estados Unidos é tão latente que, inclusivamente, Edwin Moses (recordista mundial dos 400 metros livres) reconhece que 50 por cento dos melhores atletas norte-americanos as utilizam.

No entanto, nos campeonatos norte-americanos de atletismo, que se disputaram em Indianápolis, não houve maneira de se saber que praticantes se aproveitaram do uso de «esteróides» (uma droga para fortalecer os músculos) e quais os que não utilizaram.

O problema é que não existe um controlo anti-«doping» no desporto amador nos EUA e no continente americano só existem dois laboratórios que cumprem os requisitos do Comité Olímpico Internacional.

Além disso (dizem alguns pouco escrupulosos) laboratórios como o que se montará para as Olimpíadas de Los Angeles (em 1984) custam 1,5 milhões de dólares (cerca de 150 mil contos).

Entre uns e outros, atletas que fazem o jogo daqueles que só se interessam pelo espectáculo

que representa o desporto os jovens deste país estão a crescer com a ideia de que para se ser um grande atleta é preciso tomar esteróides — disse Edwin Moses.

Muitos dos nossos bons atletas estão a ser derrotados por gente que toma drogas, afirmou Edwin Moses, que desde há seis anos ganhou as 47 provas de 400 metros livres em que participou.

É surpreendente (acrescentou) ver nas listas mulheres que mais parecem jogadores de rúgbi que atletas.

Os «esteróides» são componentes químicos que se encontram basicamente nas hormonas masculinas e aumentam os tecidos musculares; o seu uso médico habitual está destinado a pessoas adultas cujos organismos não produzem suficientes proteínas.

Para Carl Lewis, que alcançou a melhor marca de sempre nos 200 metros livres (em Indianápolis) e é um dos principais favoritos nas Olimpíadas de Los Angeles, ainda que o processo (de

análises antidroga) seja extremamente caro, deve-se encontrar um sistema para evitar esta injustiça.

Despreocupados pela falta de controlo no seu próprio país, os desportistas norte-americanos defrontaram-se por vezes com problemas na hora de participar em competições europeias ou mundiais, onde a droga é um dos aspectos mais perseguidos. A última vítima foi Ben Plucknett, recordista norte-americano do lançamento do disco, que acaba de regressar às competições após ano e meio de suspensão, por ter dado resultado positivo o controlo anti-«doping» a que teve de se submeter nos campeonatos de Estocolmo (Suécia), em 1981.

Agora, com a proximidade do Campeonato do Mundo de Atletismo, que se realiza de 7 a 14 de Agosto (em Helsínquia), mais vozes se levantam em favor de uma lei normativa para as análises médicas nas competições.

Por exemplo: Greg Foster, o atleta «número

um» dos Estados Unidos no salto em altura, disse que as autoridades do seu país recelam proceder a análises para verem quem toma drogas e quem não toma. Descobrir isso poderia prejudicar os esquemas de equipa.

Al Oeter, vencedor de quatro medalhas de ouro olímpicas (consecutivamente de 1956 a 1963) no lançamento do disco, manifestou, por seu turno a alegria por ter crescido neste desporto antes de haver alguma droga.

Agora (acentuou) parece que 50 por cento dos atletas pensam que o triunfo se baseia nos produtos químicos.

Lorna Griffin, uma das melhores atletas da equipa olímpica dos Estados Unidos, afirmou que as drogas obrigam a retirar-se, talvez antes dos jogos do próximo ano, porque não se pode fazer nada contra os que tomam «esteróides». Apesar de tudo, os melhores não se preocupam, pois (disse Carl Lewis a propósito) aqueles que utilizam drogas sabem que mais cedo ou mais tarde serão descobertos.

DESPORTO

Clubes nortenhos em aparente desvantagem

Como eles viram o sorteio de Genebra

CONHECIDOS os adversários que irão caber às equipas portuguesas nas competições uefeiras da próxima temporada, as reacções não se fizeram esperar.

O director do departamento de futebol do Benfica disse, a propósito, estar convencido de que «os encarnados têm capacidade para ultrapassar o Linfield na primeira eliminatória da Taça dos Campeões Europeus».

«Partimos do pressuposto que o Linfield, como não é equipa do primeiro escalão, não vai criar dificuldades de maior e está perfeitamente ao alcance do Benfica», afirmou Júlio Borges.

O «patrão» do futebol benfiquista disse desconhecer o futebol da Irlanda do Norte e sobre o resultado do sorteio realizado em Genebra, Júlio Borges afirmou que o Benfica sempre encarou com optimismo esta primeira eliminatória, uma vez que era «um dos cabeças de série e, por isso, nunca lhes iria sair um dos grandes do futebol europeu».

O percurso do Benfica nos Taças europeias

O Benfica ocupa o quarto lugar entre as equipas da Europa que participaram nas provas europeias até à época de 1982/83 — indica um estudo ontem divulgado.

O estudo foi realizado pela Federação Belga de Futebol, que se serviu das presenças e classificações obtidas pelas respectivas equipas, atribuindo uma pontuação especial consoante os lugares e o número de presenças.

A lista é comandada pelo Real Madrid, seguido do Barcelona, ambos de Espanha, Juventus de Itália e Benfica, de Portugal.

As quatro primeiras equipas são latinas, sendo o Liverpool, na quinta posição, o primeiro não-latino.

Da lista constam ainda mais duas equipas portuguesas cabendo ao Sporting a vigésima-quinta posição e ao Vitória de Setúbal o quinquagésimo-segundo lugar.

A posição das primeiras 14 equipas, nesse estudo estatístico, é a seguinte:

Real Madrid, Barcelona, Juventus de Itália, Benfica, Liverpool, Bayern de Munique, Milan, Anderlecht, Inter de Milão, Co-

lonia, Estrela Vermelha de Belgrado, Ajax, Celtic e Borussia.

Guimarães espera «o milagre»

Presente pela terceira vez na Taça da UEFA, o Vitória de Guimarães terá sido, das equipas portuguesas, a menos feliz no sorteio realizado ontem em Genebra, na Suíça. Com efeito, aos minhotos tocou nada mais, nada menos do que o famoso Aston Villa, de Inglaterra, campeão europeu o ano passado. António Pimenta Machado, presidente da direcção dos minhotos, acompanhou de perto o desenrolar do sorteio e, naturalmente, logo manifestou a sua desolação:

— Não tivemos sorte nenhuma, embora reconheça que, hoje em dia, não há clubes fáceis. Só espero que se repita a história do David e Golias ou, por outras palavras, que o Vitória se supere a si próprio e consiga o «milagre» de derrotar o campeão europeu de 1982 e uma das mais poderosas formações de Inglaterra.

Na cidade-berço, entretanto, reinava ao fim da tarde de ontem uma certa esperança. À partida, pois todo o favoritismo vai para o Aston Villa, mas pode muito bem acontecer o tal «milagre». Até ao lavar dos cestos — como diz o povo — é sempre tempo de vinda...

Recorde-se, a propósito, que o Vitória de Guimarães se iniciou nas lides europeias na época de 1969-70, debruçando na primeira eliminatória o Banik Ostrava, da Checoslováquia, que saiu eliminado pelos vimaranenses (1-0 em casa e 1-1 fora). Na segunda eliminatória, os minhotos tiveram como adversário a equipa inglesa do Southampton, com a qual empataram em «casa» (3-3), mas perderam fora (1-5), ficando, por isso, eliminados.

Na época seguinte, isto é, em 1970-71, o Vitória de Guimarães voltou a passar a primeira eliminatória, com os parciais de 3-0 (casa) e 1-3 (fora), frente ao Angoulême, mas na segunda «rodada», tocou-lhe o forte conjunto do Hibernian e foram-se as veleidades minhotas (2-1 em Guimarães e 0-2 no campo do adversário).

O presidente vimaranense acordou, entretanto, com o seu

homólogo do Aston Villa, a alteração da ordem dos jogos, afirmando não colidir com o FC Porto. Assim, o primeiro encontro efectuar-se-á em Guimarães no dia 14 de Setembro e o jogo da segunda «mão» será em 28 de Setembro, na Inglaterra.

Para além do palmarés já referido, o Aston Villa — um dos clubes fundadores da liga inglesa — já foi sete vezes campeão do seu país (a última foi na época de 1981-82), venceu, também, sete vezes a Taça de Inglaterra, sendo um dos poucos clubes da «Velha Albion» que conseguiu o «bonito» de vencer na mesma época a Taça e o Campeonato. Isso aconteceu no longínquo ano de 1897.

FC Porto: o Dinamo 20 anos depois

Vinte anos depois, o FC Porto volta a encontrar na sua «rota» europeia a poderosa formação do Dinamo de Zagreb. Na verdade, a turma jugoslava encontrou-se pela primeira vez com a equipa «azul e branca» na época de 1962-63. Depois de ter vencido nas Antas por 2-1, o Dinamo não conseguiu melhor do que um empate sem golos no seu terreno, mas que na circunstância foi suficiente para garantir a passagem à eliminatória seguinte.

O ano passado e, como é sabido, os jugoslavos voltaram a sair na rifa a uma equipa portuguesa — o Sporting — mas desta feita não foram tão bem sucedidos, já que a turma leonina, em noite de grande inspiração, logrou bater o seu adversário por 3-0 em Alvalade e superar assim a desvantagem (0-1) da Jugoslávia.

Agora como será? O Dinamo de Zagreb não é nenhuma péra doce. Vencedor da Taça UEFA em 1967, o conjunto jugoslavo já venceu por oito vezes a taça do seu país e tem três títulos no campeonato, o último dos quais na época de 1981-82.

Jorge Nuno Pinto da Costa, que se deslocou expressamente a Genebra para assistir ao sorteio, disse à sua chegada, ontem, ao fim da tarde, a Pedras Rubras, que estava apreensivo, mas ao mesmo tempo confiante:

— O Dinamo não era a equipa que mais desejávamos, mas tal não significa que a eliminatória esteja perdida. O FC Porto tem condições para triunfar e propor-

cionar dois excelentes espectáculos. Também fiquei um pouco receoso quando, em sorteios anteriores, nos couberam equipas como o Colónia e o Manchester United. No entanto, acabámos por eliminar essas formações. Por outro lado, fiquei bastante satisfeito quando nos tocou o AK de Atenas e, como devem estar recordados, perdemos a eliminatória. O futebol é assim, nem sempre os favoritos é que ganham.

O presidente portista, que era aguardado por vários dirigentes «azuis e brancos», disse ainda aos jornalistas que aproveitara a sua ida à Suíça para deixar tudo tratado quanto aos alojamentos na Jugoslávia e, bem assim, quanto à hora mais indicada para o jogo lá, que será às 19,45 (17,45 de Lisboa).

Entretanto, Sardoeira Pinto, presidente da assembleia geral do FC Porto, disse, por seu turno, que o clube das Antas «é uma equipa com valor suficiente para defrontar qualquer adversário em qualquer parte do mundo». O facto de jogar primeiro fora — disse ainda Sardoeira Pinto — «dá uma certa vantagem ao FC Porto».

Recorde-se que a turma portista disputou até agora 37 jogos para competições europeias, mas nunca passou dos quartos de final.

João Rocha confiante na passagem

O Sporting trocou com o Sevilha, como já dissemos na edição de ontem, a ordem dos jogos a disputar com o Sevilha, deslocando-se à capital da Andaluzia na primeira «mão».

A propósito, o presidente leonino, João Rocha, disse que o facto da sua equipa jogar primeiro fora «criou maiores esperanças na passagem da eliminatória».

João Rocha sublinhou ainda que o Sporting lutará por um lugar de destaque na Taça UEFA, não deixando de alertar, todavia, para as dificuldades do primeiro encontro, pois o Sevilha «é um adversário difícil, como qualquer clube espanhol da primeira divisão».

Sevilha lamenta a inversão

O treinador do Sevilha, Manolo Cardo, lamentou a inversão da

ordem dos jogos que a sua equipa vai disputar com o Sporting, na primeira eliminatória da Taça UEFA.

O sorteio realizado em Genebra ditou que a equipa espanhola deveria deslocar-se primeiro ao Estádio de Alvalade, em 14 de Setembro, e depois receber o Sporting no dia 28.

Por força dos regulamentos da UEFA, o sorteio do jogo do Benfica, para a Taça dos Campeões, acabou por beneficiar a equipa leonina.

Como não podem realizar-se dois jogos simultaneamente na mesma cidade e o Benfica recebe o Linfield, da Irlanda do Norte, para uma Taça que tem prioridade sobre a da UEFA, a ordem dos jogos entre Sporting e Sevilha foi automaticamente invertida.

Assim, o Sporting terá a vantagem de jogar primeiro fora.

Manolo Cardo considerava importante para a sua equipa deslocar-se primeiro a Lisboa, acrescentando que para o tipo de jogo do Sevilha seria vantajoso que se tivesse mantido a ordem do sorteio.

Por outro lado, Manolo Cardo disse estar satisfeito com o sorteio que fez a sua equipa defrontar o Sporting na primeira eliminatória da Taça UEFA.

«Embora nenhuma equipa seja fácil, agrade-me que nos tenha tocado o Sporting, pois praticamos um futebol muito parecido com o do Sevilha», afirmou.

O técnico espanhol sublinhou a experiência europeia do Sporting e a categoria dos seus jogadores, destacando Oliveira, Jordão e Manuel Fernandes.

Para o responsável pela turma sevilhana, as duas equipas partem «com 50 por cento de probabilidades de vencer a eliminatória».

A preparação do Sevilha

A equipa do Sevilha, que em 14 e 28 de Setembro defronta o Sporting na primeira eliminatória da Taça UEFA, regressa aos treinos no dia 19.

Neste princípio de preparação, os jogadores sevilhanos vão permanecer duas semanas na serra de Navacerrada, perto de Madrid, para «desintoxicação», e

realizam o seu primeiro jogo da época em 5 de Agosto, contra uma equipa local.

De momento, afirmaram dirigentes do clube, o Sevilha tem prevista a participação em dois torneios de Verão, um em Ceuta e outro em Madrid, neste caso o torneio «Cidade de Madrid», organizado pelo Atlético local.

O primeiro jogo do campeonato espanhol realiza-se a 4 de Setembro. O estádio Sanchez Pizjuan, do Sevilha, tem capacidade para 72 mil espectadores e foi inaugurado em 1955.

O orçamento do clube andaluz para a próxima época é de 400 milhões de pesetas e os dirigentes afirmam não pretenderem contratar novos jogadores, espanhóis ou estrangeiros.

Os seus dois lugares para estrangeiros estão ocupados pelos brasileiros Pintinho e César, embora este praticamente não esteja a ser utilizado.

A equipa sevilhana é praticamente constituída à base de jogadores feitos no próprio clube, tanto nos juniores, como em clubes filiais.

Nenhum futebolista do Sevilha é titular da selecção espanhola, mas o guarda-redes Buyo, bem como Francisco e Alvarez, têm sido convocados para as selecções olímpica e de esperanças.

Buyo tem sido este ano o suplente do titular da selecção, Arconada.

Na época que agora terminou, o Sevilha obteve a sua melhor classificação de sempre na primeira divisão, um quinto lugar.

A equipa andaluz tem no entanto alguma experiência internacional. Na época finda participou igualmente na Taça UEFA, da qual foi afastada na terceira eliminatória, ao perder por 0-4 em Kaiserslautern, depois de ter vencido por 1-0 em Sevilha.

Nas eliminatórias anteriores, o Sevilha afastara o Paok, da Grécia, perdendo por 0-2 e vencendo por 4-0 em casa. Também graças ao triunfo em casa, a equipa espanhola passou à segunda eliminatória, perdendo com o Levski na Bulgária por 1-3 e vencendo em Sevilha por 3-0.

Um dirigente do clube declarou estar satisfeito com o resultado do sorteio, sublinhando que a proximidade geográfica permitirá a deslocação de muitos adeptos dos dois clubes.

assim vai o TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ORGÃOS DE INFORMAÇÃO

PARA O CONCURSO Nº 28

DE 9/10 DE JULHO DE 1983

Ecos do Cacia, 11X 111 111; 11X1; Jornal de Sintra, 111 112 111 1211; Maria da Fonte, 11X 1X1 111 1211; Notícias de Chaves, 111 X21 111 1X11; Notícias de Felgueiras, 1X1 121 11X1 X2X1; RDP/Secção Desportiva, 112 X21 1X1 X2X1; A Voz do Domingo, 11X 121 111 1111; RDP/Tempo de Desporto, 111 1X1 111 11XX; Música e não só, 112 1XX 121 2212; Bola Branca, 2X1 X11 X11 1212; Sais Banho, 11X 1X1 111 1X21; Diário de Lisboa, 111 X11 111 11X1; RDP/Rodapé, 11X X12 21X

2XX1; Ponto de Encontro, 1X1 2XX 121 X2XX; Diatónico, X21 11X 2X1 11X2; EDP/Reportagens Exteriores, 1XX 11X XX2 1121; Jornal da Beira, 112 111 111 1X21; Correio de Coimbra, 1X2 111 111 121X; Folha do Domingo, 11X 111 111 111X; Jornal Linhas de Elvas, 1XX 111 111 XX11; Notícias de Évora, 111 1X1 XX1 111X; Rádio Totobola, 1X1 211 X11 2X1X; O Jornal de Amarante, 111 122 111 1211; A Comarca de Arganil, 11X XX2 111 22X1; Penalty, 111 X21

111 211X; Manchete Desportiva, 11X 2X1 111 X111; Jornal «O Porto», 11X 1X1 121 2X21; O Comércio de Leixões, 11X 1X2 121 X2X1; Repórter do Dia, 112 121 121 11X1; Alvo Desportivo, 11X X1X X22 X111; Jornal de

Gaia, 11X 211 111 X21X; Jornal da Graça, 2X1 1X1 111 111X; Jornal de Notícias, 111 111 111 1X22; O Primeiro de Janeiro, 112 22X 111 2121; Rádio Alvo, 1X1 111 111 1111; A Voz dos Ridículos, 11X 112 111 1112; A Voz do Ave, 111 111 1X1 1XX2.

	R E S U M O			B O L A S		
	1	2	3	1	2	3
1. STANDARD LIÈGE - ZURIQUE	24	1	2	20	1	1
2. S. PRAGA - YOUNG BOYS	22	2	1	10	2	1
3. Malmö - BREMEN	18	18	6	5	5	2
4. ST. GALLEN - POGON	24	8	5	10	2	1
5. SHIMSHON - NATANYA	17	12	8	10	2	1
6. AARHUS - LUCERNA	25	6	6	8	2	2
7. I. BRATISLAVA - SLOBODA	29	6	2	9	2	1
8. INNSBRUCK - HONVED	26	5	6	9	1	2
9. GÖTEBURG - BÄLTICO	34	1	2	10	1	1
10. COPENHAGA - ADMIRA	22	8	7	8	2	2
11. VIDEOTON - STURM GRAZ	16	9	12	5	3	4
12. ELFSBORG - BRAUNSHWEIG	20	11	6	6	4	2
13. VITKOVICE - PLOVDIV	22	9	6	7	3	2

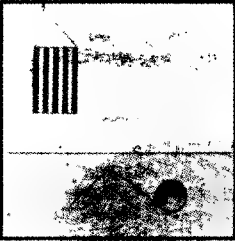
a) - Nos termos do Artº. 14º. do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:

111 111 111 1111

ouro

TODOS OS OBJECTOS
MESMO DANIFICADOS, CAUTELAS
DE PENHOR, MOEDAS, PRATAS
• COMPRO A P/ PAGAMENTO, •
das 10 às 12h. e das 14 às 18h.
Av. Almirante Reis 173-17 (cinema IMPÉRIO)
VICTOR - telef. 53 82 20



NADE
ao longo das praias

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA
HOJE AS 21,45 H

a CASTRO
ANTONIO FERREIRA - 7.º MÊS
ENCENAÇÃO JOAO MOTA

Terça-feira a sábado

As 21.45
Domingo
As 17 h

XVII EXPOSIÇÃO EUROPEIA
DE ARTE
PRAÇA DE ESPANHA
SUB SEC Tel 720818

SÓ ATÉ DOMINGO

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II

HOJE ÀS 21

2º mês



**"LONGA VIAGEM
PARA
A NOITE"**

EUGENE O'NEILL : prémio PULITZER 1944
: prémio NOBEL 1936

**encenação de
Jacinto Ramos**

tradução e
adaptação **PAULO FERREIRA DA
SILVA TELES**
cenário e
figurinos **PAULO GUILHERME**
música **CÉSAR BATALHA**
assistente de
encenação **CARLOS CABRAL**

DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO **VARELA SILVA** DIRECÇÃO DE CENA **PEDRO LEMOS**

Distribuição
(por ordem de entrada em cena)

ROGÉRIO PAULO	TYRONE
LYGIA TELLES	MARY
MÁRIO PEREIRA	JIMMY
CARLOS DANIEL	EDMUND
LUZ FRANCO	CATLEEN

ESPECTÁCULO NÃO ACONSELHÁVEL A M. 13 ANOS
DESCANSO DA COMPANHIA À 2.ª FEIRA

MAIS UMA ESPECIALIDADE DO **STAR**

**PORQUE É QUE TANTAS MULHERES
TENTAM SEDUZIR TANTOS HOMENS
— "E VICE-VERSA" ?**



**TENTAÇÕES
IRRESISTÍVEIS**
(A LITTLE SEX)

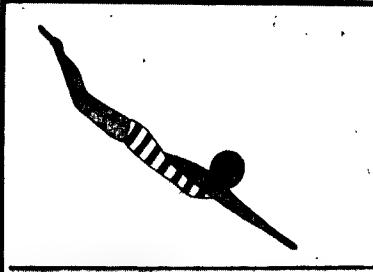
UMA COMÉDIA FORA DE
SÉRIE, ALEGRE, DIVERTIDA E
COM TUDO O QUE FAZ O
"SAL" DA VIDA...

Um filme de
BRUCE PALTROW
com
**TIM MATHESON
KATE CAPSHAW
EDWARD HERRMANN**

ESPECIALMENTE
SELECIONADO
PARA O CINEMA **STAR**

HOJE ESTREIA

MUNDIAL FILMES
Maiores de 12 anos



**NÃO
dê saltos
em locais
que
desconhece**

ANTHONY QUINN - OLIVER REED



**O LEÃO DO
DESERTO**
(LION OF THE DESERT)

ROD STEIGER - JOHN GIELGUD - IRENE PAPAS
RAF VALLONE - GASTONE MOSCHIN

BATALHAS ESPECTACULARES!

Int. men. 13 anos **HOJE VOX**

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II

ESTREIA, AMANHÃ ÀS 21,45 h

ESPECTÁCULO NOS PÁTIOS DO PALÁCIO DA INDEPENDÊNCIA

**«O ANÚNCIO
FEITO A MARIA»**

de
PAUL CLAUDEL

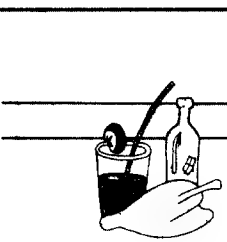
●

encenação
JORGE LISTOPAD

com

JOÃO PERRY	CARLOS DUARTE
MANUELA DE FREITAS	CATARINA AVELAR
EUNICE MUÑOZ	ANTÓNIO RAMA

ESPECTÁCULO NÃO ACONSELHÁVEL A M. 13 ANOS
DESCANSO DA COMPANHIA À 2.ª FEIRA



**NÃO tome banho
sem ter feito
a digestão**

PEDRO BARROSO AO VIVO
(15 anos de cantigas)

Lisboa Cinema Europa
sexta-feira 8 de Julho 21.30 horas

apresentado pela agência

CANTABERTO **R.º RADIO TRIUNFO**

Ataram-se um ao outro por um ano

Dois «artistas» de Nova Iorque ataram-se um ao outro com uma corda de 2,5 metros e juraram permanecer ligados durante um ano.

Teching Hsieh e Linda Montano não são namorados e o contrato de «ligação» que celebraram entre si prevê mesmo que não podem tocar um no outro. Trata-se, explicou Hsieh, de um exercício contra a «solidão».

Antes de iniciarem a aventura, os «atados» fizeram um ensaio de uma semana. A primeira corda era curta: «Aquilo puxava cada vez que um de nós se virava na cama», disse Hsieh. Além disso aquela corda encolhia cada vez que tomávamos duche. A nova corda foi fornecida com a garantia de não encolher.

Hsieh já passou um ano metido numa gaiola e outro ano a bater as horas, de hora a hora, como uma espécie de relógio vivo.

Mais de 84 mil mortos nas estradas europeias

Em 1981 morreram 84 300 pessoas e 2,1 milhões ficaram feridas, em acidentes de viação registados na Europa (tanto ocidental como oriental), segundo projecções estatísticas da ONU estabelecidas pela sua comissão económica para a Europa.

Depois de ter registado uma progressão regular até 1980, diminuiu o número de acidentes de viação na Europa que tenham provocado lesões corporais, passando para 1,58 milhões, em 1981, ou seja um pouco acima do número de 1975 (1,54 milhões).

A Alemanha Ocidental detém o recorde no que diz respeito ao número de acidentes registados em 1981, ano durante o qual foram recenseados 362 617 casos. Segue-se o Reino Unido (253 521), a França (241 049 em 1980), a Itália (165 721), a Espanha (66 998), a Bélgica (59 024), a Áustria (46 690) e a Holanda (46 656).

Nos países de Leste — relativamente aos quais continuam a não estar disponíveis as estatísticas dos últimos anos —, a Jugoslávia está à frente (48 896 em 1979), seguida pela Polónia (39 404 em 1975), RDA (33 309 em 1981), Checoslováquia (24 189 em 1981) e Hungria (13 308 em 1981).

Relativamente ao número de óbitos provocados por acidentes de viação, a França está à frente (com 12 384 casos em 1980), sendo seguida pela RFA (11 674), Itália (8072), Reino Unido (6069), Espanha (4930), Turquia (4348), Portugal (2610), Bélgica (2216) e RDA (1931).

No que diz respeito ao número de feridos, a RFA encontra-se na dianteira (475 944), seguida pela França (333 593 em 1980), do Reino Unido (326 551), Itália (225 242), Espanha (106 145), Bélgica (79 588), Áustria (62 518), Holanda (53 505), Portugal (46 489), RDA (40 231), Suíça (31 702), Checoslováquia (30 106) e Turquia (29 238).

Com cerca de 23,8 milhões de veículos de turismo, a RFA é o país europeu que dispõe do maior parque automóvel. Seguem-se a França (18,8 milhões), Itália (17,7 milhões), Reino Unido (15,6 milhões), Espanha (8), Holanda (4,6), Bélgica (3,2), Polónia (2,6), Suíça (2,4), Áustria (2,3) e Checoslováquia (2,21). Ao todo, contavam-se, em 1981, cerca de 116 milhões de automóveis de turismo na Europa.

munoz & sampayo

4



UMA AMIZADE DE CINQUENTÕES





Amanhã no Europa

'15 anos de cantigas' de Pedro Barroso

Pedro Barroso vai celebrar «15 anos de cantigas», uma parcela da história de todos nós. Não é apenas o trabalho de um simples fazedor de alegria, mas de um artista empenhado na nossa música e nos nossos valores mais profundos, que vive afastado da grande cidade e vem agora mostrar ao público urbano uma parte do que tem feito ao longo de todo este tempo.

O espectáculo realiza-se

amanhã, às 21.30, no Cinema Europa, e além do autor-intérprete Pedro Barroso terá actuações de António Chaiinho (guitarra portuguesa), Zé Calhau (flauta), Luís Sá Pessoa (viola), Pedro Fragoso (piano e guitarra braguesa), António Veríssimo (sapateador ribatejano - eia! os pés como instrumento de concerto!) e um coro feminino.

Um espectáculo a não perder!

Com Emídio, Cortes e Chibanga

Francês "Nimeño II" hoje no Campo Pequeno



Ricardo Chibanga

Os aficionados da capital e arredores terão ocasião, esta noite (às 22 horas), de presenciar no Campo Pequeno a arte do melhor «diestro» francês e, há que dizê-lo, de um dos melhores matadores da actualidade, com enorme cartel em Espanha e nas Américas: «Nimeño II», nome taurino de Christian Moucouquiol.

«Nimeño II» terá, a pé, como alternante, Ricardo Chibanga, um tremendista que costuma dar réplica às figuras que passam pelo maior tauródromo nacional. A cavalo (porque a corrida é mista) apresentará-se o alentejano José Maldonado Cortes e Emídio Pinto, recente triunfador da corrida do «Colete Encarnado», em Vila Franca de Xira. Os rapazes do Grupo de Forcados Amadores de Alcochete estarão aí para as pegadas dos três touros de Simão Malta para a parte equestre, sob as ordens de JM Mimo. Aliás, todo o curro é daquele ganadeiro.

ENSINE O SEU FILHO

Ensine o seu filho mais velho a levar o irmão pelo lado de dentro do passeio.



PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA



crónica de touros

Touros na Reboleira

SOLILÓQUIO

Praça de Touros do Campo Pequeno. Quinta-feira, 16 de Junho de 1983. Novilhos de Manuel Pontes Dias para José Paulo, Rui Rosado, Joaquim Veríssimo, forcados juvenis de Vila Franca (cabo Luís Oliveira), Pedro Santos, Rui Vasquez e José Luís Gonçalves.

O Campo Pequeno tem, como se sabe, uma nova empresa. O que não é a mesma coisa que ter uma empresa nova. De modo que, pelo já visto e pelo previsto, está praticamente garantido que vai ficar tudo na mesma — a começar pela «novilhada da juventude». Já era costume da casa, uma vez por ano, montar um festejo assim, em família, para dar ideia de preocupação com o futuro da Festa.

A preocupação começa logo por não cuidar do ritmo: lidam-se dois novilhos a cavalo; colocam-se os burladores, porque o terceiro é a pé; logo a seguir vem o intervalo, que por sinal é anti-regulamentar; entretanto tiraram os burladores, porque se segue outro novilho para cavalo, findo o qual se põem outra vez os burladores, os dois restantes animais são «à moda de Espanha». Uma coisa entre-mada, como o toucinho.

E todo o mal fosse esse. Porque o pior é faltar a emoção. Os novilhos de Pontes Dias, fáceis e levezinhos (Levezinho se chamava por sinal o primeiro pegador, fixe, do grupo certinho dos juvenis de Vila Franca), saíram com suficiente gás e codícia; mas não há emoção que resista, nem se podem promover toureiros a sério, com inimigos de pontas cortadas.

Para não dizerem que é mau feito, passemos ao acon-

tecido. Com os embolados, confirmou-se estar em boa cozedura a próxima fornada de cavaleiros: o José Paulo, asseado e digno, a ver outra vez; o Rui Rosado, mais do que promotor (atenção àquele ferro, citando em curto, com a garupa do cavalo nas tábuas do sector 4, esperou sossegado, aguentou sem cambiada, saiu com limpeza); e o Veríssimo, menos pequenino do que era, mas sem perder, apesar do trambolhão, tanto o seu sentido da lide como o de comunicar com o público.

Dos novilhos de hastes serradas, o único incómodo saiu para o «Morenito de Luanda» que, dos três candidatos a matadores, sendo o que tem mais arte lá dentro, é também o que mais se assusta: de modo que se ficou o Gonçalves por uns apontamentos ligeiros. Pedro Santos, com uma péra doce, andou colocado, saindo dos remates com um andar que ele queria fazer jacarandoso, e que não dizia com o pouco sal. E ao Rui Vasquez, apesar da elegância dalguns momentos da faena, não lhe vi progresso, vi foi aquele letreiro que dizia «A Peña Taurina Rui Bento saúda a afición». Uma saudação simpática, embora modesta, a Peña eram dois fulanos, sentados com ar triste na quase deserta bancada de sol, um de cada lado do letreiro, segurando o pau respectivo, a gente fica na dúvida

entre a inocência e o ridículo.

Ou talvez a saudação sirva para representar o estilo comercial com que se pretendem lançar estes novilheiros, que deixam sabor a recado aprendido, a coisa programada, combinada, cada menino faz o seu número, mostra o que sabe. Não há a entrega espontânea, o esfarrapar-se para conquistar um sítio. Nem uma vez só um daqueles moços pegou no capote e saiu a alternar no novilho do companheiro, a mostrar que era capaz de fazer melhor do que ele. Ainda no último Santo Isidro madrilenho, no meio de tantas corridas, o momento de mais arte resultou de «Antofiete» e Julio Robles se terem «pegado» a competir em quilates. No Campo Pequeno, a juventude preferiu fazer-se bem comportada. E assim não irá longe.

Enfim, tudo se passou como costumam passar as novilhadas populares da capital, que uma variante vem às vezes alegrar, por exemplo aquele gato assustado que veloz atravessou a arena não sei quantas vezes, da última já não conseguiu saltar a trincheira, e então, felino inteligente, agachou-se debaixo do estribo da barreira, à espera que lhe abrissem a nesga de uma porta. E por ela se escapuliu, acabou com o gáudio do pagode, que tinha visto na arena um gato verdadeiro, não desses disfarçados que por lá costumam aparecer, uns gatos com umas bananas a servir de cornos, e bananas sem casca, como dizia o Don Bernardo.

Mas que nada disto seja tomado em desabono da nova

empresa do Campo Pequeno, que apesar de tudo se vê que não quer correr o risco de que o seu antecessor, o Manuel Jorge dos Santos, se ponha a dizer aquela do «atrás de mim virá quem de mim bom fará». De maneira que, não lhe tendo ocorrido outra coisa, como seria acabar com a fraude dos novilhos por touros, e montar umas tantas corridas com a emoção das hastes integras, e trazer a Lisboa figuras do toureiro, e investir em novilhadas com cartazes de verdadeiro interesse, em vez disso a gerência do Campo Pequeno teve uma ideia que nunca havia ocorrido aos empresários anteriores, nem aos das praças famosas, Madrid, Sevilha, Bilbao. Uma ideia verdadeiramente luminosa, como convém num lugar onde as touradas são à noite. Vai daí, mandou pintar as bancadas da praça, cada cor seu paladar, perdão, cada sector de sua cor. Um verdadeiro achado. De forma que temos agora o sector azul, o sector verde, o amarelo, e o cor-de-tijolo, e o cor de caquilha de menino.

Existe, dirão, um problema: se a praça enche, as pessoas tapam as bancadas, e não gozam o efeito; se a praça fica às moscas, ganha-se o efeito, mas não está lá ninguém para o gozar. Mas, caramba, uma coisa para ser boa não precisa de ser perfeita, aliás o óptimo é inimigo do bom. E o certo é que, graças a essa ideia de um raro simbolismo, ficou o Campo Pequeno transformado no reino dos patos bravos, confirmado naquilo que na festa dos touros já era, e que pelos vistos vai continuar a ser: a Reboleira.



O dr. Fragonard (aliás Raul Cortez), numa cena da telenovela «Água Viva»

Dr. Fragonard da «Água-Viva»

Raul Cortez em Lisboa

Em visita particular, chega amanhã a Lisboa o actor brasileiro Raul Cortez, que permanecerá entre nós por breves dias.

Raul Cortez, que o público conhece como dr. Miguel Fragonard na telenovela «Água Viva» e é ainda o Quim em «Baila Comigo», poderá aproveitar a sua estada para estudar a hipótese de vir a Portugal fazer um espectáculo de Teatro.

De facto, Cortez é um dos actores de talento que a Televisão foi buscar ao Teatro (tal como

Fernanda Montenegro, Tônia Carrero, etc) e considera-se essencialmente um actor de palco.

Em Portugal, Raul esteve no início dos anos 60 com os «Jograis de S. Paulo», em digressão. Entre esses tempos e o dos seus recentes êxitos na Rede Globo, Raul Cortez fez teatro ininterruptamente.

A sua experiência passa por Arrabal e Genet (nas versões de Vítor Garcia), por Gerome Savary (do «Grand Magic Circus») bem como por um número consi-

derável de obras do repertório internacional (Albee, Somerset Maugham, T. Williams) e da moderna dramaturgia brasileira, encenados pelos melhores directores daquele país em espectáculos de prestígio e êxito.

Raul Cortez vem a Portugal precisamente quando termina um ano e meio de representações de «Amadeus» de Peter Shaffer no Rio de Janeiro, forçando uma breve pausa simultânea no seu trabalho de TV.

Adriana Jones expõe cerâmica em Sintra

A artista Maria Adriana Jones expõe no Palácio de Turismo, em Sintra, várias obras de cerâmica. A mostra de MAJ foi inaugurada na passada terça-feira e prolongar-se-á até 17 do corrente.

«Terra Nostrum» é um dos trabalhos expostos que merece especial referência. Se o leitor aí for ajuizará melhor esta nossa indicação acerca dos vidrados da artista revelando uma inação, sensibilidade e bom gosto.

Esta exposição de Adriana Jones tem como tema «Vida e Meio Ambiente» e nela assumem relevo e atracção os trabalhos modelados pela artista, as pequenas esculturas e os painéis quer em placas quer pintados sobre azulejos.

MAJ é uma artista que se tem vindo a impor no panorama das artes plásticas portuguesas, possuindo o curso de pintura da Escola ABC, de Paris.



A cobertura do Pentágono

Continuação da pág. 5

ficas na actividade civil (2). Estudo recente apresenta oito países da Europa ocidental cujos produtos brutos somados representam apenas um terço do dos Estados Unidos, mas que dedicam à investigação e criação científica o triplo de investigadores, engenheiros e técnicos» (3). O horror e a consequente oposição a esta loucura belicista manifestou-se, à escala mundial, com a criação da Federação Mundial dos Trabalhadores Científicos; pouco depois com o Movimento Pugwash, como dissemos no artigo anterior e, nos próprios Estados Unidos, com as posições, individuais de vários cientistas: em 1946, Norbert Wiener, um dos fundadores da cibernética e então professor do MIT, afirmou:

«A cedência de uma informação científica deixa de ser, necessariamente, um acto inocente. Tenho a intenção de não mais publicar no futuro trabalhos que possam tornar-se nocivos nas mãos de militares irresponsáveis». (4) Em 1958, o Prémio Nobel, Linus Pauling, dirigiu uma mensagem às Nações Unidas pedindo a cessação imediata dos ensaios nucleares. George Kistiakowski, recentemente falecido, antigo conselheiro especial do presidente dos USA para a ciência e a técnica, assim como muitos outros cientistas que ocupavam lugares de destaque no apoio à administração belicista, começaram por considerar, em debates públicos, os aspectos e efeitos da corrida desenfreada aos armamentos e,

em consequência, a oporem-se frontalmente à política do Pentágono. Actualmente, os cientistas americanos que, em grande número, defendem a utilização pacífica da ciência e da tecnologia e se opõem à política agressiva, encontram-se reunidos em dois órgãos importantes: *The Bulletin of the Atomic Scientists* e *The Federation of American Scientists*, além de vários outros. O presidente desta Federação, físico investigador da Universidade de Princeton, Frank Von Hippel, sentiu-se recentemente obrigado a desmitificar Edward Teller na propaganda armamentista, deturpada de «razões» de apoio às armas nucleares, sob forma de um artigo publicado na conhecida revista americana «Reader's Digest» intitulado «Mitos perigosos sobre armas nucleares». (5)

No seu comentário ao artigo de Teller, Von Hippel coloca-se à altura da presidência da FAS. Um a um, os seis mitos de Edward Teller são desapeados pelo que contém de contraditório na argumentação e de tendencioso no alarmismo, no seu conteúdo adulterado pela omissão dos riscos. Lido o artigo de Hippel, Teller aparece na sua verdadeira escala e natureza: mais parece um barato vendedor de silos e abrigos antinucleares — negócio que prolifera há mais de três décadas nos Estados Unidos — que um cientista.

Vale a pena transcrever os últimos comentários de Von Hippel: «Diz Teller (6.º mito): «Não se pode negociar com os soviéticos».

* Comenta Hippel: «É óbvio que a União Soviética não fabricou as suas armas nucleares para manter a ordem interna. Além disso, nenhum acordo de controlo das armas nucleares previsional visaria desarmar qualquer das superpotências. Todavia, acordos mais limitados de armas poderiam reduzir o perigo de uma guerra nuclear e é possível prevêê-los, pois eles servem de interesses da União Soviética e de todas as restantes nações.

As negociações sobre o controlo de armamentos durante os últimos 25 anos não foram inteiramente estéreis. Nessas negociações se incluem: o tratado para a Limitação de Ensaios Nucleares, o Tratado de Não-Proliferação, o Tratado ABM e o Tratado SALT II (este último ratificado pela União Soviética mas não pelo Senado dos Estados Unidos). Teller opôs-se a muitos, se não a todos estes tratados e bateu-se para impedir a consumação de um tratado generalizado de proibição de ensaios nucleares. A sua acusação, responsabilizando inteiramente a União Soviética pela ausência de maiores êxitos nas negociações para o controlo de armas nucleares é, portanto, excessivamente «modesta».

Conclusão: Há mais de trinta anos que Edward Teller anda a prometer ao público americano maior segurança na próxima fase da corrida aos armamentos, com argumentos do género dos que utiliza no seu recente artigo no «Reader's Digest».

Entretanto, a imunidade americana à destruição por acção de

outro país perdeu-se irremediavelmente e outras nações como a Argentina, o Paquistão e a República da África do Sul aproximam-se da porta do «clube nuclear». Neste momento, a corrida às armas nucleares está a forçar a produção e o desenvolvimento das armas para o golpe inicial — uma loucura que, se não for detida, conduzirá aos sistemas de gatilho inseguro e disparo sem aviso prévio e possivelmente ao desenvolvimento de milhares de sistemas de «Cruiser» (mísseis) facilmente dissimulados e outros projectos móveis. A adopção da proposta Teller para desenvolver sistemas ABM extensivos, violaria o Tratado ABM e desencadearia outra competição ofensiva/defensiva fútil e desestabilizadora.

Eliminar o actual «equilíbrio pelo terror», continuando a corrida às armas nucleares, não é método a prosseguir. Só negociando se pode atingir o alvo. O artigo de Teller resultou, aparentemente, do seu pesadelo: que o movimento para o congelamento das armas nucleares possa forçar os Estados Unidos, de novo, a negociações sérias de controlo de armamentos com a União Soviética. Esperemos ao menos que este pesadelo de Teller se realize!»

- (1) Cf. Air Force — Junho 1966, pág. 98
- (2) Cf. Congressional Record — 8 de Setembro 1971, pág. S 13882
- (3) Cf. Harvard Business Review — Maio-Junho 1972, pág. 115
- (4) Cf. Netkin — The University and Military Research, Ithaca 1972, pág. 6
- (5) Cf. The Bulletin of the Atomic Scientists, Vol. 39, 3, pág. 6

Hoje



A balada de Hill Street

- 15.05 Vale a pena ver de novo; Revolução nuclear — (Último episódio);
- 16.25 O Homem e a Terra; «Operação Caribu»
- 16.50 Vale a pena ver de novo; «Reviver o passado em Brideshead» (1.º episódio); Intérpretes: Jeremy Irons, Anthony Andrews e Diana Quick; Realizador: Michael Lindsay-Hogg;
- 17.50 Sumário
- 18.00 Tempo dos Mais novos «Os contos de Andersen»
- 18.20 Curso de línguas; Inglês — (Follow Me)
- 18.50 Autovisão
- 19.30 Telenovela; «Origens»
- 21.05 A balada de Hill Street (18.º episódio); Intérpretes: Ron Silver, Terry Kiser, Robin Gammel, Pat Corley, Alley Seedy, Gregory Sierra, Lisa Sutton; Realizador: Jeff Blerkner;
- 22.00 «Navegar foi preciso» a epopeia dos descobrimentos e o papel que Portugal desempenhou no mundo.
- 22.55 Último jornal — Inclui a Volta a França em Bicicleta.



- 19.02 TV/2 Notícias
- 19.15 Desenhos Animados
- 19.35 Documentário; «Fontes do Porto»
- 20.00 Sara Dane — (7.º episódio); Intérpretes: Juliet Jordan, Ilana Rogers, Robert Grubb, Bill Hastings, Sue Querin, Brenton Whittle. Realizador: Rod Hardy
- 20.50 Os Grandes sopranos — «Frederica Von Stade»
- 22.00 Jornal da Noite
- 22.20 Parabéns pra você —



Sara Dane

Amanhã



- 13.00 Desenhos animados: 13.30 Jornal da tarde; 14.00 «Pal herói»; 15.00 Viúvel; 15.30 Matinée das 3 e 1/2; 17.00 Os Grandes rios; 18.00 Sumário; 18.10 Tempo dos mais novos; 18.30 Francês; 19.00 «Sagres» (documentário); 19.30 Telenovela; 20.30 «Origens»; 21.05 Móbica; 22.00 Frank Sinatra (especial); 23.35 último jornal.
- 13.00 Teletexto; 19.00 TV/2 Notícias; 19.10 Desenhos animados; 19.30 Fronteiras da música; 20.00 O Traje em Portugal; 20.30 O Maior espectáculo do Mundo; 21.00 Segredos diplomáticos; 22.00 Jornal da noite; 22.20 Telenovela.

GRUNDIG

a segurança de um grande nome seleccionou para si...

A Balada de Hill Street (21.05)

Frederica Von Stade (20.50)

Origen

Em casa de João discute-se a transformação da Catumba em estúdio de gravação. Sara diz a Luis que desiste do seu projecto de alterar o hotel e convida-o para jantar. Francisco e Júlia convidam Mãozinha a trabalhar para eles. Sara reúne-se com os empregados do hotel no escritório de Duarte. Fernandes aparece também e Sara ameaça com a Polícia tentando saber como se apoderou das cartas do avô. Gaspar pede a Luis que seja o seu padrinho de casamento.

Assistência Técnica Grundig NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraca, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871



CONCELHO MUNICIPAL DE CORUCHE

MOÇÃO

Porque perante um Mundo militarmente dividido, Assembleia Municipal de Coruche vê como único caminho para uma paz duradoura, a imediata contenção da escalada armamentista que se está a verificar, a luta contra a instalação de mais e modernizadas armas nucleares e a progressiva desactivação mútua do arsenal nuclear, que sem dúvida, à medida que cresce aumenta a possibilidade de provocar um conflito generalizado.

A razão, o bom senso, o patriotismo impõem que todas as pessoas conscientes, especialmente os Vogais desta Assembleia Municipal, se manifestem muito claramente pela rejeição da instrumentalização do nosso território e do nosso povo a favor dos desígnios belicistas ou agressivos por parte de outros países ou de outras forças estrangeiras.

É nossa determinação não permitir a instalação, estacionamento ou trânsito de armas nucleares em Portugal.

A defesa da vida e da paz é tarefa urgente, necessária e moral para a qual todos os esforços devem ser mobilizados. Declara esta Assembleia Municipal que a área do Concelho de Coruche é zona desnuclearizada.

NÃO ÀS ARMAS NUCLEARES EM PORTUGAL!

Coruche, 07 de Junho de 1983

A Assembleia Municipal de Coruche

EXPRESSOS TURÍSTICOS
A POLTRONA DA ESTRADA

AUTOPULLMANS DE LUXO • SERVIÇO DE BAR
NOVOS HORÁRIOS • MAIS FREQUÊNCIAS

PORTO/LISBOA/ALENTEJO

LISBOA/SETÚBAL/REGUENGOS/MOURÃO/AMARELEJA/MOURA
MOURA/ALQUEVA/PORTO/ÉVORA/V. NOVAS/V. FRANCA/LISBOA

LISBOA/LEIRIA/COIMBRA/PORTO

ESCAMARÃO TUR

AGÊNCIA DE VIAGENS E TURISMO

LISBOA — R. Cons. Arantes Pedrosa, 65 (C. Santana) T. 57 95 16 - 4 10 60 - 4 10 85
PORTO — R. Alexandre Herculano, 225 — T. 31 14 00 - 31 14 25 - 31 14 29



As Florestas são uma riqueza nacional.
Colabore com a sua atenção e vigilância na defesa desta riqueza.

NÃO FAÇA LUME
PROTEJA AS FLORESTAS

GANHE dinheiro e prestígio

estude!



Centro de Ensino por Correspondência

ALVARO TORRÃO

Rádio Escola

Estude em sua casa um curso que lhe proporcionará em pouco tempo, obter um Diploma e exercer uma actividade alicante e bem remunerada. Assistência pedagógica permanente.

Peça informações **GRÁTIS** (Não temos vendedores domiciliários)

Indique com um X o Curso do seu interesse, enviando HOJE MESMO o cupão.

(Indique um só curso)

☐ CONTABILIDADE
☐ INGLÊS
☐ RÁDIO, ELECTRÓNICA, TV
☐ DESENHO E PINTURA

☐ COSTURA
☐ FOTOGRAFIA
☐ RELAÇÕES PÚBLICAS
☐ VENDAS/MARKETING

Nome _____ Morada _____ Localidade _____

Alvaro Torrão • Rádio Escola
R. FERNÃO LOPES, 8
1096 LISBOA CODEX
TELEF. 54 31 36
2504



roteiro cultural

Música

O **Guitarra Jazz Duo**, com Fred Mergner e Telmo Palma, actua hoje, amanhã e no sábado às 22.30 e às 0.30, no **Hot Clube de Portugal** (Praça da Alegria, 39).

Carlos do Carmo canta hoje em Setúbal, às 21.30, nos **Claustros**, em espectáculo integrado no Festival de Teatro que ali está a decorrer.

Raymond Spasovski efectua hoje novo recital, às 21.30, no **Salão Nobre do São Carlos**. No programa, obras de Bach, Mompou, Prokofiev e Chopin.

Livros

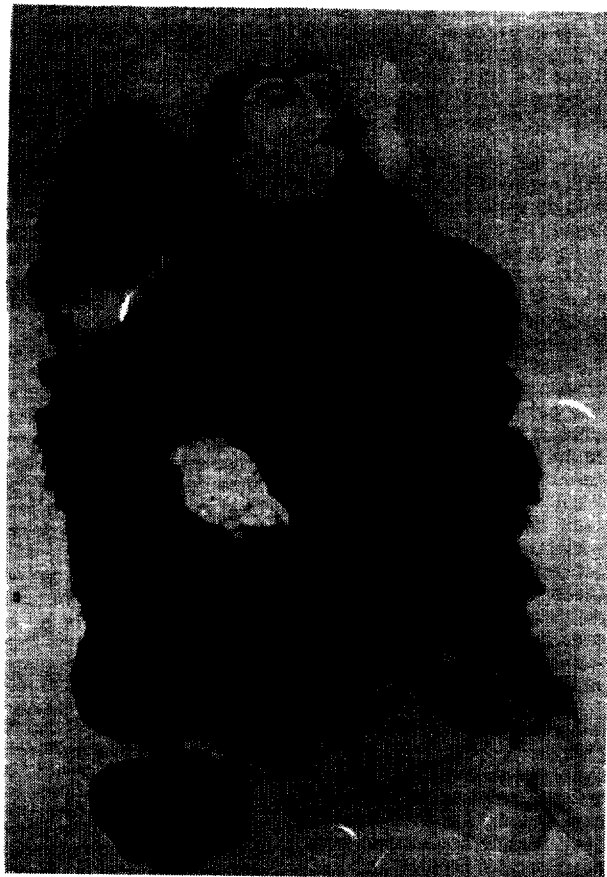
O prof. Manuel Ferreira procede hoje ao lançamento da colecção «Para a História das Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa». O acto realiza-se às 18 horas, na Interlivro, à Rua Pedro Nunes, 9-A, onde, integrada na Quinzena de Solidariedade com os Estados da Linha da Frente, continua a exposição-venda de artesanato de Angola e de livros de temática africana.

Leilões

Vão vender-se hoje em hasta pública, na Galeria Dinastia, à Rua da Escola Politécnica, dezenas de esculturas e pinturas que pertenceram a prestigiadas colecções. Entre os 111 artistas representados contam-se nomes como Carlos Reis, Almada, Francis Smith, Frederico Ayres, Carlos Carneiro, Dórdio Gomes, Cândido da Costa Pinto, Diogo de Macedo, Martins Correia, Abel Manta, Artur Loureiro, Carlos Botelho, José Malhoa, Vieira da Silva, Kröller, Manuel Ribeiro Pavia, Picasso, Pomar, Simões de Almeida, Teixeira Lopes e Roque Gameiro. O início do leilão está marcado para as 21 horas.

Exposições

«**Artistas do Porto sobre Papel**» é o tema de uma exposição apresentada pelo Módulo do Porto (Av. da Boavista, 854). Tal como o título da exposição indica, o papel é o suporte escolhido, que será lugar de pintura, colagem ou desenho, considerado desde simples superfície de registos vários a um elemento estrutural



Trabalho de Arminda Passos em «Artistas do Porto sobre Papel», exposição patente no Módulo da capital nortenha

essencial. Nomes destacados do panorama português das artes plásticas, como Jorge Pinheiro, Zulmiro de Carvalho, Domingos Pinho, etc., encontram-se reunidos a uma geração mais nova (Arminda Passos, Carlos Dias, Emerenciano, Carlos Coutinho, Francisco Laranjo, Teresa Almeida...), numa totalidade de 44 trabalhos (2 por cada autor). A exposição estará aberta até finais de Julho, de segunda a sexta, das 16 às 20 horas.

A **1.ª Bienal de Chaves**, promovida pela Câmara Municipal em homenagem ao artista flaviense Nadir Afonso, é inaugurada amanhã às 15.30 naquela cidade transmontana. Ao que sabemos, a «jovem arte portuguesa» terá no certame uma paivara a dizer, o que é tanto de relevar quanto mais se trata de um meio urbano do interior do país e de uma região onde a cultura só a muito custo e com enorme força de vontade consegue impor-se.

«**Linha de Or**» é o título da exposição colectiva de Luís Azevedo (pintura), José Gil Simões (escultura) e Teresa Joaquina (pintura) com que foi recentemente inaugurada a

Galeria de Arte de Vilamoura. A mostra está patente nesta galeria até sábado e transitará depois para o Círculo Cultural do Algarve (Faro), para a Galeria do «Mercado de Escravos» (Lagos) e para a Galeria da Casa Velha (Quinta do Lago).

Cinema

O **Instituto Francês de Lisboa** apresenta amanhã, às 18.30, no Liceu Charles Leprieux o filme «1789», segundo o grande espectáculo de Ariane Mnouchkine (uma das mais importantes criações teatrais contemporâneas) criado pela companhia «Théâtre du Soleil». Entrada livre.

«**Suru - o Rebanho**» vai ser amanhã re-estreado no Quarteto, às 21.30. Este filme turco mostra impressionantes curtos de gente. Talvez por isso, e pelo impacto da sua força violenta aliada a uma ingenuidade tranquila e a uma beleza invulgar, este filme, quando da sua estreia, não teve o público que merecia. Prezados leitores, vamos deixar cair «Suru» outra vez? Então agora só a merda é que é consumível, mesmo pelos cinéfilos?

SENHOR AUTOMOBILISTA

O ESCAPE ESTÁ ROTO!...

A CHAPARIA DO CARRO APODRECEU!...

Pensando em si, o **VOLANTE DE BENFICA, LDA**, na Estrada da Damaia 20 A/B, junto ao Mercado, às Portas de Benfica, Tel. 703280, equipado com o mais moderno equipamento, em poucos minutos monta-lhe um escape novo da afamada marca Bortex.

Ali encontrará também quase toda a espécie de chaparia auto (portas, painéis, guarda-lamas, capotas, pára-choques, grelhas, embaladeiras, etc).

Está aberto aos sábados das 9 às 13 horas.

Em ALVERCA o Diário de Lisboa

vende-se na **TABACARIA LUSA**
Rua Joaquim Sabino Faria, 16

rádio

«ANTENA UM»

16.00: «Batida de Limão»; 17.00: «Zigzag» (Tranquilidade ao andar no trânsito); 18.30: Informativo de Trânsito; «A Cada Profissão... sua prevenção»; 19.00: «Informação e música»; 20.00: Comentários à XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura; «O Espaço é seu»; 21.00: «A Viver também se aprende» (Programa da Direcção-Geral de Educação de Adultos) 21.30: «Viva a Noite» «Antena 1 no Casino Estoril»; 23.30: Último Jornal. Notícias intercalares; às 18.00, 17.00, 18.00, 21.00, 22.00 e 23 horas.

Programa 2

15.30: Que quer ouvir? - Sinfonia em Ré Maior, de João Cordeiro da Silva. - In Memoriam, Dylan Thomas, de Stravinsky; 17.00: Tratados e Retratos - Panorâmica do Pensamento, Letras e Artes no Mundo; 17.40: Intérpretes Portugueses - «Iberia» (3 números) de Albeniz; 18.05: «Culturando», diário de actualidade cultural; 19.30: Música de todos os quadrantes - Cantos e danças tribais africanas; 20.10: Música Sinfónica - Sinfonia n.º 1, em dó menor, op. 68 de Brahms; 21.00: Ópera Comentada «O Corsário» de Verdi, a seguir Música Portuguesa: - Sonatas - Degrés de Emmanuel Nunes; 00.15: Intercâmbio Musical; 01.00: Fecho. Notícias de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (263, 290 e 397 m)

14.00: Matiné; 17.00: Rádio das cinco; 19.00: Musical; 20.00: Conto-corrente; 20.30: Quando o telefone toca (3 edições); 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Programas religiosos; 22.30: Tempo de Desporto; 23.00: 24.ª Hora; 01.00: O Passageiro da noite. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 Mhz)

15.00: O Vapor; 16.00: O som da frente; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Em Órbita; 20.00: Cinco Estrelas; 21.00: Jazzfone; 22.00: Café concerto; 00.00: Dois pontos. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Rede Nacional de OM e FM

15.00: Equipa da Tarde; 18.00: Jornal das Regiões; 18.30: Transmissão do Tempo; 19.00: Programa da L.A.R.; 20.00: Horizonte; 21.00: Hora de Música; 22.00: Grande Círculo; 23.00: Última Hora; 23.55: Meditando.

Noticiários intercalares todas as horas
Rede Sul de FM

15.00: Duas vezes seis; 21.30: Quando o Telefone Toca; 22.00: Pentagrama.

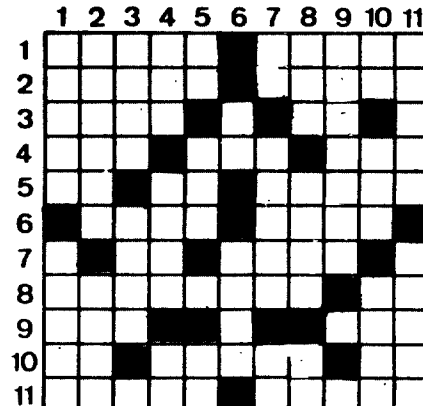
Tiragem média diária do mês anterior: 42 150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 13 779

HORIZONTAIS:

- 1 Ser necessário. Dança.
- 2 Ave trapadora. Encolizuras.
- 3 Inerte. Tempo do verbo ser. Zombia.
- 4 Em as. Olé. Prefixo que designa ar.
- 5 Espera Resposta (abrev). Nota musical. A morte.
- 6 Escudeiros. Despecho.
- 7 Bário (s.q.). Pão de milho.
- 8 Desembaras. Plutónio (s.q.).
- 9 Fluido aeriforme. Consentimento.
- 10 Antes do meio-dia. Bazófia (pl). Nesse lugar.
- 11 Vassourara o forno depois de aquecido. Dignidade.

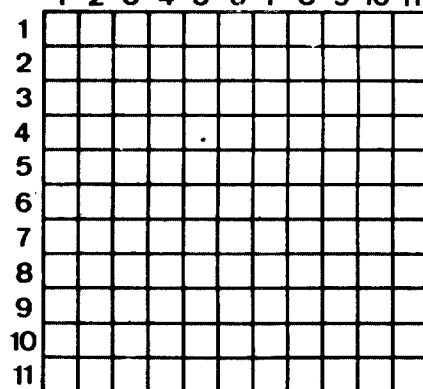


Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9629

HORIZONTAIS:

- 1 Nome de frutos. Freguesia do concelho de Vimioso.
- 2 Aldeia de índios. Arejar.
- 3 Prova de que o réu não estava no lugar do crime na hora em que foi cometido.
- 4 Freguesia do concelho de Penafiel. Tira.
- 5 Localidade. Cada uma das partes dissociadas pela corrente eléctrica.
- 6 Freguesia do concelho de Penafiel. Depois de Cristo.
- 7 Percorre. Adeja.
- 8 Vila e sede de concelho (Viseu).
- 9 Czar da Rússia congnominado «O Terrível». Estratagemas.
- 10 Reis. Arara. Gállo (s.q.).
- 11 Preposição latina que designa movimento. Tostassem.



VERTICAIS:

- 1 Ninfá que perseguida por Apolo, que a amava, invocou a Terra sua mãe e foi por esta transformada em loureiro. Recompensar.
- 2 Vagueara. Sacerdote budista.
- 3 Tempo do verbo ir. Ave penalta considerada divina pelos Egípcios. Tempo do verbo ser.
- 4 Estava. Ecos. Praxidímio (s.q.).
- 5 Rádio (s.q.). Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia. Batráquio.
- 6 Artigo definido (ant). Valor.
- 7 Bário (s.q.). Aguçá. Interjeição que exprime admiração.
- 8 Oásis. Antepassados. Solitário.
- 9 Abrihantaria.
- 10 Nota musical. Repetição de som. Dar plios.
- 11 Guarnecera de asas. Gastava.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 778

HORIZONTAIS:

- 1 Brava. Param.
- 2 Rele. Risco.
- 3 UM. Meloa. Ué!
- 4 Mal. MAL. Par.
- 5 Ames. Arrá.
- 6 Sulcara.
- 7 Nato. Acatar.
- 8 Uro. Arara.
- 9 Na. Ira. Cm.
- 10 Ci. V.º. Issu.
- 11 Assaca. Omo.

VERTICAIS:

- 1 Bruma. NUNCA.
- 2 Remam. Arais.
- 3 Al. Lesto.
- 4 VEM. Sua. Ivá.
- 5 Arem. Cora.
- 6 Lançara.
- 7 Prol. Aca.
- 8 Aia. Arares.
- 9 Anel. Romo.
- 10 Acuar. Com.
- 11 Moera. Rlm.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9628

HORIZONTAIS:

- 1 Assis. Amada.
- 2 Toam. Acém.
- 3 Iço. Bem. Ama.
- 4 Ros. Ambos.
- 5 Or. Ri. Ni.
- 6 Recortadas.
- 7 Pós. Sua. ER.
- 8 Aêl. Somam.
- 9 Anel. Rimo.
- 10 Ge. AC. Mat.
- 11 Amassa. Lios.

VERTICAIS:

- 1 Atiro. Praga.
- 2 Socorro. Nem.
- 3 Sãos. Este.
- 4 Im. Arc. Alas.
- 5 Briso. Cs.
- 6 Vé. Ru.
- 7 Mantas.
- 8 Má. Mía. Oral.
- 9 Acab. Demit.
- 10 Demoraram.
- 11 Amas. Móis.

Provérbio: Um mal, nunca vem só.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
Banco Fundado em 1864

BANCO CENTENÁRIO
UM BANCO MODERNO

COTAÇÕES DE NOTAS

	(Por unidade)	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	80\$85	79\$55	86\$85
ALEMANHA FED (marco)	45\$40	40\$70	46\$50
ÁUSTRIA (xelim)	6\$35	5\$70	6\$55
BÉLGICA (franco)	23\$05	23\$05	23\$95
BRAZIL (cruzado)	\$070	\$160	\$170
CANADA (dólar - notas de 1 a 2)	94\$80	79\$80	96\$80
(notas de 5 a 1000)	95\$10	80\$30	97\$10
DINAMARCA (coroa)	12\$80	11\$55	13\$80
ESPAÑA (peseta)	\$757	\$736	\$877
EUA (dólar - notas de 1 a 2)	116\$80	98\$05	118\$80
(notas de 5 a 1000)	117\$10	98\$55	119\$10
FINLÂNDIA (marca)	20\$95	18\$35	21\$55
FRANÇA (franco)	15\$10	13\$90	15\$80
HOLANDA (florim)	40\$50	36\$15	41\$80
INGLATERRA (libra)	179\$95	153\$05	183\$95
IRLÂNDIA (libra)	143\$70	129\$85	147\$70
ITALIA (lira)	\$070	\$070	\$080
JAPÃO (iene)	\$458	\$403	\$483
NORUEGA (coroa)	15\$95	13\$95	16\$45
SUECIA (coroa)	15\$20	13\$45	15\$80
SUÍÇA (franco)	54\$80	48\$00	55\$80
VENEZUELA (bolivar)	9\$45	9\$10	10\$45

Observações:

1. - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 5 por mil

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- N. ac. men. 12 a.
SAS, TERROR EM SÃO SALVADOR
2.ª Semana

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A

Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30, 24.00

N. ac. men. 13 anos

A GUERRA DO FOGO

4.ª semana

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30

- Int. men. 18 a.

EMMANUELLE, A ANTIVIRGEM

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30

Maiores 12 anos

O CANDIDATO

2.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30

Não acons. men. 13 anos

A CORRIDA MAIS LOUCA DO MUNDO

2.ª semana

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15.30, 18.30, 21.30

Int. men. 13 anos

UM AMOR INFINITO

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30

Int. men. 18 anos

A ROSA

Às 24.00

O CLÁ DOS SICILIANOS

CITY CINE 49999

R. Tomás Ribeiro, 34

Às 14.30, 16.45, 19.00, 21.30

Maiores 6 anos

MÚSICA NO**CORAÇÃO**

Às 23.45

CENAS DA VIDA CONJUGAL

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 14.30, 16.45, 19.00, 21.30

Para todos

E.T. O EXTRATERRESTRE

49.ª Semana

Às 24.00

O DIA DA COBRA

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30, 21.30

Int. men. 18 anos

O DRAGÃO DE OURO

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- M. 12 a.

SAS, TERROR EM SÃO SALVADOR

2000 2100055

Av. Bomb. Voluntários, lts. 113/4

Às 15.30 - 18.30 - 21.30

N. ac. men. 18 anos

BATALHA DE ARGEL

EDEN 320768

P. Restauradores, 21

Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30

Não acons. men. 18 anos

LIÇÕES PRIVADAS

2.ª Semana

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30, 21.30

N. ac. men. 13 anos

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS

49.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30

Int. men. 18 anos

O EXTERMINADOR

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15, 18.15 e 21.30

- N. ac. men. 18 a.

O CAÇADOR

c/ Robert de Niro e Meryl Streep

2.ª Semana

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14.30, 18 e 21.30

Maiores 12 anos

FANNY E ALEXANDRE

5.ª semana

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 14.15, 16.30, 18.15, 21.30

Int. men. 18 anos

CONTOS DA LOUCURA NORMAL

Às 24.00

AMBIÇÃO E GLÓRIA

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 21.00

N. ac. men. 13 anos

BEN-HUR

MUNDIAL 538743

R. Martens Ferrão, 12-A

Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30

Não acons. men. 18 anos

LIÇÕES PRIVADAS

2.ª semana

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30

- M. 12 a.

LA BOUM 2

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15, 21.30

Int. men. 18 anos

HISTÓRIA D'O

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.30, 19.00

Não acons. men. 18 anos

CIDADE VIOLENTA

Às 21.30

FUGA PARA A VITÓRIA

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30

N. ac. men. 13 anos

CONTINUAM A CHAMAR-LHE TRI-NITA

Uma cena do filme «A cidade branca».
Realizado por Alain Tanner. Em exibição no Quarteto.

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1

Às 15, 17, 19, 21 e 23

- Int. men. 18 a.

BILBAO

Às 24.00

FERIDO NA HONRA

SALA 2

Às 14.30, 16.45, 19, 21 e 23

- N. ac. men. 13 a.

CARMEN JONES

Às 23.30

NOSFERATO, O FANTASMA DA NOITE

SALA 3

Às 14.30, 16.45, 19, 21 e 23

- N. ac. men. 13 a.

AQUI HÁ GATO

Às 23.30

SANGUE, SUOR E PÓLVORA

SALA 4

Às 14.30, 16.45, 19, 21 e 23

- M. 18 a.

CIDADE BRANCA

Às 23.30

O INQUILINO

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15.30, 18.30 e 21.30

M. 18 anos

LIÇÕES PRIVADAS

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- M. 12 a.

A ESPADA DOS BÁRBAROS

SÃO JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

SALA 1

Às 13.45, 17.30 e 21.15

- N. ac. men. 13 a.

GANDHI

14.ª semana

SALA 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- Int. men. 13 a.

VICTOR, VICTÓRIA

21.ª semana

SALA 3

Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

- N. ac. men. 18 a.

O COWBOY DA MEIA-NOITE

3.ª semana

SATELITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

N. ac. m. 13 anos

A FILHA DO MINEIRO

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre

Campos. Junto ao n.º 68

Às 14.30, 17.00, 19.10, 21.30 e 23.45

N. a. men. 13 anos

007 MISSÃO ULTRA-SECRETA

Às 11.15

FESTIVAL POPEYE

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15.00, 18.15

A VIDA É**UMA FESTA**

Às 21.30

TENTACÕES**IRRESISTÍVEIS**

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30

- N. ac. men. 13 a.

TOOTSIE, QUANDO ELE ERA ELA

7.ª Semana

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- Int. men. 13 a.

PORKY'S

4.ª Semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreras, Lote 879

Às 15.00, 18.15, 21.30

Não acons. men. 13 anos

SUPERMAN N.º 2 - A AVENTURA**CONTINUA**

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30

- N. ac. men. 18 a.

AS NOITES DE HALLOWE'EN

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 - «O Candidato», às 21.30 (12 anos)**ALFA-2** - «Morte ao Sol», às 21.15 (13 anos)**ALFA-3** - «Opção Final», às 21.45 (12 anos)**QUINTETO** - «O Duetto da corda» às 21.30 (13 anos)**CINESTÚDIO ACS** - «A Ilha Azul», às 21.15 (13 anos)**ZODIACO** - «O Expresso da Meia-Noite», às 21.30 (18 anos)**CINEMATECA PORTUGUESA** - «Longe é a Cidade» às 21.30 (18 anos)**OLIMPIA** - «Super Sexo», sessões permanentes (18 anos)**CAPITÓLIO** - «Sexo na Ribalta», às 21.00 e 24.00 (18 anos)**RESTELO** - «O juiz sou eu» 21.30 (18 anos)**ROYAL** - «Hércules o Conquistador» às 21.30 (13 anos)**PROMOTORA** - «O Grande Atrador» às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS - Stadium - «A Bela Siciliana», às 21.30 (13 anos)**PAÇO DE ARCOS** - Chaplin - «O Rei da montanha», às 21.30 (13 anos)**OEIRAS** - Oeiras Cine - «Guerra aberta», às 21.15 (13 anos)**PAREDE** - Royal Cine - «A Fúria do dragão», às 21.30 (18 anos)**ESTORIL** - Casino - «20.000 Léguas submarinas», às 21.15 (13 anos)**ESTORIL** - Palácio - «A Escolha das Armas» às 21.30 (13 anos)**S. JOÃO DO ESTORIL** - CineLândia - «Trinidade vai à guerra», às 21.15 (13 anos)**CASCAIS** - Impala - «Cartago em chamas», às 21.30 (13 anos)**CASCAIS** - Oxford - «O Casal Trapa-lhão» às 21.30 (13 anos)

Outra banda

ALMADA - Cine Estúdio - «As Grades do Inferno» às 21.30 (13 anos)**ALMADA** - Incrível - «O Buraco da agulha», 21.15 (18 anos)**ALMADA** - Academia - «Táxi Driver» às 21.15 (18 anos)

Lisboa

PERMANENTE

AJUDA - Moura - Tv. da Memória, 55 (Tel. 630944); **ALVALADE** - Libia - Av. da Igreja, 48C (Tel. 891881); **AVENIDAS** - «Duque d'Ávila» - Cosmos - Av. João Crisóstomo, 44C (Tel. 40592) **BAIRRO AZUL** - Bairro Azul - Av. Ressano Garcia 7-A (Tel. 571451); **BAIXA** - Normal de Lisboa - Rua da Prata 220 (Tel. 321342); **BENFICA-B* STA. CRUZ** - Lavinha - Rua Eng. Paulo Barros 28-A (Tel. 708242); **CAMPO D'OURIQUE** - Linaide - Rua Ferreira Borges 30 (Tel. 668955); **CHILE** - ALAMEDA - Nobel - Rua Actor Vale 53 (Tel. 842152); **CONDE REDONDO-SANTA MARTA** - Davi - Rua Conde Redondo 68-72 (Tel. 554342); **PAMPULHA** - JANELAS VERDES - Lealdade - Rua do Olival 226-228 (Tel. 663441); **CHELAS** - Sacramento - Rua Actriz Palmira Bastos Lt. 42 (Tel. 384904); **ALGÉS** - Miramar - Rua Ernesto da Silva 83 (Tel. 2112048); **BRANDOA** - Correia - Est. Principal Lote 172 (Tel. 993148); **ODIVELAS** - Cateia Tavares - Rua Prof. Dr. Aug. Abreu Lopes 29-A (

PORTE
PAGO

DL

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
Administração, Redacção, Publicidade
e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3

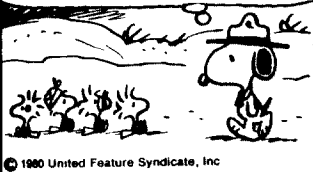
Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12393 LISBOA PORTUGAL
DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2 - 4000 PORTO
Telefones: 20954/5
Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1.º - 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784

MARES DE HOJE
PREIA-MAR BAIXA-MAR
6.50 1,3 m
13.29 3,5 m 19.21 1,2 m
Dia 8
1.57 3,5 m 7.42 1,1 m
14.23 3,7 m 20.13 1,0 m

**TEMPERATURAS DO AR
ÀS 6 HORAS**

VIANA DO CASTELO 17°
BRAGANÇA 14°
VILA REAL 13°
PORTO 16°
COIMBRA 17°
CABO CARVOEIRO 16°
PORTALEGRE 14°
LISBOA 17°
ÉVORA 15°
BEJA 16°
FARO 17°
SAGRES 18°
PONTA DELGADA 19°
FUNCHAL 18°

PARA O CASO DE SE
INTERROGAREM SOBRE
A HARRIET ESTÁ TUDO
BEM... O MUNDO DE CABEÇA
REDONDA VAI TIRAR-LO DE LÁ!



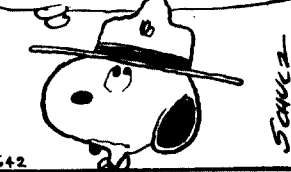
VOCÊS DIZIAM ENTÃO QUE
ESTAVAM NESSE LUGAR
CHAMADO "BANHO DO
PÁSSARO" BEBENDO SUMO
DE RAIZ, QUANDO ESSES
BLUSÕES AZUIS ENTRARAM...



ELES COMEÇARAM A
PROVOCA-LOS E FOI
QUANDO TUDO COMEÇOU,
HEM? O QUE É QUE A
HARRIET FEZ?



ESPETOU COM O
BOLO DE ANJO
NA CARA DUM!
BLUSÃO AZUL.



últimas

"Tollan" tem
os dias contados?

**Alemães
vão tentar
removê-lo**
**Contrato assinado
esta manhã**
**rende-lhes mais
de cem mil contos**

A empresa alemã Sealift vai tentar concretizar em dois meses o que nenhuma outra empresa fez em três anos: remover o «Tollan». Se tudo correr como bem, é muito provável que em meados de Setembro o «Tollan» já não constitua estorvo no Tejo, isto é: que tenha sido desmantelado.

É essa a convicção da firma que em Portugal representa a Sealift, a Ship-Serviços Marítimos e Peritagens, Lda, como nolo disse antes do meio dia Albano do Carmo, um dos seus responsáveis, no momento em que numa sala da capitania do Porto de Lisboa se procedia à assinatura do contrato de remoção do «Tollan». A empresa alemã receberá mais de 116 200 contos pela operação (985 mil dólares), comprometendo-se a gastar esse dinheiro em Portugal, na compra de artigos aqui fabricados.

A Sealift, que para a assinatura do contrato fez deslocar o seu «patrão» Otto Cord-Ruwisch, utilizará um ponto com vários guinchos, bastante poderosos, para virar o «Tollan», recolocando-o, isto é, dando-o direito. O «segredo» do sucesso da operação residirá, liminarmente, aí. Durante as duas próximas semanas posicionarão o material que utilizarão e, nas restantes seis, conta não só ter recolocado, mas também desmantelado o «Tollan».

Com sede e estaleiros em Wilhelmshaven-Hafeninsel, dispõe dos meios mais modernos e sofisticados para este tipo de trabalho, que para os seus técnicos não passam de mera rotina. Não haverá recurso a guinchos instalados em terra, como em anteriores tentativas que falharam — disse Albano do Carmo, da firma que representa a «Sealift» entre nós.

O contrato para remoção do «Tollan» foi esta manhã assinado (pouco antes do meio dia de hoje) na Capitania do Porto de Lisboa pelo respectivo comandante, Bártolo Guimarães (em nome das autoridades marítimas portuguesas) e o presidente da empresa da RFA, Otto Cord-Ruwisch.

Inicialmente, a «Sealift» pensou utilizar os mais de cem mil contos da operação na aquisição de um pontão flutuante a um estaleiro naval português, mas desistiu porque aquele não garantia a sua entrega em prazo útil.

A Câmara de Sesimbra tenciona proceder periodicamente a demolições de habitações clandestinas, ruas e sinais de demarcação que não obedecem ao plano de ordenamento do concelho definido pela edilidade — afirmou ontem, o presidente, Ezequiel Lino.

Ezequiel Lino falava a propósito da operação efectuada pela Câmara e durante a qual foram demolidas cinco casas na Lagoa de Albufeira, quatro no Pinhal do Cabedal, e arruamentos no Alto das Vinhas.

As construções destruídas tinham em comum o facto de estarem na periferia da área ocupada por construções clandestinas. A operação de ontem, foi «uma medida destinada a evitar o alastramento da destruição da área verde que ainda existe na zona» — disse o autarca.

Sublinhou que «tal não significa que a Câmara não venha a destruir outras casas clandestinas situadas mais perto da lagoa».

«As pessoas são avisadas,



«As pessoas sabem à partida que estão a proceder ilegalmente...»

é-lhes passada uma multa e um auto de demolição que os obriga a proceder à destruição das construções em 24 horas o que

normalmente não fazem» — disse. Sublinhou que «ao contrário do que alguns pensam o pagamento da multa não con-

cede direito à construção, nem o facto de as casas estarem erguidas há muito tempo.»

«A Câmara pode, por diversas

circunstâncias, não proceder de imediato à demolição, mas isso não significa que não o venha a fazer» — acrescentou.

Lembrou que os interessados devem dirigir-se à Câmara Municipal antes da aquisição de terrenos para conhecerem o plano de ordenamento da área e obterem a autorização necessária para as construções.

«As pessoas sabem à partida que estão a proceder ilegalmente, por isso não se devem queixar» — frisou.

Sublinhou que a Câmara tenta desde 1974 criar um gabinete para a recuperação da zona da Lagoa de Albufeira, para o qual necessita de apoio central que nunca conseguiu obter.

Os autarcas tentam «evitar que se continuem a destruir árvores que levam muitos anos a crescer».

«A nossa missão não é destruir mas construir, a Câmara só utiliza estes meios quando esgotou todos os outros recursos» — sublinhou.

Greve na TAP

Só um avião levantou

Até à hora do fecho desta edição só tinha levantado voo um avião com destino ao Funchal e Ponta Delgada, soube o «DL» junto das Relações Públicas da TAP. Está assim a ser cumprida de uma forma praticamente total a greve que se iniciou às zero horas de hoje e que se prolonga até à meia-noite, decretada pelos sindicatos representativos do pessoal de terra da TAP. Até meio da manhã, a transportadora aérea nacional já havia cancelado sete voos internacionais e 16 domésticos, não se sabendo se ao longo do dia haverá qualquer movimento de aviões. A greve está também a afectar as companhias estrangeiras assistidas pela TAP, que se vêem assim impossibilitadas de operar no nosso País durante o dia de hoje.

A paralisação foi decretada pelo Sindicato dos Trabalhadores da Aviação e Aeroportos, que abrange a esmagadora maioria do pessoal de terra da TAP, («check-in», «placas» e adminis-

trativo) num total de cerca de 4500 trabalhadores.

O conflito já se arrasta desde Novembro de 1982 e assenta na reivindicação de aumentos salariais de 22 por cento contra os 17 «impostos por acto de gestão» do conselho de gerência.

Por outro lado, o SITAVA pretende negociar um acordo de empresa que, curiosamente, não existe na TAP desde 1978.

As negociações salariais têm sido actualizadas «quase particularmente» entre os conselhos de gerência e os sindicatos, sendo lícito perguntar até que ponto é legal a manutenção de situações como esta e, sobretudo, a quem beneficiam. E se pelo menos o SITAVA se tem preocupado com a questão e está empenhado em proceder a uma actualização total do clausulado estabelecido em 1978, não se sabe até que ponto os outros (muitos) sindicatos que pontificam na empresa o estarão também.

O certo é que desta forma uma

consulta ao Boletim de Trabalho e Emprego não fornece a qualquer cidadão curioso a possibilidade de se informar do vencimento que auferem as diversas categorias profissionais existentes na TAP.

De qualquer forma, e porque os trabalhadores de terra têm, através dos seus sindicatos, denunciado o «acordo autónomo» já estabelecido entre, designadamente, o Sindicato dos Pilotos, o SITEMA e o Sindicato dos Quadros da Aviação Civil que prevê aumentos líquidos anuais da ordem dos 450 a 600 contos, quis o «DL» saber das diferenças salariais existentes na TAP.

As dificuldades foram enormes, não em relação ao pessoal de terra cujo vencimento médio anda pelos 37 contos, mas no que diz respeito ao pessoal navegante. Os óbices levantados e os subterfúgios que os nossos diversos interlocutores iam encontrando para justificar o «desconhecimento» ou as razões pelas quais era impossível determinar-se o vencimento médio de um piloto ou de um comissário de bordo foram imensos.

Para quê tentar escamotear que um piloto auferia um vencimento mínimo ilíquido garantido de 129 a 333 contos mensais e que um comissário ou hospedeira ganham entre 48 a 104 contos?

OCARINA É RESTAURANTE

A Travessa do Poço da Cidade, mesmo no centro do Bairro Alto, vê hoje nascer mais um restaurante.

É a OCARINA, local já conhecido por vender bom artesanato português, e que agora diversifi-

ca os seus serviços.

No primeiro andar continua a poder ver-se e comprar belas peças dos artesãos de Barcelos, Redondo, Reguengos, enquanto que no rés-do-chão se poderá passar a almoçar, jantear e conviver.

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL:

1.º PRÉMIO - 34 988 - 60 000 Contos
2.º PRÉMIO - 72 756 - 18 000 Contos
3.º PRÉMIO - 78 580 - 6 000 Contos

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção aos balcoes da CASA DA SORTE em LISBOA - BRAGA - PORTO - AVEIRO - COIMBRA - SETUBAL - FARO

OUTROS PRÉMIOS

APROXIMAÇÕES AO 19.º PRÉMIO

34.987 - 429.900\$00
34.989 - 429.900\$00

PRÉMIOS DE 180 CONTOS

1.421; 2.479; 5.528; 6.599; 7.464; 7.748; 8.788;
11.085; 11.485; 13.081; 16.531; 17.657; 23.790; 24.551;
25.490; 25.917; 27.665; 28.520; 33.045; 33.829; 34.627;
34.762; 38.452; 38.173; 42.312; 44.632; 44.651; 45.794;
45.841; 46.213; 48.587; 49.093; 50.598; 51.458; 52.844;
54.245; 54.704; 55.796; 57.003; 59.757; 61.795; 69.827;
70.651; 73.938; 74.881; 75.227; 78.181e 78.769.

PRÉMIOS AOS ALCARISMOS FINAIS

30.000\$00 - 115; 190; 415; 454; 559; 591; 599; 727 ou 750.
24.000\$00 - 580; 756 ou 988.
9.000\$00 - 38 ou 88.
4.800\$00 - 8 (terminação)

PRÉMIOS DE 9.000\$00 (CENTENAS)

34.901 a 35.000; 72.701 a 72.800; 78.501 a 78.600.

NOTA: O direito aos prémios prescreve em 9 / 1 / 84

JORGE
DE SENAPoeta
central
do
nosso
tempo

Jorge de Sena

1. Lembrar Jorge de Sena, depois de o termos perdido em 4 de Junho de 1978, é afirmar que ele permanece vivo e, simultaneamente, repudiar o silêncio que continua cercar a sua obra (que da sua vida se vem falando).

Nestes cinco anos, graças à fidelidade sem adjectivos de Mécia de Sena, que vem lutando — e é de uma luta que se trata — para erguer a sua obra ao alto lugar que lhe pertence, o autor de *AS EVIDÊNCIAS* (1955) «viu» a sua obra acrescentada de três volumes de poesia (40 ANOS DE SERVIDÃO, SEQUÊNCIAS e VISÃO PERPÉTUA) um de tradução e apresentação de 80 POEMAS DE EMILY DICKINSON, dois de ficção (SINAIS DE FOGO e GÊNESIS), dois de correspondência (com Guilherme de Castilho e Mécia de Sena), seis de estudos e ensaios (sobre Camões, Pessoa e outros), e uma antologia poética de Pascoaes por si introduzida e organizada, (excluindo as reedições e outros volumes que saíram dos prelos ainda em 1978), mas que Sena não chegou a ver), sem que tenha havido uma contrapartida por parte da crítica credenciada que ocupa a nossa imprensa, que, salvo raras excepções, se limitou à referência para as resenhas jornalísticas.

Este artigo, que se dirige sobretudo aos menos entendidos e aos que se fazem de mal entendidos, refere-se exclusivamente, e por limitações de espaço, à sua obra poética (e cre-se apenas uma das aproximações possíveis), embora a poesia, a ficção, o teatro, e até o ensaio e a crónica, formem em Jorge de Sena uma globalidade não espartilhável. Aliás, é Mécia de Sena quem, num texto ainda inédito, refere que na sua obra «as recorrências internas são uma rede impressionantemente coerente».

2. Qual era a situação da poesia portuguesa em 1942, ano em que Sena se estreita em livro com *PERSEGUIÇÃO* que reúne poemas escritos desde 1938?

A poesia de Jorge de Sena rompe num tempo poético que herda duas tradições importantes:

— Por um lado, uma poética com raízes no lirismo confessional e subjectivo de um romantismo que já estaria perdido para POESIA PORTUGUESA (mas que se delimita com nitidez do exacerbamento lírico desse poeta único que é Teixeira de Pascoaes), poética representada sobretudo na obra de José Régio (que em 1942 já publicara quatro dos seus dez volumes de poesia), e por outros nomes ligados

à «presença», que se deixara de publicar em 1940:

— por outro lado, uma poética recente e que, de facto, ainda não tivera uma continuidade que lhe permitisse erguer-se como tradição entre nós, e cujo expoente máximo é a obra de Fernando Pessoa (que, completa e acessível, se começa a publicar só nos anos 40) (1), em que a recusa do sentimentalismo e da expressão directa da emoção do eu poético no poema daria origem a um lirismo dramático (objectivo?), com alguma tradição lá fora, caracterizado pela «intelectualização, das emoções» e dos sentimentos, tendendo para a despersonalização, a impessoalidade, e em que a atenção dada ao poema (objecto verbal) ocupa a dada até então ao poeta (sujeito verbalizador).

O «presencismo», dominante nos anos 30 (mas, note-se, este termo não significa uma univocidade de práticas verbais), representava, apesar do seu esforço divulgador dos modernistas, um compasso de espera relativamente às inovações da «geração da ORPHEU».

É neste estado de coisas que, nos anos 40, diversos poetas

(reunidos sobretudo nos «Cader-nos de Poesia» (2), entre os quais o futuro haveria de destacar Jorge de Sena, intentaram, pela primeira vez, assumir o (dito primeiro) modernismo (por causa do dito segundo) com essa tradição para a sua poesia:

«A minha geração literária (escreve Jorge de Sena) desejava muitíssimo, e apesar de toda a nossa dívida à «presença», e à aclamação, feita pelos presencistas, da gente do ORPHEU, saltar sobre a «presença», para renovar um contacto directo com essa tradição, e começar de novo, em

termos contemporâneos nossos, o movimento modernista.» (in FERNANDO PESSOA & C.ª HE-TERONIMA, Vol. II, p. 184).

3. Do fim dos anos 30 até ao fim da década de 40, surgem outros dois movimentos: o neo-realismo (que já se fizera notar nas páginas da «presença» e da «Revista de Portugal») e o surrealismo (com data oficial de 47) de que Sena era precursor, entre nós, com o seu *PERSEGUIÇÃO* (1942) e com uma antologia de traduções de poemas surrealistas publicada em 1944 em «O Globo» (cf. Nota 2, p. 8, do seu Prefácio aos *MANIFESTOS DO SURREALISMO* de André Breton, Moraes ed., 1969).

Em 1977, muitos anos depois, Sena situa explicitamente alguns dos seus primeiros livros em confronto com aquelas duas práticas poéticas:

«Em 1946, *COROA DA TERRA*, sem abandonar — e mesmo até refinando — técnicas surrealistas que aliás nunca abandonei até hoje, reflectia a angústia dos anos de guerra, a que correspondia, e as preocupações sociopolíticas que eram então como hoje, as minhas. Esse livro que seria reflectindo o neo-realista? Reflectindo o que reflectia, era para lá do surrealismo, a busca de uma expressão intrinsecamente dialéctica ou em dialéctico fluxo, nos termos marxistas da minha formação filosófica. E creio que há nele — como em todos os meus livros, de resto — alguns dos mais directos e sentidos poemas de protesto político desse tempo e depois. (...) Em 1950, *PEDRA FILOSOFAL*, fundia as duas linhagens principais — surrealismo e neo-realismo sem «ismos» — e desenvolvia outras que vinham já implícitas nos livros anteriores.» (in Prefácio à Segunda edição de *POESIA I*, págs. 15 e 17).

Talvez não seja inútil lembrar aquilo que é legível na sua obra, e que ele deixou bem claro: Jorge de Sena nunca foi epigono de qualquer «escola», grupo ou obra, incluindo a de Pessoa, por muito que certa crítica continue publicitando o contrário. (3).

4. Num dos capítulos que dedica a Sena na sua colectânea de artigos sobre poesia portuguesa, *OS DOIS CREPUSCULOS* (1982), Joaquim Manuel Magalhães mostra como na situação já descrita, em «que, depois de Pessoa ter levado (...) a um ponto extremo a possibilidade de propor a aparente contradição de um lirismo objectivo (por que sentimento de um sujeito que é objecto criado), pareceria que só podíamos retomar a expressão directa do sentimento em si e do mundo da nossa dominante tradição. Ora, Jorge de Sena consegue, nesta mina aparentemente gasta, descobrir um novo filão».

Sena persegue na «busca de um modo objectivo de nos dar o sentimento», e fá-lo «através de objectos onde se faz a travessia do seu sentimento deles. *METAMORFOSES* (1963) e *ARTE DE MÚSICA* (1968) são o apogeu dessa técnica. Objectos que são quadros, esculturas, obras musicais ou outros produtos constituem a base objectiva de que, ao falar sentidamente, nos atinge em emoção e memória. (4) O objecto fixa, na sua rede de relação diferenciada e não interiorizada, uma meditação sobre o eu e a sua apropriação das coisas. (5) (...) Essa técnica do objecto-rede de emoção e meditação já a usava Sena larvarmente em poemas anteriores, como «*Primitivos*» de *PEDRA FILOSOFAL* (1950), e viria a repeti-la magnificamente em obras posteriores. Mas atinge um equilíbrio, uma organização e uma solidez impares nas duas obras citadas. Elas são o nó que re-ilumina passos anteriores e fundamenta progressos posteriores.» (Ob. cit., p. 55/56).

A citação foi longa, mas valeu a pena pela maneira clara e precisa como o poeta J.M. Magalhães assinala um dos aspectos mais inovadores da obra de Sena.

5. O que ressalta, de imediato, de uma leitura global da obra poética de Jorge de Sena é a multiplicidade de pro-

cessos de escrita — da discursividade narrativa à contenção verbal, do verso livre as formas fixas (nomeadamente o soneto), da citação e montagem a todo o tipo de recursos estilísticos (6) — que servem a expressão de um diversidade de mundivivências e mundivivências, uma meditação sobre tudo o que diz respeito à condição humana — da problemática ontológica à política, da história às artes, da cultura (em sentido restrito) à sexualidade, das relações humanas à prática poética —, num processo referencial e intertextual, rico em recorrências, em que cada poema, muitas vezes, correlaciona mais do que uma questão, interpenetrando-as, surpreendendo, invectivando, reflectindo, satirizando, questionando tudo e todos, mesmo o próprio poeta e cidadão do mundo — do mundo do seu tempo, do mundo do mundo (7).

A insubordinação da palavra e na palavra poética do autor de *FIDELIDADE* (1958) faz parte dessa sua atenção à diversidade do mundo e do mundo da poesia. A elevada consciência do trabalho poético, que não menospreza a «inspiração», atinge por vezes, em Jorge de Sena, uma grande cruzeira e coragem no questionamento que atravessa toda a sua obra, das relações poeta/poesia/mundo, contraindo como poucos para o combate anti-romântico às concepções de poesia como algo de inefável para iluminados como coisa delicada e para delicados» (as palavras são suas), ou algo que se aprenda ou ensine em cadeiras de letras.

É ainda neste âmbito — em que um dos aspectos já focados é a objectivação do quotidiano a par de uma sintaxe muito própria — que se inscreve a sua concepção da poesia como, cito «um processo testemunhal» que se realiza, sobretudo, no recurso à circunstancialidade, esse «escrever referencialmente, seja em relação ao que for» que Sena apontava em 1972, como uma das faltas maiores na poesia portuguesa contemporânea (cf.

Continua na pág. 2

«Post-scriptum»

por Jorge de Sena

Não sou daqueles cujos ossos se guardam, nem sou sequer dos que os vindouros lamentam nem sejam sido guardados a tempo de ser ossos.

Igualmente não sou dos que serão estandartes em lutas de sangue ou de palavras, por um odiado quanto me amem outros.

Não sou sequer dos que são voz de encanto, ciciando na penumbra ao jovem solitário, a beleza vaga que em seus sonhos houver.

Nem serei ao menos consolação dos tristes, dos humilhados, dos que fervem raivas de uma vida inteira a pouco e pouco traída.

Não, não serei nada do que fica ou serve, e morrerei, quando morrer, comigo.

Só muito a medo, a horas mortas, me lerá, de todo e de si distanciado, curioso, aquele que acerta a suspitar quanto mais a poesia ainda é distorção da vida.

1954

(Este poema de Jorge de Sena faz parte da recolha do mesmo nome, de 1954, publicada pela primeira vez em 1961, na 1.ª edição de *POESIA I*, de Moraes, Lisboa).

ESTUDOS IDEOLÓGICOS PENINSULARES (SÉC. XV A XVII) – 4

A luz e a sombra

Ernesto Sampaio

COM as grandes descobertas marítimas, esboça-se a atitude de Portugal face ao chamado Renascimento: racionalista, experiencialista, num conjunto de peculiaríssimos fenómenos culturais, percursos da ruptura epistemológica, depois operada por Galileu, Newton, Descartes. Inteiramente diferente seria, na mesma época, a inclinação da Espanha, com o seu desinteresse pela ciência natural e a sua atenção exclusi-

vamente voltada para o que dizia respeito à pessoa humana, mas tão-só enquanto sujeito de criações artísticas, experiências religiosas, vivências morais. Nada mais longe deste «real» místico e mágico do que a portuguesa matematização da realidade.

O impulso do crente não é parcelável, não pode dividir as dificuldades máximas em porções mínimas, como propunha Descartes. Para o crente espanhol, o destino ou se advinha ou cai-nos em cima — não lhe ocorre procurá-lo por cálculos. Não é por

acaso que a lotaria adquiriu em Espanha dimensões que não tem em mais parte nenhuma, sendo, juntamente com a tourada, dos primeiros acontecimentos nacionais.

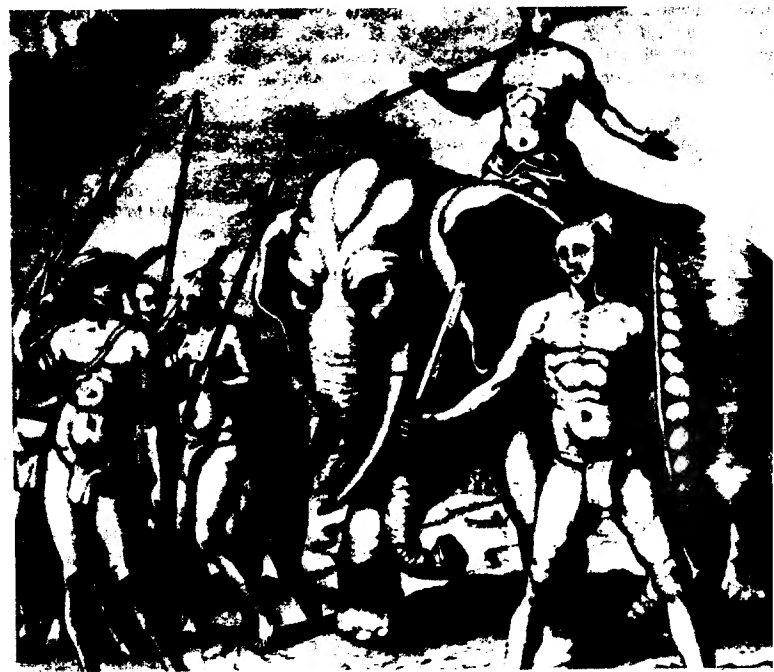
A tourada! Como é que este jogo boçal dos fidalgos rústicos e espalha-bras do século XVIII se transformou no rito solene da Espanha? Por ser um símbolo da vida, entendida como risco absoluto perante um destino ameaçador. A arena é um altar erguido à essência da forma de vida hispânica, onde o toureiro aguenta a pânico a investida do touro-morte e a burla ou não. De resto, pouco importa o desfecho da contenda; importa, sim, que nesse «momento da verdade» transpareça sempre a enérgica consciência de ser o que se é a todo o risco.

A Inquisição, com os seus tratos e fogueiras, acabaria por nivelar toda a Ibéria no mesmo negrume sepulcral. Mas é curioso verificar que até nesse tempo de calamidades e matanças, com a imposição a toda a península do hirto e pomposo dogma católico, um músico e poeta português, vivendo em Castela e exprimindo-se em castelhano, haja desafiado o casticismo inquisitorial (que muito

bem conhecia o seu santo ofício no século XVI) e introduzido na literatura espanhola e europeia, não só o cerrado subjectivismo da novela pastoral (com a *Diana*), mas também (com *Las Obras de Devoción*) a defesa de uma religiã profundamente herética, sem obras nem pompas, pura experiência intelectual e emotiva entre Deus e a humana criatura.

Refiro-me a Jorge de Montemor (ou Montemayor, como foi consagrado em Espanha), um dos raros mestres reconhecidos por Cervantes, com uma influência na Europa atestada pelas doze edições francesas (até ao final de Seiscentos) da sua ficção pastoril, revivente ainda em Watteau, nas *bergeries* setecentistas e até em Rousseau.

Na Igreja sem oferenda de riquezas nem sacrifícios do corpo, sem cultos esplendentes nem templos sumptuosos, pura entidade mística simbolizada em Cristo e na sua cruz, propugnada por Jorge de Montemor, o indivíduo era irredutível e, quando muito, permitia a Deus que contemplasse o reflexo da sua imagem na sua alma. Nem da relação com Deus estava excluída a razão:



«A experiência... madre das cousas»

El sacrificio limpio, de alabanzas, es el que me honrará... Y si otro sacrificio tú aceptares, también te lo daría; mas no quieros, ni te deleitarás en otro alguno... Querrás que sacrifique oro y plata, a ti que cielo y tierra señoreas?... Ni quieros que por ti mi cuerpo mate, sino que le castigue con medida, para que a la razón por gracia tuva, esté subjecto, y sirva a tu grandeza... pues el Apóstol manda que el servicio con la razón se mida, y no de otra arte... (1)

O diálogo com a divindade adquire um tom familiar que devia soar muito estranho e impertinente à Igreja visível. Jorge de Montemor teve, com efeito, a subida honra de figurar logo no primeiro index inquisitorial de Fernando Valdés: «Obras de Montemor, publicadas ou a publicar, proibidas no que toca a devoção e coisas cristãs».

Cristão novo português de casta judaica, Jorge de Montemor apegou-se em Castela ao Velho Testamento e ao erasmismo, do mesmo modo que no

século anterior os convertidos (a bem ou a mal) à fé católica não viam outra saída senão acolher-se à protecção da ordem de S. Jerónimo. Digamos que esse rasgo de encerrar a fé como um refúgio, de ocultar da história a essência mais íntima da espiritualidade individual, tornou pura utopia idealizante o que devia ser aspiração realizável e natural. É a história que se torna irreel na sua monstruosidade e faz com que a substância irredutível do indivíduo acabe por ser incapaz de se objectivar, seja em em mundo for, divino ou humano, e caia no radicalismo absoluto, que exclui matizes e compromissos.

Levar-nos-ia longe o tratamento mais profundo deste assunto, e não é esse por agora o nosso escopo. Encerremos, portanto, a digressão, lembrando que a alma galaico-portuguesa ignorou todas formas de vida espiritual essencialmente castelhanas, desde a épica medieval à mística teresiana do século XVI, antes de a Inquisição ter nivelado brutalmente na mesma escuridade as duas nações peninsulares. Foi com a Inquisição, instrumento usado pela velha nobreza para destruir a independência e a identidade de Portugal, que começou a almeida nacional, obra a que os actuais barões burgueses da Alta Geração se encarregam de dar o remate final.

Filhos de puta por filhos de puta, são muito mais interessantes os do século XVI, às voltas com um mundo radicalmente injusto, em permanente crise social e económica com as suas sequelas de sangue e violência, assombradas por obsessões fatídicas e mitománias castiças, como essa da limpeza de sangue. Espanta é que isto tudo não tenha impedido portugueses e espanhóis de abrir novos horizontes à Europa, nem de levar literalmente Espanha e Portugal às costas para regiões remotas e mares nunca antes sulcados por uma quilha. Numa tarefa insólita para a Europa não hispânica, entregue à inalterável rotina do seu comércio, as gentes ibéricas erguiam cidades em sítios incríveis, moldavam os novos mundos à língua, costumes, crenças, instituições da sua terra. O resto da Europa contentava-se com a pirataria, com o assalto e saque dos navios portugueses e espa-



Concílio de Trento, por Ticiano

JORGE DE SENA – Poeta central do nosso tempo

Continuação da pág. 1

NOTA de abertura a EXORCISMOS, 1972).

«Yo soy yo y mi circunstancia». Talvez esta afirmação de corajosa temporalidade de Ortega y Gasset possa contribuir para a compreensão da poética de Jorge de Sena, do seu confronto consigo mesmo, do mundo.

«Segundo declarou uma vez numa entrevista a sua poesia representa: um desejo de independência partidária da poesia social; um desejo de comprometimento humano da poesia pura; um desejo de expressão lapidária, clássica, dalibertação surrealista; um desejo de destruir pelo tumulto insólito das imagens qualquer disciplina ultrapassada (e assim: a lógica hegeliana deve sobrepor-se à aristotélica; uma moral sociologicamente esclarecida à moral das proibições legalistas); e sobretudo um desejo de exprimir o que entende ser a dignidade humana — uma fidelidade integral à responsabilidade de estarmos no mundo. (Nota de S. de S. por si inserta na antologia «Líricas Portuguesas, III série»).

A poética do autor de PEREGRINATIO AD LOCA INFECTA (1969) é uma prática da idealidade, e não de idealismos; da sentimentalidade, e não de sentimentalismos; do comprometimento, e não de compromissos; da circunstancialidade, e não de circunstancialismos; da fidelidade, mas não de caninos fidelismos. O desejo de experimentar e conhecer a exigência auto-insatisfeita, a inquietação do mundo, a luta pelo direito à dife-

rença e ao prazer (ler, p. ex., SOBRE ESTA PRAIA... (1977), o último livro de poemas em vida do autor), contra tudo o que teme e limita a humana liberdade (começando nos academismos literários), é algo e muito, que fica para sempre ligado à obra total de Jorge de Sena.

6. A poesia de Jorge de Sena estabelece uma permanente dialéctica entre o passado e o presente da poesia de todas as línguas e de todos os tempos. Julgo ser significativo que os seus poemas mais radicais em termos de experimentação na linguagem sejam precisamente sonetos, a forma clássica com maiores tradições e prestígio, e que o seu referente seja um mito da cultura clássica: os QUATRO SONETOS A AFRODITE ANADIOMENA, publicados em 1963 em conjunto com METAMORFOSES.

Ao longo de toda a sua obra, o poeta de CONHEÇO O SAL... (1974) foi incorporando nela — sem epigonismos — o melhor da tradição poética portuguesa — desde as cantigas medievais ao «experimentalismo» — num confronto que é legível em inúmeros poemas (e outro tipo de textos) dedicados a outros poetas e/ou que se referem às suas vivências, obras e até modos de dizer, num processo intertextual a que já aludimos. Os poemas «Camões dirige-se aos seus contemporâneos», «Camões na ilha de Moçambique», «...De passarem aves» e «De passarem aves (II)» — ref. ao soneto de Sá de Miranda que co-

meça: «O sol é grande, caem co' a calma as aves» — ou a «Ode apócrifa de Alberto Caeiro», são apenas alguns exemplos (8).

O mesmo acontece em relação à poesia de outras línguas (quer em poemas seus — «Glosa de Guido Cavalcanti», «A memória de John Clare», «A Mascarada do Poeta», (ref. a Keats) ou «Homenagem a Tristan Tzara», quer em traduções — de Arquiloco c. 700 a C.) aos maiores poetas do nosso século, não esquecendo os seus estudos sobre poesia do séc. XVI, F. Mauriac, C. Cavafy, António Machado, T. S. Eliot, e tantos outros), intensificando um contacto com a poesia e a cultura universais que havia sido um dos combates das «gerações» da ORPHEU e da «presença». Ao ponto de a literária estupididade de então anos 40, a maldade ou a falta de cultura, acusaram Sena e os da sua geração, de «escravidão traduzido» de outros poetas e línguas (cf. os prefácios e outros textos de J. de S. para além dos poemas).

Tudo isto para dizer que a obra de Jorge de Sena opera uma autêntica re-elaboração da nossa tradição poética a partir de uma grande diversidade de práticas e contributos, instituindo a sua própria tradição, presentificando-a de uma forma autónoma, conferindo à sua poesia uma projecção e uma centralidade irradiantes, potenciadoras de saltos qualitativos na poesia portuguesa, possibilitando o confronto e outras práticas verbais e a abertura de novos caminhos divergentes que já são reconhecíveis na poesia que se

escreve hoje em Portugal, nomeadamente em alguns dos poetas das duas últimas décadas que, sem epigonismos, têm sabido prosseguir ou ultrapassar caminhos iniciados por trilhados pelo «Físico Prodigioso».

7. Após esta visão talvez demasiado sintética, de alguns dos aspectos fundamentais da obra poética de Jorge de Sena e do tempo em que rompeu, era altura de nos embrenharmos no «imo da folhagem» (como diz um verso de Camilo Pessanha), mas há que terminar.

NOTAS

- (1) Cf. Jorge de Sena, nota 7 de «Fernando Pessoa: o homem que nunca foi», in FERNANDO PESSOA & C.ª HETERÓNIMA (ESTUDOS COLIGIDOS 1940-1978), Vol. II. p.p. 196/197 (Edições 70, 1982).
- (2) 1.ª série-1940/42; 2.ª série-1951; 3.ª série-1952/53. Cf. Jorge de Sena, «Os Cadernos de Poesia», in ESTUDOS DE LITERATURA PORTUGUESA, I, pp. 229 a 234 (Edições 70, 1982).
- (3) Cf., como complemento exemplificativo, Jorge Fazenda Lourenço, «Gaspar Simões «Crítico» de Sena/ Uma «apagada e humilde» vilesa», in «JL-Jornal de Letras, Artes e Ideias», 21/6/83. Devido a gralha tipográfica (?) este comentário (publicado alguns meses depois de escrito) saiu sem a data do artigo de Gaspar Simões — «Diário de Notícias», 10/02/83 — intitulado «Do 'Anticriticismismo' de Fernando Pessoa ao 'Anticriticismismo' de Jorge de Sena».
- (4) «Como se o poema [...] fosse o nosso interlocutor e não o poeta», escreveu Fernando Guimarães num pequeno estudo sobre J. de S., in LINGUAGEM E IDEOLOGIA, p. 161 (Inova, 1972-1.ª ed.).
- (5) Casais Monteiro já havia notado em 1951, que «a presença das coisas é, na poesia, de Jorge de Sena, um elemento capital» — cf. A POESIA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA, p. 276 (Sá da Costa, 1977).
- (6) Cf. Frederick G. Williams, «Elementos estilísticos na poesia de Jorge de Sena», in STUDIES ON JORGE DE SENA, p.p. 110 a 128 (Santa Barbara, 1981).
- (7) Segundo os organizadores da antologia bilingue THE POETRY OF JORGE DE SENA (1980) há quatro componentes temáticas fundamentais na sua obra: referentes culturais; sátira político-social; amor, e sexo; deus, morte e inquietação religiosa.
- (8) Cf. Fernando J. B. Martinho, «Leituras na poesia de Jorge de Sena», in «Colóquio/Letras», n.º 67, Maio de 1982.

Um anti-retrato da romancista Nathalie Sarraute

François-Marie Banier

NATHALIE Sarraute abre a porta, tem um ar de catástrofe. Que aconteceu? Algo de terrível?

«Acabo de receber uma edição estrangeira de 'l'Usage de la parole'. É uma destruição assustadora de todo o meu trabalho. No entanto, tinham-me prometido, jurado, que tal não aconteceria...» Entro no seu escritório, ela instala-se no divan. Estamos silenciosos. Passado um momento diz, rindo: «Sabe em que me faz pensar, de olhos baixos e ar contrito, sem saber o que há-de dizer? Numa pessoa que chegasse de improviso a casa de uns amigos e só então soubesse que um luto terrível se abatera sobre eles. Quem morreu? Claro que numa tal atmosfera de contrição ele queria exprimir a sua simpatia e então pensa em temas de conversa, mas como não sabe muito bem o que se passou, não encontra as palavras». Mostra a capa do livro: «A Ilustração deu-me um choque nervoso. Quanto às explicações na contracapa, falseiam tudo...»

Como se forma uma obsessão

«Um retrato meu... Nunca fiz retratos em nenhum dos meus livros. É falso, um retrato. Controo-se qualquer coisa em volta de uma aparência, resume-se a vida, que é imensa, complexa, que não se pode dominar. Tudo o que dizem de nós surpreende-nos quase sempre, e geralmente é falso porque surge outra coisa totalmente oposta que também é verdadeira. Retrato de um desconhecido não o era porque se vê, depois, tudo o que ele tinha por detrás e que o destrói.

Falar dos meus pais... Acabo de escrever um livro em que justamente evitei fazer retratos que os teriam simplificado. Os leitores fá-lo-ão decerto, fazem-nos sempre. Não me vai fazer falar outra vez das mi-

nhas origens russas, dizer-lhe que a minha mãe escrevia 'romans-fleuves', contos para crianças e novelas... Ao contrário de mim escrevia com grande facilidade e muita alegria. A sua linguagem era muito rica. Às vezes as histórias passavam-se em meios camponeses. Ela escrevia com um pseudónimo masculino e orgulhava-se muito de que ninguém — nem os críticos nem os leitores — tivessem descoberto que era uma mulher quem escrevia. Porquê dizer-lhe que era bela, o que é interessante é o efeito que tal facto produzia em mim, como se forma e instala uma obsessão, mas não vou começar a explicar de um modo desinteressante o que me esforcei por fazer reviver em 'Enfance'».

Outro dia Nathalie Sarraute sai da projecção de um filme que lhe é consagrado. Tira os óculos: «Reconheci a casa, o jardim, os objectos; a última coisa que reconheci fui eu. Essa imagem no écran, não destruía a outra imagem que tenho de mim própria — não a tenho — aplicava-se a um vazio. Aos meus olhos não tenho aparência. Quando alguém fala de mim não sei o que ele está a ver, é como se eu não existisse. Parece-me que sou uma miragem na qual não posso entrar. Nos contos russos há um personagem que usa um barrete que o torna invisível. As outras pessoas não se sentem um pouco como eu? Quando me afasto não me ocorre que depois elas vão pensar em mim, falar de mim.»

Nathalie Sarraute tem um rosto radioso, abrupto, admirável de inteligência, de simplicidade. Olhos sombrios, um olhar ao mesmo tempo agudo e ingénuo, indulgente. Por vezes dir-se-ia que sente um perigo. Cabelos grisalhos, curtos, direitos. Veste calças, um camiseiro, um casaco de malha pelos ombros, usa sapatos de salto raso, um vestuário neutro. Uma voz grave, lisa. Exprime-se com facilidade sem nunca buscar efeitos, excepto quando, indignada ou entusiasmada utiliza palavras voluntariamente excessivas «É de-

mente, louco, fenomenal».

Sente-se que fala como um fogo que se consome. Não há nela a menor pausa, a menor «coquetterie». Uma grande sobriedade de gestos. É calorosa, acolhedora. Mas quando as pessoas se permitem demasiado, como ela diz, deixa de as ver. Só muito raramente faz chamadas telefónicas: «Tenho sempre medo de incomodar». Por assim dizer não escreve cartas: «Não sei escrevê-las. Dir-se-ia que as cartas necessitam de outra linguagem, de uma linguagem que eu não possuo. Não consigo imaginar a pessoa a quem me dirijo, as palavras partem para uma espécie de vazio. Têm tendência para se tornar extremamente convencionais e frias».

Freud e a escrita

Todos os dias à 9 horas da manhã, Nathalie Sarraute vai ao café com uma pasta. Está lá até ao meio dia. Depois vem almoçar com o marido, Raymond, e às vezes com uma das suas três filhas. À tarde recebe, por volta das cinco horas, um visitante que tanto pode vir do México como da Índia ou da China e pensa no trabalho do dia seguinte. A sua solidão não é ostentatória, não é uma conduta. Ela não vive à parte por selvageria ou por falta de curiosidade, mas talvez por incapacidade de fazer um esforço por algo que não lhe é essencial, por medo de distrair forças de que necessita.

«Sabe por que não gosto de falar de mim? As pessoas que escrevem a sua autobiografia de adultos pretendem escrever toda a sua vida. Antes de mais deformam-na totalmente, vemo-nos sempre a uma determinada luz... é como se Landru escrevesse as suas Memórias... Ele diria como adorava a mulher e o filho... e isso seria exacto. Simplesmente omitiria as dezassete mulheres no forno. Pois bem, é assim que as autobiografias são feitas. É o único ponto em que estou de acordo com Freud: todas as autobiografias são falsas».

A leitura de Thomas Mann

Não gosta de Freud, sempre o disse. Claro que lhe respondiam que era assim porque ela precisava de fazer psicanálise. «Tenho um respeito pelo progresso científico. A obra de Freud não tem nada de ciência, trata-se de uma crença e não se pode discutir com crenças os seus actos de fé. O freudismo que em certos aspectos foi libertador, impediu noutros aspectos dos progressos da investigação, dando uma imagem retrograda e extremamente redutora do nosso universo mental. Quanto a mim, se me tivesse aproximado desses dogmas não teria podido escrever. O meu trabalho repousa no que é sentido, na sensação, nesses movimentos interiores que há tantos anos tento mostrar e a que à falta de melhor chamei «tropismos». Eles não se produzem ao nível do inconsciente,



que só se pode explorar através das lentes de Freud, mas nos limites da consciência, a que cada um, quem quer que seja, pode ascender por si próprio, se se der a esse trabalho.

— Há algum autor de quem se sinta próxima?

— Próxima? Que entende por próxima? Próxima e afastada ao mesmo tempo.

— Falou-me um dia de Tonio Kroger. O que foi para si a sua descoberta, aos vinte e dois anos...

— Era, para mim, um período de inquietação. Sim, esse livro deu-me, ainda mais fortemente, o desejo de escrever. Sentia-me muito próxima de Tonio Kroger, essa nostalgia, esse sentimento de estar de fora, ao mesmo tempo atraído e rejeitado pelas pessoas «satisfeitas consigo próprias». Thomas Mann mostra neste livro, quando faz bom tempo e os pássaros cantam, um escritor que só deseja uma coisa, fechar-se num café. Isto isto pareceu-me muito certo para um escritor. Na altura, nunca me viera à ideia que também eu trabalharia um dia num café...

— Leva uma vida austera...

— Não não, de modo nenhum. Eu chamo austera à obrigação de sair quando não se tem vontade de o fazer. Não me recordo de nenhuma conversa de jantar que me tenha trazido fosse o que fosse.

Sempre estive à parte, em

contra-corrente. Tem havido modas em Paris, uma quantidade de modas... Uma loucura. Houve os behavioristas americanos descobertos depois da guerra, houve o Estrangeiro de Camus que mostrava que não havia foro íntimo. Tentei erguer-me contra isso. Escrevi um artigo que se intitulava «De Dostoevski a Kafka», tudo o que era foro íntimo provocava o desprezo. Era uma época em que se esquecia completamente Joyce, Proust e Virginia Woolf.

Em 1956, pela primeira vez, Nathalie Sarraute sente-se literariamente menos só. Em grande parte foi ela quem criou o novo romance, com os seus livros e com a sua reflexão sobre a literatura. L'Ère du soupçon, embora seja um livro teórico, obtem um tal êxito que, no mundo inteiro, convida a sua autora para fazer conferências.

Depressa todos os livros de Sarraute são traduzidos. Ela já não se lembra da impressão que um tal sucesso lhe provocou.

— Tal como me conheço, devia estar preocupada com o livro que estava a escrever, com os obstáculos como sempre, se erguiam na minha frente. É exactamente o. Nada mudou desde que escrevi «Tropismes». Cada livro apresenta novas dificuldades. É sempre necessário encontrar a fórmula que convém, uma forma a volta da qual se reúnem todas as substâncias do livro.

DILEMA

Pedro Alvim

«Je l'aime, si, je l'aime», pense-t-elle,
la tristesse aux lèvres, hors du lit
— e vai-se pela tarde, pelas ruas
à paragem tão só do autocarro...

Um cigarro nos dedos, entre lençóis,
ei-lo então sozinho, cinco horas
— e fora é o ar, rumor azul
de espumas brancas, jantares solei

O bilhete nas mãos, olhos caídos,
ela segue viagem — lá a zona
autrefois connue de tous ses pas...

Ó língua portuguesa! Pourquoi
amor novo demanda nova língua,
saliva, outro som, au revoir...?

nhóis. Isso explica que as tentativas dos holandeses para se estabelecerem no Brasil não tivessem melhor sorte, no século XVII, do que as dos franceses, no século XVI, e também nos sugere a superficialidade, para o entendimento íntimo dos povos, daquela classificação que divide as nações em «desenvolvidas» e «atrasadas». Os fortes, os criadores de coisas objectiváveis andaram dois séculos atrás dos débeis, dos importadores de «produtos».

Em contrapartida, é evidente que aquele esfumar dos limites entre a pessoa e qualquer realidade exterior onde mergulhe, forma peculiar do viver ibérico no tempo que temos vindo a analisar, se originou a maravilha das descobertas e das conquistas, resultou também em algo que depois pagámos duramente: o contrário da fé, do sonho e da grandeza deixou de ser para nós pensamento crítico, mas a inacção total (2)

Após a Contra-Reforma, os dois países ibéricos não mais se libertaram do peso sinistro de uma tradição de pessimismo radical. Para os mais fortes e esclarecidos, os caminhos reais do progresso (novas ciências, evolução moral e política, desenvolvimento material) passaram a ser vistos com angústia, com a sensação dolorosa de não ser nossa vocação trilhá-los, como se o modo de ser presente e passado dos nossos povos impedisse qualquer projecto de futuro e não fôssemos mais que um eco de nós próprios, vazio já de toda a substância, por entre os âmãos da Alta Ganância, da «esquerda escocesa» (scotch whisky) e das vanguardas líricas.

O presente é realidade fugaz, carregado de uma sufocante massa de passado, mas condenar a época na sua totalidade implica procurar as vias e os meios de lutar eficazmente para dar sentido à vida. Isso não se consegue com exortações arbitrárias nem interpretações contemplativas: consegue-se com uma ideologia, no sentido específico que ao termo cabe, isto é, com um conjunto articulado de ideias aptas a combater os conflitos sociais. O «fim das ideologias», ideologia divulgada nos EUA nos anos sessenta e hoje amorosamente cultivada em todo o Ocidente, é apenas a «inocente» ideologia das soluções técnico-empresariais dos conflitos, reinterpretados ideologicamente como simples problemas «práticos» e não como choque de valores históricos.

NOTAS

1 — Jorge de Montemayor, Cancionero (342).

2 — «Porque é do português, pai de amplos mares/Querem, poder só isto/O inteiro mar, ou a orla vá desfeita —/O todo, ou o seu nada». Fernando Pessoa, Mensagem.

LLOSA E PUIG Literatura e teatro, o que são?

O romancista peruano Mario Vargas Llosa e o escritor argentino Manuel Puig, tendo participado recentemente em Caracas num seminário sobre «Literatura e Teatro», reviveram a velha polémica sobre os limites difusos que separam e unem a realidade e a ficção na obra literária.

Puig, autor dos romances «Bocas pintadas», «Maldição eterna a quem leia estas páginas», «Sangue de amor correspondido» e «Pubis angelical», entre outras, adaptou para o teatro a sua obra «O beijo da mulher aranha» e escreveu a peça teatral «Sob um manto de estrelas».

Vargas Llosa, autor de oito romances entre os quais se destacam «A cidade e os cães», «Conversas na catedral» e «A guerra do fim do mundo», escreveu a peça dramática «As jovens senhoras de Tacna» e estreou em cena, ultimamente, «Kathie e o hipopótamo».

Puig confessou que até aos 30 anos se mostrara interessado em escrever guiões para o cinema, nunca tendo pensado dedicar-se à literatura.

Uma vez concluída a sua etapa de guionista, que definiu como «uma operação de fuga» dado que «não podia aceitar a realidade», começou então a sua carreira de escritor, obcecado por temas que, no âmbito do cinema, não conseguira desenvolver na sua totalidade.

Puig admitiu que não pode competir com o realismo do teatro. «Se a própria vida escreve teatro, que resta ao escritor...? Talvez só isto: levar o lirismo à sua escrita».

Vargas Llosa, que começou pelo teatro, tem uma opinião diferente: «A literatura é uma realidade simulada, e o teatro é o género que melhor expressa a natureza fictícia da literatura».

Em suma: literatura e teatro, Puig e Llosa, onde a realidade, onde a ficção...? Talvez a resposta só possa ser dada ora pelo leitor, ora pelo espectador. Ou pelos dois ao mesmo tempo.

POEMA

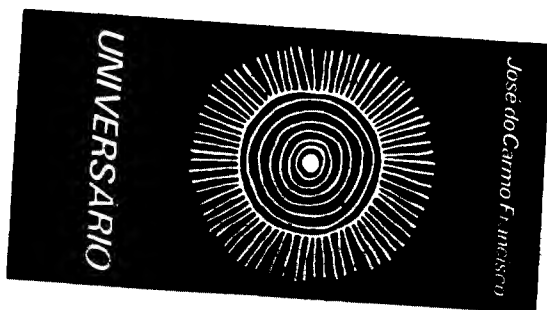
(a Isabel)

— António Ramos Rosa —

Dás-me a inteireza delicada em teu esboço
em raios de subtil sombra
Dás-me a pedra e a água a fluidez dos cabelos
com a frescura de um sossego
Dás-me o ar e o repouso da chama no vazio
gozo do mais suave esplendor
Dás-me a luz do teu rosto e o instante incandescente
não és uma químera compreendo-te

Universário

«UNIVERSÁRIO» é o segundo livro de poemas de José do Carmo Francisco no Círculo de Poesia da Moraes Editores. O primeiro foi «Iniciais», já esgotado, prémio ex aequo Revelação de Poesia (1980), da Secretaria de Estado da Cultura com a colaboração da Associação Portuguesa de Escritores. Vai-se o leitor por um livro de grande simplicidade, por aquelas linhas que, só aparentemente frias, o conduzem afinal ao encontro de numerosas descobertas. Ao fundo, enfim, de grandes painéis e dias de beleza. Atentemos, por exemplo, no poema Amor de bancada: É pelos teus olhos que vejo o jogo / De ti eu não sei praticamente nada / O teu olhar tem a força de um fogo / Aceso por mim neste lugar da bancada // Debruço-me também na luz da tua idade / Para ver melhor o tempo de jogo a correr / Nos degraus em que repousa esta saudade / Encontro o teu inesperado corpo de mulher // No Verão projecto-te com nuvens de papel / Que só eu vejo porque também só eu imagino / Ponho-te nos bolsos rebuscados alteia e mel / E disfarço os meus anos num olhar de menino // No Inverno são para ti os primeiros pingos / Neste monte dos nossos pequenos vendavais / No ano inteiro vejo-te apenas alguns domingos / E nas poucas quartas-feiras internacionais // No roteiro deste sentimento imaginário / Saimos deste poema como do jogo — cansados / E sonho com alterações ao nosso calendário / No grande silêncio dos teus lábios fechados... — Que o leitor, no entanto, prossiga pelas páginas. Quanto a nós, um livro de poesia a não perder.



AS VAGABUNDAGENS DE CLAUDE VIGÉE Bailarino e visionário

RECEIO que me peça o impossível: que lhe explique por que caminhos cheguei a Jerusalém depois de quarenta anos de vagabundagem nas terras da Dispersão. Claude Vigée, ao ser interrogado sobre os seus últimos livros, *L'Extase et l'Errance* e *Pâque de la parole*, cita o prefácio do próximo, que será uma colectânea de «conversas sobre três continentes», *Le Parfum et la Cendre* (1). É como se ele quisesse dizer-nos logo que tudo o que escreveu desde *L'Été indien*, diário, ensaios e poemas, não tem fim nem princípio enquanto ele estiver vivo e respirar.

No seu grande apartamento de Paris, quase vazio e inundado de sol, onde passa alguns meses por ano, vai chamando recordações e certezas ao mesmo tempo que nos olha com intensidade, com os seus olhos ora graves ora trocistas.

«A língua, para mim, não é um adeus. Sempre estive virado para o que há-de vir. O meu seminário em Jerusalém, antes de me aposentar, reunia Diderot e Goethe, dois homens do diálogo que procuraram responder às mesmas perguntas. Multipliquei as conversas com os meus amigos e os meus alunos para fugir à palavra morta, à palavra que se põe nas pedras tumulares. A minha obra é uma longa libertação do sopro e se, contra o cerco, a perseguição e o exílio, procurei

exumar 'uma sarça ardente sob as águas nocturnas dos tempos', foi para moer sem fim na minha própria garganta o grão da palavra viva e colher a farinha».

Judeu alsaciano — nasceu em 1921 em Bischwiller, grande burgo próximo de Haguenau onde, sob as silvas do cemitério, se encontra ainda a estela de seu trisavô paterno, Abraham Levy — Vigée teve «uma vida estranha». Refugiado nos Estados Unidos em 1943, ali ensinou literatura francesa. A partir de 1960 foi professor na universidade, hebraica de Jerusalém.

«A situação dos alsacianos é muito estranha. A dos judeus ainda era mais estranha. Éramos desenraizados de duas maneiras. Depois da guerra de 1914, já não tínhamos língua. Em Bischwiller, onde as fábricas de fazendas, com as suas altas chaminés de tijolo vermelho, fazem lembrar, hoje em dia, pilhas de tabuinhas sem escrita, o dialecto era proibido. O meu avô ensinou-me o judeu-alsaciano, que nunca mais esqueci... A introdução do francês nas escolas foi brutal.

«No meio do mutismo e do olvido, que também esmagavam os católicos e os protestantes, tive o inexplicável sentimento de uma salvação, de um caminho possível, e escrevi aos dezoito anos um longo poema, *Le Sommeil d'Icare*, que anuncia aquilo que eu depois iria viver. Vem a abrir o meu volume de poemas *Le Soleil sous la mer* como

se, curiosamente, fosse já o canto último do meu êxodo. Fora do labirinto lamacento da prosa, virado para o Sol, onde o verso e o ritmo se consomem, nunca deixei de deslizar numa corda bamba, entre a queda e a efusão.

«Na América iria encontrar uma segunda reclusão, ainda mais terrível que a da Alsácia e da guerra. Cheguei a Columbus, no Ohio, e tive durante quase vinte anos de resistir à tentação de desistir do francês, língua que porém me tinha sido imposta. Esperando uma libertação, poeta e judeu perdido entre dois continentes, sobrevivi entre ruínas».

Vigée inspira-se, desde *Moisson de Canaan*, na tradição bíblica judaica ligada às instituições da sua juventude. A praia de Elath, as falésias de Madian e da Judeia, os mactos do Zohar sucederam às faias e aos pinheiros das florestas do baixo Reno, ao céu mineral do deserto índio, perto de Tucson, e às planícies do Middle West.

«Em Jerusalém, desde a minha chegada, a 7 de Junho de 1960, tudo me falou de uma maneira extraordinária. Estavam a fazer rebentar colinas de calcário para construir um bairro novo e as explosões faziam saltar-se brilhos de calcite parecidos com raios de mel solar. Eu ia com os meus filhos apanhar essas bolinhas rebrilhantes e depois dispu-nhamo-las na areia, em forma de gigantescas estrelas do mar. Esses núcleos cor de topázio eram como palavras ardentes aninhadas na espesura de um livro».

«Com *Délivrance du soufflé* e no início de *L'Extase et l'Errance*, voltei àquela imagem que me revelara as virtudes da aliança entre a prosa e o verso, a minha maneira de resolver no seio do francês a dificuldade que provém do canto. A explosão poética faz saltar cristais translúcidos e perfeitos da matéria amorfa e cinzenta do escrito».

Se lhe perguntarem qual é o papel de um poeta num fim de

século em que, como as águas do Dilúvio, as águas do cálculo egoísta e gelado tudo cobrem, Vigée evocará a figura de Benjamin Fondane, também exilado, queimado e reduzido a cinzas.

«Descobri-o na América, fez-me ver a grandeza do fracasso de Baudelaire, dandy fascinado pelo nada e por ele engolido. Li mais tarde os seus poemas, mas o *Ulysse*, que iguala o que de mais vertigi-

noso já foi composto, nunca deixa de me acompanhar. Fondane é uma figura que faz recuar até à insignificância a maior parte dos «achados» e das «imagens» da poesia moderna.

«Sou também sensível à obra e à presença de alguém como Yves Bonnefoy, que põe em causa, à sua maneira, a tradição ocidental, a mistura de retórica com a devoção pelos ícones. A imagem deve dissolver-se até se fazer «respiração» e o poeta é então apenas aquele que levanta em frente de si uma escada de mão.

«Em habraico, as letras são traços incompletos, pois as vogais não escritas nascem na voz de quem as pronuncia. Assim descobri a flexibilidade, a dança e o espaço do verbo. *L'Extase et l'Errance* começou por ser improvisado em duas horas de transe, a 30 de Julho de 1980, durante as jornadas poéticas da Cartuxa de Villeneuve-lès-Avignon. Re-escrevi depois aquilo que tinha «tirado», em três palavras, em Jerusalém. Como na «Tora da vida», em que o braço do oficiante, o movimento dos seus olhos e o seu murmúrio produzem uma palavra total, desconhecida do homem-robot, atravessamos toda a sala de baile, ridículos e visionários. Mas é preciso nunca deixar de rir! A letra hebraica ilumina um texto errante, roça por um rolo móvel, nunca este rolo será definitivamente fixado nem selado».

RAPHAËL SORIN

(1) A sair nas Éditions Grasset, col. «Figures».



(Desenho de Bérénice Cleve).